



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**

GRACIELE SIMÕES SAMPAIO DIAS

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO

**FEIRA DE SANTANA
2019**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS
Avenida Transnordestina, S/N – Bairro Novo Horizonte – CEP 44.036-900
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br www.profletras.uefs.com.br

GRACIELE SIMÕES SAMPAIO DIAS

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO

FEIRA DE SANTANA
2019

GRACIELE SIMÕES SAMPAIO DIAS

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Letras, oferta do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Flávia Aninger de Barros Rocha

**FEIRA DE SANTANA
2019**

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado

D532q Dias, Graciele Simões Sampaio
Quem conta um conto aumenta o espanto / Graciele Simões Sampaio
Dias. – 2019.
186f.: il.

Orientadora: Flávia Aninger de Barros Rocha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras -
PROFLETRAS, 2019.

1. Letramento literário - Contos. 2. Leitura – Estudo e ensino. 3. Língua
Portuguesa – Estudo e ensino. 4. Incentivo à leitura. I. Rocha, Flávia
Aninger de Barros, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana.
III. Título.

CDU: 372.41:82-34

TERMO DE APROVAÇÃO

GRACIELE SIMÕES SAMPAIO DIAS

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Flavia Aninger de Barros Rocha
Orientadora, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

Prof^ª. Dr^ª. Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas - Primeira Examinadora

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto – Segundo Examinador

Feira de Santana, 27 de março de 2019

A **Deus**, que traçou todos os seus projetos e realizou os meus sonhos mais longínquos;
À memória do meu avô, **Sinésio Simões**, contador de causos que ajudou a despertar em mim o encantamento pelas histórias;
À minha mãe, **Dalva**, que com sua sabedoria infinita, apresentou a mim os primeiros contos.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que segurou a minha mão e não deixou que as adversidades abalasse os seus planos maiores para mim;

À minha **mãe**, que me ensinou a manter um sorriso no rosto e uma força inabalável.

A meus **irmãos**, meus pilares, companheiros, exemplos de caráter e fé;

Ao meu filho primogênito, **Benício**, que me ensina todos os dias que as coisas mais importantes da vida não são coisas. Obrigada, filho, pela oportunidade de aprender com sua pureza, seu carinho e sua sensibilidade;

A minha filhinha caçula, **Maria Flor**, que em meu ventre já acompanhara meus estudos no Profletras, por lá escutou muita coisa e se tornou essa Florzinha esperta e inteligente;

Ao meu esposo, **Rafael Dias**, pela cumplicidade, cuidado e pelo suporte dado a mim nesses dois anos difíceis. Foram tantas idas e vindas à Universidade e você sempre esteve disposto a facilitar o meu trajeto e a apoiar as minhas decisões;

A minha professora e orientadora, **Flávia Aninger de Barros Rocha**, pela sabedoria em guiar os meus passos. Sua serenidade e confiança foram essenciais para a continuação da minha caminhada;

Aos meus sogros, cunhados (as), amigos, tios, tias e primas, por sempre torcerem por mim;

Ao **Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda**, sua equipe gestora e meus colegas professores que facilitaram a aplicação desse projeto;

Aos **estudantes** da turma 8º ano que me receberam de braços abertos e me ensinaram a arte de ouvir, de repensar sobre a minha práxis pedagógica;

A minha **turma** do Profletras: acolhedora, amiga, divertida, inspiradora. Em especial, agradeço ao amigo **Gleidson**, pela generosidade e disposição para com todos nós;

Às meninas, membros de minha equipe, nos trabalhos acadêmicos: **Camila**, com sua simplicidade e carinho, que muito contribuiu conosco; **Jeane**, minha fiel companheira do trajeto até a UEFS, parceira nos trabalhos grupais, aluna dedicada, amiga de todas as horas, de todos os papos, que levarei para a vida toda!

Ao mestrado em Letras da **UEFS** e aos queridos professores do programa que compartilharam saberes e mediaram os conhecimentos necessários para nos tornarmos um profissional melhor.

A uva e o vinho

Um homem dos vinhedos falou, em agonia, junto ao ouvido de Marcela. Antes de morrer, revelou a ela o segredo:

- A uva – sussurrou – é feita de vinho.

Marcela Pérez-Silva me contou isso, eu pensei: se a uva é feita de vinho, talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é.

(GALLEANO, 2018, p. 16).

RESUMO

A presente pesquisa objetiva favorecer o desenvolvimento da competência leitora dos estudantes por meio de práticas de oficinas de letramento literário com o gênero textual conto. O método para a realização desse trabalho encontra-se sob a perspectiva de uma pesquisa de intervenção, que se caracteriza, segundo Damiani (2012), como pesquisas aplicadas semelhantes à pesquisa-ação, que visam planejar, implementar e avaliar práticas pedagógicas com objetivos de melhorar as aprendizagens dos alunos participantes do estudo. A metodologia adotada para dar forma a esse projeto é a sequência didática, pois através dessa prática a aprendizagem é construída sob um amplo conjunto de situações com continuidade e relações recíprocas. Foram utilizados os pressupostos teóricos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Cosson (2017), Jouve (2002), Silva (2009), Zilberman (2012), dentre outros. O lócus da pesquisa é um Colégio Estadual, situado num distrito de Feira de Santana, Bahia. Os sujeitos da pesquisa foram os 14 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da referida escola. Os instrumentos de coleta de dados foram questionários, estudos em grupo, rodas de leitura, depoimentos e produções textuais (inicial e final). A análise dos dados da intervenção revelou a pouca influência da família dos estudantes no incentivo à leitura, levando a escola e o professor ao papel de protagonistas na promoção da leitura, atividade capaz de ampliar o poder de observação e criticidade dos alunos, ajudando-os na construção de si mesmos buscando os novos sentidos e as múltiplas compreensões que a literatura oferece.

Palavras-chave: Conto. Letramento Literário. Oficina de Leitura.

ABSTRACT

This study had as its aim to promote the development of the reading competence of students through practices of literary literacy in the form of workshops, using the short story as literary genre. The methodology used was the intervention research which characterizes, according to Damiani (2012), an applied research similar to Action Research that plans, implements and evaluates pedagogical practices with the objective of improving the students learning process in the study. The didactic sequence was chosen as the form for this method, since this practice provides an ample set of situations with continuity and reciprocal relations. The theoretical support was based on Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Cosson (2017), Jouve (2002), Silva (2009), Zilberman (2012), among others. The locus of the research was a public school in a district of Feira de Santana. The subjects were students of an 8th grade class of the school. The instruments for the data collection were questionnaires, group studies, reading circles, testimonials and text productions. The analysis of the data revealed that the students' families have little influence concerning the incentive to reading, fact that leads the school and the teacher to the role of protagonists in the promotion of reading, activity that can enhance the students' capabilities of observation and critical thinking, helping them in the process of building themselves, as they search for new meanings and multiple comprehensions that Literature can offer.

Key-words: Short Story. Literary literacy. Reading workshops.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema da sequência didática apresentada por Dolz e Schneuwly	35
Figura 2 – Esquema da Sequência Didática apresentado por Costa-Hübes (2008)	36
Figura 3 – Esquema da sequência didática apresentada por Barreiros e Souza	36
Figura 4 – Sequencia didática do projeto	37
Figura 5 – Primeiro dia da intervenção	42
Gráfico 1 – Idade dos alunos	44
Gráfico 2 – Reprovação	44
Gráfico 3 – Hábito de leitura da família	45
Gráfico 4 – Frequência à biblioteca.	45
Gráfico 5 – Momentos de contação de história	46
Gráfico 6 – O que gostam de fazer nas horas vagas	47
Figura 6 – Premiação da dinâmica	49
Figura 7 – Prática pedagógica com o livro <i>Cena de rua</i>	50
Figura 8 – Estudo do livro “Cenas de Rua”	51
Figura 9 – Roda de leitura sobre o livro “Cena de Rua”	52
Figura 10 – Produção inicial pela Aluna A da intervenção	53
Figura 11 – Produção inicial da aluna B	54
Figura 12 – Produção inicial do Aluno C da intervenção	55
Figura 13 – Sorteio para o momento do conto	57
Figura 14 – Apresentação do conto “A loira do banheiro”	61
Figura 15 – Dinâmica do espelho	63
Figura 16 – Texto do Aluno C da intervenção	65
Figura 17 – Os alunos ganham um espelho de presente	65
Figura 18 – Pistas com predição do título do conto “Devolva minha aliança”	67
Figura 19 – Criação de novo final para o conto ‘Devolva minha aliança’, produzida pela aluna B da intervenção	68
Figura 20 – Tensão na pré-leitura do conto “A procissão”	71
Figura 21 – Leitura do conto “A procissão”	71
Figura 22 – Alunas apresentando a produção textual vencedora	72
Figura 23 – Professoras convidadas para escolha de melhor conto	73
Figura 24 – Texto vencedor da disputa em grupos	74

Figura 25 – Conto produzido pela aluna F da intervenção	80
Figura 26 – Conto vencedor “A morte liga”	82
Figura 27 – Premiação para a autora do melhor conto	84
Quadro 1 – Evolução nos usos dos elementos do gênero conto	85
Figura 28 – Produção final da aluna A	86
Figura 29 – Produção final da aluna B	88
Figura 30 – Produção final do aluno C	90
Figura 31 – Depoimento de aluna A	92
Figura 32 – Depoimento de aluna D	93
Figura 33 – Depoimento de aluna E	94
Figura 34 – Depoimento de aluna F	94
Figura 35 – Último encontro	95
Figura 36 – Marcas visíveis deixadas pelo projeto	95

LISTA DE SIGLAS

LP	Língua Portuguesa
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA	Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Alunos)
SD	Sequência Didática

SUMÁRIO

1 O LEITOR QUE FORMA LEITORES	14
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	22
2.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E TEXTO	22
2.2 LEITURA: MÚLTIPLOS OLHARES	23
2.3 LETRAMENTO LITERÁRIO E ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA	26
2.4 CONTO: UM GÊNERO INTENSO	31
3 METODOLOGIA	34
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA	38
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	39
4 INTERVENÇÃO: QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO	41
4.1 OS PRIMEIROS PASSOS DA SD	41
4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DO PERFIL DO ESTUDANTE	43
4.3 O CONTO SE APRESENTA	48
4.4 PRODUÇÃO INICIAL	49
4.5 MOMENTO DO CONTO: A PROPOSTA	56
4.6 MÓDULO 1: A DESCOBERTA DE SI E DO OUTRO	57
4.7 MÓDULO 2: HISTÓRIAS DE ARREPIAR	66
4.8 PRODUÇÃO DE CONTOS	77
4.9 PRODUÇÃO DE DEPOIMENTOS	92
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	104
APÊNDICE A – Planejamento detalhado da SD	104
APÊNDICE B – Questionário do perfil dos estudantes	122
APÊNDICE C – Ficha de avaliação e autoavaliação	124
APÊNDICE D – Material didático	125
ANEXOS	174
ANEXO A – Declaração do orientador	174
ANEXO B - Autorização da direção da Escola lócus da pesquisa	175
ANEXO C- Termo de Consentimento livre e Esclarecido – TCLE	176
ANEXO D- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do Menor – TALE	176
ANEXO E - Termo de compromisso do pesquisador	180

ANEXO F – Parecer do Comitê de Ética- página 1	181
ANEXO G – Parecer do Comitê de Ética- página 2	182
ANEXO H – Parecer do Comitê de Ética- página 3	183
ANEXO I – Parecer do Comitê de Ética- página 4	184
ANEXO J – Parecer do Comitê de Ética- página 5	185
ANEXO K – Parecer do Comitê de Ética- página 6	186

1 O LEITOR QUE FORMA LEITORES

Ler, apropriar-se dos livros, é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada na infância (MICHELE PETIT).

O livro e as histórias encantadas sempre fizeram parte da minha infância. Menina inquieta e cheia de invenções, para mim a vida real não bastava. Eu necessitava de outras vidas, outros mundos e outros conflitos para viver. Foi assim, entre uma história e outra, que nasceu em mim o prazer de ler e a vontade de ser professora.

Petit (2009) afirma que o gosto pela leitura, muitas vezes, deriva da voz, seja ela materna, paterna ou de alguém muito próximo, é a voz que possibilita o encontro do leitor com o texto. Fui imersa no universo literário através de contos orais narrados de memória pela minha mãe, quase sempre na hora de dormir. Também adorava as histórias de assombrações e causos engraçados que meu avô Sinésio e que minha bisavó Zulmira contavam sempre que a família estava toda reunida. Eu era muito pequena, nem sempre entendia toda a complexidade das histórias, mas estava atenta a tudo, imaginando as personagens, os acontecimentos e os cenários.

Minha família sempre teve poucos recursos financeiros, nunca ganhei um livro de presente quando criança. Na minha casa, tínhamos como material de leitura a Bíblia Sagrada, enciclopédias e muitos livros didáticos da educação infantil (estudados anteriormente pela minha irmã, primas ou outros parentes). Esses livros ficavam alojados num quartinho dos fundos, guardados numa caixa. Minha mãe a denominava “a caixa dos livros velhos” e dizia que ela era de boa serventia para os trabalhos escolares; ali tinha de tudo um pouco, alguns gibis, revistas, contos, fábulas e até uma Declaração Universal dos Direitos Humanos. Eu lia tudo, não sabia ao certo o que era essa tal de Declaração, mas lia. Aprendi a ler aos cinco anos de idade e a partir daí, tudo me interessava, tudo existia para ser desbravado. Explorando a caixa dos livros, eu não sabia ao certo o que iria encontrar, mas eu lia tudo que encontrava. Conforme Petit (2009), eu era uma leitora que caçava furtivamente; só fazia o que queria, mas às vezes, encontrava algo inesperado e era transformada.

Mesmo sem ter um grau mais alto de escolaridade, minha mãe sempre deu uma grande importância para os estudos e para a leitura; ela acreditava que somente a educação poderia transformar a condição social da família. Seu esforço se refletia nos nossos comportamentos. Meus irmãos e eu brincávamos de tudo, mas a brincadeira predileta era a disputa de leitura. Todos eram obrigados a abrir o livro, aleatoriamente, e deveriam ler o texto que aparecia. A

leitura tinha quer ter a entonação e a pontuação adequada, não era permitido tropeçar ao pronunciar uma palavra. Ganhava quem possuía uma leitura fluente e progressiva. Entre uma disputa e outra, um pouco mais tarde, percebo que todos nós, envolvidos na brincadeira, obtivemos um ganho, não havia perdedores; o universo paralelo de cada uma das histórias ia nos modificando e marcando a nossa infância. Lendo, não éramos apenas crianças pobres que moravam na região sisaleira de uma pequena cidade. A leitura, conforme Petit (2009), abriu portas para a capacidade de sonhar, nos permitindo o acesso a outros espaços, possibilitando o pertencimento a territórios diversos.

Estudei toda a minha vida na escola pública e até o ensino fundamental II não me lembro de momentos significativos de leitura promovidos pelos professores. Tínhamos aula de Português, que se resumia à gramática e interpretação de texto; não me recordo de uma aula de literatura, de apreciação do texto apenas. Transgressora como sempre fui, procurava maneiras de satisfazer minhas preferências, por estímulo de algumas amigas de classe, descobri a biblioteca da escola. No intervalo das aulas, eu adorava ler. Lembro-me de uma coleção chamada “Quem tem medo”, de Fanny Joly: cada volume tratava de uma fobia diferente: escuro, bruxa, monstro, fantasma, dentista. Era contagiante poder olhar para os nossos medos de criança nas páginas de um livro e aprender a encará-los de forma diferente, aprendendo a rir deles. Depois dessa descoberta, a ida à escola era carregada de expectativas. Como não podia levar o livro de empréstimo para casa, rezava para que houvesse alguma aula vaga para que eu pudesse permanecer mais tempo na biblioteca.

No ensino médio, tive bons momentos nas aulas de literatura, em que pudemos apreciar diversos textos e apresentar trabalhos sobre os autores brasileiros. Meu interesse era tanto que, no contra turno, fazia estudos na biblioteca municipal da minha cidade, queria conhecer mais as obras da Literatura Brasileira, viajar no tempo e nas histórias contadas por eles. Na Faculdade de Letras, ampliei o meu repertório de leituras e a escolha pelo magistério se consolidou, as atividades de apreciação do texto literário era as que mais me interessavam, participava de saraus, varais poéticos, dramatizações de romances e de grupos de estudos literários. Ainda no último semestre na academia, iniciei uma especialização em Literatura. Poucos meses após a formatura me tornei professora da rede estadual de ensino. Comecei a lecionar aos 22 anos, sem nenhuma experiência anterior como professora, exceto nos estágios do ensino médio e da faculdade. Passei por muitas dificuldades, pois trabalhava com turmas do ensino médio, com alunos poucos anos mais jovens que eu e alguns até de minha idade. Era difícil impor respeito e confiança. Na escola não havia coordenação pedagógica, portanto,

fui desenvolvendo o trabalho de maneira intuitiva, com muito estudo e com a ajuda de alguns colegas mais experientes.

No segundo ano de ensino na rede pública, surgiu a oportunidade para participar de um programa de formação continuada para professores chamado GESTAR (Gestão da aprendizagem escolar) – com foco na melhoria das aprendizagens em Língua Portuguesa. Participar dessa formação mudou a minha visão do ensino de Língua Portuguesa e contribuiu para sanar alguns equívocos na minha maneira de lecionar. A partir do GESTAR ampliei os meus conhecimentos sobre a importância do ensino da leitura e da literatura, sobre o ensino menos conteudista e mais contextualizado. Acredito que, com minhas leituras, a base recebida no Gestar e agora, cursando o mestrado profissional em Letras, tenho modificado o meu olhar sobre a minha prática e tenho tentado me reinventar dentro dessa profissão tão bela e, ao mesmo tempo, tão desafiadora.

Atualmente, leciono no Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda, lócus escolhido para essa pesquisa, localizado no distrito de Bonfim de Feira, situado a 35 km da cidade de Feira de Santana, Bahia. A unidade não possui biblioteca escolar. Embora o distrito possua uma biblioteca municipal, a frequência a esse ambiente ainda é baixa, pois o acervo e o espaço físico são pequenos, além de não se perceber o hábito da leitura nos moradores. O contato dos estudantes com o universo de obras literárias, revistas, jornais, sites, histórias em quadrinhos, dentre outros suportes de letramento é pouco comum. A maioria do público alega não possuir sequer um livro em casa, salvo a Bíblia Sagrada e os livros didáticos, recebidos no início do ano letivo na escola.

Muitos alunos chegam à Unidade Escolar com dificuldades na leitura e interpretação de textos, apresentando um processo de alfabetização incompleto ou pouco consolidado. Como consequência, temos altas taxas de reprovação e Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) baixo. Na última avaliação, feita em 2015, o Instituto Nacional de pesquisas Educacionais (INEP) mensurou 2,6 para o ensino fundamental. No ano de 2017, a unidade participou da avaliação, mas não obteve resultado, pois não atendeu aos requisitos necessários para o cálculo do desempenho, já que as turmas do ensino fundamental II possuem poucos alunos matriculados. Entendemos que essa problemática não é exclusiva da nossa escola, nem sequer do nosso estado, ela é somente a ponta do iceberg. Estamos longe de ser uma nação modelo de educação, principalmente quando tratamos de proficiência em leitura. Dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), do ano de 2015, revelam que 50,99% dos estudantes brasileiros estão abaixo do nível básico de domínio da

leitura, colocando o país na 59ª posição (uma queda em relação às pesquisas anteriores) num ranking realizado entre 70 países.

Outra pesquisa, intitulada e publicada no livro *Retratos de Leitura no Brasil*, realizada pelo Ibope, encomendada pelo Instituto pró-livro, teve sua edição mais recente, a 4ª, divulgada em 2016, corrobora com os resultados do PISA. Nela, 56% dos brasileiros afirmam ser leitores, mas apenas 23% desse percentual dominam a leitura e desses, apenas 8% dizem ter compreensão plena do que leem. A investigação é feita a cada quatro anos e a cada edição aumenta o número de pessoas que afirmam ter alguma dificuldade na leitura de textos, embora a escolaridade média da população e o número de leitores no Brasil estejam em crescimento (o PISA anterior aferiu 50%) fazendo-se necessária uma investigação mais aprofundada das dificuldades apontadas e a realização de políticas públicas eficazes, unindo esforços do estado, escola e família para assegurar aos brasileiros a conquista da proficiência leitora.

Dados desse estudo também revelaram que o Nordeste foi a única região em que não houve crescimento no número de leitores na comparação entre a pesquisa de 2011 e 2015 - nos dois anos foram aferidos 51% - o que nos faz relacionar o hábito da leitura à baixa escolaridade e baixa renda, males dos quais o Nordeste ainda padece.

Os resultados da pesquisa *Retratos do Brasil* confirmam que o gosto pela leitura é gerado na infância, sendo influenciado principalmente por mães e pais. 83% dos entrevistados que se autodenominavam não-leitores alegaram a ausência de influência familiar para a leitura. 55% dos leitores tiveram experiência de apreciação da leitura na infância, pela mediação de mãe e professor. Petit (2009) apresenta ideias semelhantes às constatações desse estudo. Conforme a pesquisadora, a leitura tem a família como grande influenciadora, mas este não é o único fator determinante. Um contexto mais amplo, ou até um ambiente com livros pode afetar a aproximação:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem-se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social ou a seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com o mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial”. (PETIT, 2009, p. 154).

Uma reflexão sobre essas palavras nos leva à questão principal dessa pesquisa: de que maneira a realização de oficinas de leitura de contos pode contribuir para a formação da competência leitora dos estudantes e favorecer o letramento literário? Diante dessa pergunta

também cabem outros questionamentos: que tipo de escola e de professor estamos trazendo para os nossos alunos? Somos aqueles que transmitem paixão pela leitura, pelo saber e pelo conhecimento? Ou somos aqueles que cumprimos as obrigações curriculares e realizamos atividades que desestimulam e afastam os nossos alunos da leitura?

Ensinando Língua Portuguesa (LP) há uma década na escola pública, essas questões me incomodam e trazem reflexões inquietantes. Dentre elas, para mim, a mais relevante diz respeito ao modo como o ensino de leitura e literatura é concebido pelas escolas, pelos professores de Língua Portuguesa e pelos livros didáticos. Geralmente, o texto em sala de aula é pouco explorado, utilizado de forma equivocada, estando, muitas vezes, atrelado a uma atividade gramatical, a interpretações rasas, exercícios óbvios ou usado para preencher um tempo de aula que não foi devidamente planejado. Marcuschi (2005), ao analisar uma diversidade de livros didáticos de Língua Portuguesa, conclui que as obras apresentam farta dose de trabalhos de compreensão textual, mas que esses exercícios reforçam uma noção errônea de decodificação e reprodução de informações; raramente há possibilidade de reflexões críticas sobre o texto que permitam a expansão de seu sentido e estimulem o raciocínio, a criatividade e as habilidades argumentativas.

Por vezes, deixamos de debater os significados de um texto e terminamos as atividades de leitura de forma superficial, deixando de oportunizar ao aluno uma experiência e reflexão discursiva enriquecedora. Conforme Lajolo (1997, p. 15-16): “Na escola, anula-se a ambiguidade, o meio-tom, a conotação – sutis demais para uma pedagogia do texto que consome técnicas de interpretação como se consomem pipocas e refrigerantes”. Zilberman (2012) também discute sobre a maneira equivocada de conceber a leitura em sala de aula, afirmando que poucas vezes a escola provoca boas lembranças de leitura; as atividades pedagógicas são vivenciadas, por vezes, como aprisionamento, controle ou obrigação.

Magda Soares (2011) critica essa maneira equivocada de lidar com a literatura na escola que, ao transformá-la em saber escolar, desfigura e distorce o sentido do texto literário, afastando o aluno de práticas de leitura que reconheçam atitudes e valores do leitor que se pretende formar. As consequências dessa conduta refletem no que Rildo Cosson (2016) chama de falência do ensino de literatura: “Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. (COSSON, 2016, p. 23). Assim, é desnecessário usar o texto literário como pretexto, ele próprio, por si, traz o potencial de grandes ensinamentos.

Em todas as unidades escolares por onde tenho passado, os problemas relacionados à leitura e escrita são os mesmos que enfrentamos hoje no Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda: os alunos chegam ao ensino fundamental II com problemas na consolidação da alfabetização, têm pouco acesso à literatura, escrevem com sérias dificuldades, não possuem estímulo para a leitura em sala de aula e, possivelmente, nem fora dela. Esses obstáculos colaboram para o baixo desempenho do estudante nas demais disciplinas escolares, levando muitos alunos à reprovação, e impacta diretamente nas avaliações externas da unidade escolar, que apresenta um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) insatisfatório.

A gestão e a equipe docente da escola sempre refletem sobre esses números em todo início de ano, no decorrer da jornada pedagógica. Todos os professores compartilham da mesma frustração: os alunos não chegam com as competências e habilidades necessárias para dar continuidade ao ensino fundamental II. Dessa maneira, estamos sempre culpando a escolarização primária, a falta de interesse do aluno, o pouco incentivo familiar para os estudos, porém não lidamos diretamente com o problema. Não nos faltam reflexões, preocupações e sugestões, mas não conseguimos colocar em prática propostas de intervenção eficazes que envolvam todos os professores. Cada um vai se ocupando de sua tarefa, das obrigações de sua disciplina, dos planejamentos de sua área de estudo. E, equivocadamente, vai competindo apenas ao professor de Língua Portuguesa o enfrentamento de muitos problemas da aprendizagem.

Se, no âmbito da leitura, o nosso aluno não chega “pronto”, cabe à escola enfrentar as dificuldades e intervir. Não basta apenas preencher relatórios, queixar-se no conselho de classe, realizar reuniões de pais e mestres. É necessário buscar formar o leitor (a) que os professores e a sociedade almejam. Se o estímulo não vem da família, que sejamos nós, professores, o elemento motivador que desperte nos alunos uma experiência significativa de leitura, de tal maneira que impulse a imaginação e favoreça a construção de significados.

Sob essa ótica, acreditando que a leitura literária não precisa estar distante do prazer de ler e que a literatura pode desempenhar um papel importante na formação do sujeito, prática social sob responsabilidade da escola, escolhi o letramento literário como tema deste projeto, que tem como objetivos: 1- favorecer a competência leitora dos alunos por meio de oficinas de contos, possibilitando a ampliação do conhecimento dos aspectos desse gênero textual; 2 - oportunizar ao estudante o contato com o texto literário, favorecendo o reconhecimento da literatura como saber cultural e estético, gerador de significação e integrador da organização

do mundo de da própria identidade; 3- implementar práticas de leitura e escrita que possibilitem a produção de contos e depoimentos de leitura.

A metodologia adotada para dar forma a esse projeto é a Sequência Didática (SD), pois através dessa prática, a aprendizagem é construída sob um amplo conjunto de situações com continuidade e relações recíprocas. O conhecimento se constrói de forma gradual e contextualizada, levando em consideração os saberes dos alunos, para, depois, chegar aos novos níveis de que eles precisam se apropriar. Concebendo o conteúdo como parte de um todo, a sequência didática serve bem para o estudo de gênero textual pois, a cada encontro, o aluno vai conhecendo as particularidades do gênero, exercitando a oralidade e a escrita para, mais adiante, construir uma produção final.

O gênero escolhido para a aplicação da SD foi o conto, trabalhado por meio de oficinas de leitura. A escolha desse gênero textual justificou-se devido ao fato de os alunos já o conhecerem, mas de não terem o pleno domínio de sua elaboração e organização. Nesse sentido, o trabalho proposto pretendeu ampliar o conhecimento dos alunos sobre o gênero, visando também o desenvolvimento da capacidade crítica e criativa dos alunos. Esses momentos de contato mais próximo com o conto apresentam um potencial humanizador de incentivo à construção de sentidos do texto literário. Esse precisa ser dessacralizado e levado ao lugar do debate, das discussões e dos questionamentos, no âmbito escolar. Cosson (2016, p. 29) confirma que “a análise literária, [...] toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos”.

Dito isso, cabe ao professor, ao abordar o texto literário em sala aula, gerar estratégias para uma ampla exploração e, diante dele, favorecer a ampliação do poder de observação e criticidade dos alunos, buscando os novos sentidos e as múltiplas compreensões que a literatura oferece.

Sob essa ótica, este estudo encontra-se organizado em cinco seções, a saber: a primeira seção denominada “O leitor que forma leitores” é introdutória, apresenta ao leitor o percurso da pesquisadora enquanto leitora e professora, os objetivos, a problemática e a questão da pesquisa; a segunda seção é intitulada “Considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa” e traz as discussões dos teóricos sobre a importância de saber qual a concepção de língua adotada pelo professor e o que essa escolha acarreta no trato com o texto na sala de aula; também há definições de leitura, letramento, com discussões sobre a forma mais adequada de inserir a literatura na sala de aula, abordando a relevância do estudo do gênero conto nas escolas. A terceira seção trata dos pressupostos metodológicos abordados na pesquisa,

enfatizando a eficácia do trabalho com a sequência didática nas escolas, detalhando a organização da SD criada para esse trabalho; também há uma descrição sobre o lócus e os sujeitos da pesquisa. Na quarta seção apresenta-se o passo a passo da intervenção com um relato de experiência sobre todos os encontros. A quinta seção traz as considerações finais, em que se apresentam reflexões sobre todas as experiências vividas pela pesquisadora durante a aplicação do projeto, ressaltando as aprendizagens adquiridas e os novos desafios que precisam ser enfrentados no ensino de LP.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os rumos do ensino de Língua Portuguesa nas escolas perpassam pelo viés ideológico daquele que ensina, ou seja, do conjunto de crenças do professor. Olhando para trás, na nossa vida escolar, certamente, tivemos os mais variados perfis de professor de Português. Alguns estão demasiadamente preocupados em seguir à risca a gramática tradicional, outros tratam a língua como um código, estando o sujeito a serviço desse código, outros concebem a linguagem como um instrumento de interação humana. Temos, então, respectivamente, as três concepções de língua, conforme Geraldi (2012): a) expressão do pensamento; b) instrumento de comunicação; c) forma de interação.

2.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E TEXTO

Para Koch (2015), a concepção de sujeito da linguagem está subordinada à concepção de língua adotada; assim, o primeiro conceito considera o sujeito individualmente, como proprietário único de seu discurso que coloca a língua a sua disposição, acreditando que seu enunciado não tem origem, nem história. O sujeito percebe o texto como produto do pensamento do autor, cabendo ao leitor apenas a recepção e a absorção de todas as ideias e crenças do produtor.

A linguagem como forma de comunicação revela um sujeito “[...] que não é dono de seu discurso e de sua vontade; sua consciência, quando existe, é produzida de fora e ele pode não saber o que faz e o que se diz” (KOCH, 2015, p. 15). Esse tipo de sujeito não possui senso crítico suficiente para tomar consciência de que sua maneira de pensar e agir está subordinada à ideologia incutida pelo sistema. O texto aqui é visto como um produto acabado da codificação emissor e receptor, cabendo a esse, o receptor, o papel passivo de decodificador da mensagem, somente.

A terceira concepção de língua, como instrumento de interação social, é a que melhor possibilita a formação integral do sujeito, pois o considera como entidade psicossocial (KOCH, 2015), que se estabelece e se reconhece através da interação com o outro; os sujeitos são atores de seu próprio discurso e plenamente conscientes da sua importante interação com a sociedade. Nessa atividade interativa, o texto é o motor que estimula a produção de sentidos e a multiplicidade de compreensão do leitor dialógico. “Essa posição toma a língua como uma atividade sociohistórica, uma atividade cognitiva e atividade sociointerativa” (MARCUSCHI, 2008, p. 60).

Entendemos que esse último conceito de linguagem, de sujeito e de texto é o que melhor fundamenta esta pesquisa e o trabalho de intervenção. Aqui, pretende-se que a língua e a literatura não sejam objetos de alienação e de aprisionamento. Dessa maneira, a escolha de textos e a organização da sequência didática buscou considerar o contexto histórico-social dos estudantes, ajudando-os na experimentação cultural e linguística, dando ênfase na formação da sua criticidade e autonomia.

2.2 LEITURA: MÚLTIPLOS OLHARES

A leitura tem sido o centro do debate em quase todas as escolas. Muitas já se conscientizaram de que, sem a valorização e exploração da leitura, não haverá avanços relevantes nas aprendizagens. Porém, tratar com o tema da leitura requer uma reflexão sobre o seu conceito. Silva (2009), em seu livro *Leitura Literária & Outras leituras*, no capítulo “O leitor que forma leitores”, trata de vários conceitos de leitura e menciona alguns tipos: leitura mecânica, leitura de mundo e leitura crítica.

A leitura mecânica, segundo Silva (2009), consiste apenas no ato isolado de decodificar signos, de traduzir o que está escrito. Este seria um nível elementar de leitura, o que Jouve (2002) chama de processo neurofisiológico, ou seja, que depende do funcionamento do aparelho visual e das múltiplas funções cerebrais: “Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos” (JOUVE, 2002, p. 18). Essa primeira concepção mais concreta da leitura não é menos importante do que as demais, pois é a partir dessa primeira competência que o sujeito avançará para as demais etapas de leitura.

Um outro conceito de leitura, amplamente debatido por Silva (2009) e por muitos estudiosos, é a leitura de mundo, como bem compreende Paulo Freire (2004) ao afirmar que, ao nascermos, já temos a capacidade cognitiva de ler, perceber e interagir com o mundo a nossa volta. Essa habilidade encontra-se num processo contínuo de construção e só se encerra no fim da vida. A leitura de mundo precede a leitura mecânica e deve se aliar a ela para ganhar significância. Essa habilidade de ler o mundo, trazida por todos nós, deve ser levada em conta na alfabetização dos sujeitos, pois somada a ela, a aprendizagem se tornará relevante. Freire (1989) acrescenta que leitura da palavra e leitura de mundo não apresentam uma relação dicotômica, ao contrário, ambas estão dinamicamente juntas. A educação, ato político que jamais apresentará neutralidade, deve partir do aprendizado da palavra inserida no contexto do educando, não apenas do universo do educador. Corroborando com essas

ideias, Boff (1999, p. 20) completa: “Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam”. Assim, para entendermos o outro, temos que levar em consideração sua origem, sua história e seu ponto de vista.

Por fim, temos a leitura crítica, que se alia aos dois primeiros sentidos e requer uma transformação do leitor, um treino e um aprendizado constante, que deve ser conduzido pela escola. Essa, conforme Silva (1995), deve conduzir o texto para além dos atos não-criativos e das atividades superficiais. A leitura deve ser uma caminhada para a transformação, emancipação e para a libertação dos leitores:

A passos largos, temos de imediatamente construir uma atmosfera de interlocução nas salas de aula, para que as atividades de ler não ofusquem as atividades de falar, discutir, contar, debater, ouvir, escrever, etc. Atividades que, frontalmente e a passos largos, podem destruir a pedagogia do silêncio em nossas escolas e permitir vozes dos sujeitos estudantes possam ser cruzadas, intercambiadas em esquemas de comunicação autêntica, menos artificiais, postigos, conservadores e autoritários (SILVA, 1995, p. 14).

Silva (1998) reconhece que, através da leitura crítica, o sujeito combate o conformismo e a escravização das ideias. Diante da interação com o texto, este autor explicita três posturas distintas do leitor: ler as linhas, ler as entrelinhas e ler para além das linhas. Essa última postura seria a tarefa do leitor crítico, que além de leitor, precisa ser questionador e investigador, assumindo uma maturidade leitora suficiente para criticar e estabelecer juízo de valor após a interação com a leitura.

Como vimos, o processo de leitura não se encerra na identificação e memorização de signos, nem somente no conhecimento de mundo dos indivíduos. Ler é uma atividade complexa que exige, segundo Gurgel (1999), um processo de produção de sentidos, envolvendo um “tornar-se leitor” e um “tornar-se texto”. A autora compara o leitor a uma aranha que, ao mesmo tempo em que tece, segrega a substância com a qual vai tecendo a sua teia. Assim também, o leitor, à medida que lê, projeta seu conhecimento de mundo, seu conhecimento textual, e daí, vai tecendo com o outro, através do texto, sua individualidade:

[...] a obra é mais que algo puramente objetivo, ela interage com a experiência inalienavelmente subjetiva do leitor. Nela o leitor intervém de modos diversos, “preenchendo lacunas”, *suplementando* significações, construindo por fim sentido, mantida a relação de compromisso com o texto, que provoca sua resposta (YUNES, 2002, p. 21, grifo do autor).

Leitura, leitor e texto são elementos interdependentes no aprendizado. Sobre esses termos, Gurgel (1999) completa que, etimologicamente, texto é originário do latim *textum*, que significa tecido; ler, por sua vez, vem de *leger*, o ato de colher, juntar. Cabe, assim, ao leitor a função de recolher as palavras que, tecidas, vão construindo e dando significado às histórias de leitura.

Para que o percurso das leituras seja significativo há de se considerar a necessidade de um trabalho, nas escolas, que evidencie a leitura e a produção de textos, levando os estudantes à posição de sujeitos do discurso. O texto deve ser considerado como destaque nas atividades de LP, é ele que abre portas para os demais estudos sobre a língua.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1998) preconizam um ensino de leitura comprometida com o exercício da cidadania, centrado no texto como unidade básica de ensino e na diversidade de gêneros, para assim cumprir o objetivo principal do ensino fundamental: criar condições para que o aluno desenvolva sua competência discursiva na sociedade.

Para tanto, o texto precisa ser devidamente explorado na sala de aula, de modo que ultrapasse os meros exercícios mecânicos do livro didático, as perguntas óbvias e as atividades desconexas da gramática normativa, que não levam a nenhum entendimento. A esse respeito Lajolo (1997, p. 62) afirma: “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”.

A obra literária precisa deixar de ser apenas objeto de admiração, para ser problematizada e debatida. Zilberman (2012) discute sobre essa visão de literatura que, por vezes, não faz parte do horizonte de entendimento do estudante: “[...] porque, de um lado, [a literatura] continua ainda sacralizada pelas instituições que a difundem, de outro, dilui-se no conceito vago de texto ou discurso” (ZILBERMAN, 2012, p. 195). Sob essa perspectiva, não adianta colocar a obra literária num pedestal inquestionável; o aluno precisa concordar ou discordar, gostar ou não, duvidar, levantar hipóteses, fazer analogias. Todos esses processos transformam o aluno, que passa de “ledor”, termo usado por Jouve (2002) para denominar o indivíduo que lê o texto, mas que não se aprofunda nele, para leitor crítico ou “leitante” – aquele que se interessa pela complexidade da obra e reflete criticamente.

Esse é o diferencial do trabalho com o texto literário, muito além de apenas uma viagem a outros tempos, ele envolve modos de leitura específicos que ajudam na formação do leitor que, enquanto lê, é também trabalhado pelo texto, ressalta Pietri (2009).

Em plena era da informação e da comunicação, não podemos contribuir para a formação de pessoas que apenas decifram palavras, comentam os textos superficialmente ou

reproduzem informações, sem ao menos saber ao certo o seu real sentido. Carvalho (2008) discute o crescimento de pessoas, na contemporaneidade, que emitem opinião sobre tudo, mas não sabem ao certo sobre o que estão falando, nem percebem quando não entendem algo, para a autora, alguns professores também podem se enquadrar nesse tipo de sujeito contemporâneo, quando desconhecem a necessidade de esforços sistemáticos que fomentam a capacidade de o aluno ler um texto de maneira rigorosa.

O papel da leitura, na escola e fora dela, é formar cidadãos autores de seus próprios discursos, capazes de promover a transformação no contexto social no qual estão inseridos.

2.3 LETRAMENTO LITERÁRIO E ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA

Não é possível abordar o tema da leitura significativa na escola sem trazer o conceito de letramento que, segundo Kleiman (2005) corresponde ao uso da língua escrita, não somente na escola, mas em toda sociedade. Os indivíduos que não são alfabetizados também estão imersos no mundo do letramento, pois participam de uma sociedade que centra a suas atividades em práticas simbólicas, que envolvem a leitura e a escrita.

Ensinar o letramento é uma forma de inserir o aluno no universo das palavras, estimulando-o a contextualizar saberes e experiências, ajudando-o a “compreender os sentidos numa determinada situação, de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito” (KLEIMAN, 2005, p. 11). Embora as práticas de letramento não se limitem somente à escola, cabe a ela o papel de mediadora entre os saberes antigos e os novos, oportunizando ao aluno um aprendizado que provoque a reflexão sobre a realidade. Cabe à escola trabalhar para a formação da competência leitora, ensinando o aluno a ler de maneira formativa. Esse tipo de leitura, segundo Cosson (2017), pode ser fomentada através da literatura, proporcionando o acesso a uma grande diversidade de textos, com uma multiplicidade de formas e pluralidade de temas.

Todos esses desdobramentos permitem ao leitor uma liberdade de conhecer e de ser, habilidades que nenhuma outra leitura poderá oferecer, pois toda leitura literária é um diálogo com o mundo e conosco mesmos. Na sala de aula, o texto literário deve ser ensinado, conforme Barbosa (2011), sem ferir a experiência da autonomia e da liberdade. No entanto, ainda hoje, em algumas escolas, nos deparamos com atividades de leitura e escrita centradas apenas na memorização e na mecanização, desvinculadas dos usos sociais da leitura. Prioriza-se uma linguagem vazia, artificial, sem condição de interação e diálogo. O texto literário, que pode ser rico e humanizador, vai se transformando num exercício enfadonho, improvisado e

maçante, ou seja, estamos diante de uma literatura inadequadamente escolarizada, ou excessivamente didatizada:

Não é de hoje que parece haver uma indeterminação do que seja literatura e para que devemos ensiná-la. Apesar de todos os esforços envidados nas últimas décadas, o ensino de literatura tem sido confundido com o aspecto das “moralidades”, em um didatismo crescente (CARVALHO, 2008, p. 80).

A literatura, principalmente no ensino fundamental, ainda é utilizada para discutir questões pedagógicas, civilizadoras, moralizantes e educacionais. Ao texto literário, não cabe esse utilitarismo ainda vigente, nem tampouco seu uso como pretexto para a realização de atividades puramente gramaticais ou como modelo simplificado de análise textual. Para Carvalho (2008, p. 81), “A palavra literária nos atinge como puro Gozo, por isso deve marcar sua diferença em um mundo em que toda e qualquer coisa precisa estar revestida de utilidade”. Embora o texto literário sempre nos ensine algo e nos faça refletir, o trabalho com ele não precisa estar revestido de obrigações pedagógicas desconexas. Conforme Zilberman (2012, p. 39), “[...] a leitura proposta pela escola não se justifica sem exibir um resultado que está além dela. Sem a exposição de finalidade situada mais além que dê visibilidade e sentido ao trabalho de textos escritos, o ensino de leitura ou a própria leitura não se sustentam”.

Atualmente, mesmo com as reformulações do ensino de Língua Portuguesa, promovida pelos PCN (1998), com a acessibilidade dos cursos de capacitação de professores e programas de formação continuada, a maioria dos educadores se questiona sobre o lugar da literatura na escola e qual sua relevância, além daqueles que contestam sobre a sua necessidade. Cosson (2016) debate o uso equivocado dos textos literários na escola, tanto no ensino fundamental, onde ele é usado para ensinar o aluno a ler e a escrever e formá-lo culturalmente, quanto no ensino médio, em que, frequentemente, se estuda a cronologia literária, a história da literatura brasileira, dados biográficos do autor e estilos de época. Dialogando com essas ideias, Barbosa (2011) ratifica que, no âmbito educacional, é comum a reprodução de um modelo pragmático de ensino que tem permitido “saber sobre” literatura, sem efetivamente “ler” literatura. Às vezes, o próprio professor não tem gosto pela literatura, nem tem o hábito de ler, prejudicando mais ainda o ensino significativo da disciplina.

O texto literário começa a ocupar esse lugar inadequado a partir de alguns livros didáticos, que não priorizam uma análise textual que estimule a imaginação e a criatividade. Marcuschi (2005), na obra *O livro didático de Português*, escrita em conjunto com diversos autores, traz um capítulo dedicado ao tratamento que a compreensão textual recebe nos

materiais didáticos, desde os mais antigos até aos mais recentes. Segundo o autor, o livro didático de Português, já passou por mudanças importantes e por melhorias, mas mesmo assim ainda não satisfaz aos critérios para um letramento eficiente; os autores dessas obras dão grande relevância ao trabalho com a compreensão textual, havendo farta dose de exercícios nesse campo, mas a natureza dessas atividades não incentiva a formação de opinião e prioriza, por vezes, a reprodução de informações; “[...] os textos dão a impressão de serem monossemânticos e os sentidos únicos]” (MARCUSCHI, 2003, p. 52).

Em muitos livros didáticos, os textos literários são apresentados em fragmentos, por vezes descontextualizados e parecem ser utilizados apenas para apontar características dos estilos de época literários. A esse respeito, Regina Zilberman (2012, p. 186) afirma: “A literatura é miniaturizada na condição de texto, e o livro, como representação material daquela, desaparece, a não ser quando substituído pelo próprio livro didático, exemplar único a espelhar, na sua fragmentação, a categoria geral e uma classe de produtos.”. Completando essas ideias, Soares (2011) destaca que muitos materiais didáticos não utilizam estratégias que compensem tal fragmentação dos textos literários; esses, afirma a autora, deixam de cumprir o papel de emocionar, entreter, provocar prazer, para tornar-se um texto (mal) estudado através de exercícios centrados no conteúdo, nas informações, ao invés da recriação literária.

Zilberman (2012) relata que, desde o seu surgimento, o livro didático carrega a função de difundir a literatura, que sempre foi tratada como modelo singular de expressão, exemplo de regras do bom uso da língua falada e escrita. A formação literária, proposta para o livro didático, priorizava o ensino das letras, da escrita e dos gêneros considerados nobres: descritivo, narrativo e oratório. De acordo com a autora, o modelo geral de livro didático compunha-se de fragmentos de livros. Muitos deles apresentavam-se descontextualizados já desde a época do seu surgimento, principalmente no Brasil, em que, a partir do século XIX, com a laicização da educação, passamos a importar da Europa, livros didáticos, professores e diretores de escola. Somente a partir da segunda metade do século XIX, no período republicano, a indústria livreira no Brasil se expandirá, passando a ter escritores brasileiros com obras destinadas ao público estudantil. No começo do século XX, o modelo de literatura difundido pela escola manteve o trabalho com o texto literário de forma fragmentada, isolando o texto da obra literária, repetindo um modelo que, ainda hoje, não passou por grandes modificações, certifica Zilberman (2012).

Na contramão de tantos desencontros e equívocos é preciso reafirmar o caráter transformador da leitura literária que, muito além das pedagogias moralistas, sem o peso da

obrigação, permite ao estudante uma experiência particular, que pode gerar novos significados nas relações sociais e permitir a construção do indivíduo:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é uma incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2016, p. 17).

Corroborando com as ideias de Cosson, Zilberman (2012) afirma que o mundo representado pelo texto literário não é completo e acabado, contendo muitos pontos de indeterminação; esses serão preenchidos pela disponibilidade do leitor de reunir aspectos, sequência de imagens e acontecimentos que emprestarão significados à obra. Para isso, cabe ao professor criar condições para que a leitura e as discussões do texto em sala de aula sejam uma prática significativa. Quando usamos o termo “discutir”, nos referimos à interação produtiva entre o texto e o leitor. “A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário [...]. O texto, estruturalmente incompleto, não pode abrir mão da contribuição do leitor.” (JOUVE, 2002, p. 62).

Uma análise literária mais cuidadosa convida o leitor a se inserir, já que este também é parte da obra e sua razão de existir. Esse é convidado a agir sobre o texto e fora dele. Uma vez interagindo com a obra literária, o sujeito é convidado a um exercício de reflexão sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo que o cerca. Envolvido e imerso no texto, o leitor, segundo Jouve (2002), esquece momentaneamente sua existência, ao mesmo tempo em que modifica o seu olhar, obtendo novas perspectivas sobre si e sobre o mundo, comprovando que a literatura é “plena de saberes sobre o homem e o mundo” (COSSON, 2016, p. 16).

Pesquisas, estudos e a nossa experiência pessoal como leitores mostram a força da leitura na transformação de um indivíduo e de um grupo cultural. Michele Petit (2009) retrata experiências de sucesso, fora da escola, em que a literatura foi usada como escudo no enfrentamento das dificuldades diárias, tais como a pobreza, os conflitos armados, as tragédias, as migrações populacionais, dentre outras situações. Partindo de um diálogo com grupos de leitura de várias partes do mundo, entre os quais temos exemplos de experiência do Brasil, do México e da Colômbia, a pesquisadora aborda a capacidade da literatura de promover a construção ou reconstrução dos sujeitos, em momentos particularmente difíceis: “Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior” (PETIT, 2009, p. 115).

De maneira despretensiosa, a representação simbólica do texto narrativo pode ajudar o leitor na construção do sujeito crítico e reflexivo sobre suas relações com o mundo, como confirma Ivete Walty (2005, p. 152): “[...] ao encenar textualmente as diferentes vozes que constituem a realidade, a literatura, sem dar lições de moral, de ética ou de política a seus leitores, pode levá-los a pensar, enquanto vivem o prazer de ler”. Dessa forma, ainda que não seja pela presença do texto literário tradicional em livro, podemos afirmar que o ser humano necessita da ficção para entender e enfrentar a própria realidade: “O que a leitura permite, portanto, é a descoberta de sua alteridade. O ‘outro’ do texto, seja do narrador seja de uma personagem, sempre nos manda de volta, por refração, uma imagem de nós mesmos” (JOUVE, 2002, p. 132)

Se recorrermos a nossa memória leitora, o mais comum é revivermos experiências da nossa infância, em que os primeiros textos aos quais tivemos acesso foram aqueles contos orais, narrados pelo pai, mãe ou familiar mais próximo. Conforme Petit (2009), essas narrativas, tão cheias de fantasia e de simplicidade, ajudam escolas, famílias ou outros grupos sociais a estabelecerem uma relação de cumplicidade, abrindo caminho para a exploração das emoções, para a reflexão interior e para o diálogo.

Esse tipo de retorno à subjetividade, essa experiência de autorreflexão após a leitura literária ainda precisa ser explorada pela escola, para que essa cumpra a missão de formação do leitor. Zilberman (2012, p. 45) propõe um questionamento importante às instituições de ensino: “Porque a escola não pode aprender com a literatura em vez de ensiná-la?”. A escola precisa rever a forma com que a literatura está inserida no currículo. Desatrelada do encantamento com a palavra, do prazer de ler, a escola apenas vai reproduzindo ações do sistema capitalista que impera na sociedade, dando demasiada importância ao produto (nesse caso: notas e exercícios) ao invés da atividade em si (a leitura). (GERALDI, 2012).

O diálogo com o texto literário deve provocar reflexões e ultrapassar o preenchimento das fichas de leitura ou apenas o estudo de elementos estruturais dos diferentes gêneros textuais. “Os alunos, quando convidados a se manifestarem sobre um texto, acabam apresentando paráfrases ou ainda selecionam trechos dispersos sem um fio condutor.” (CARVALHO, 2008, p. 49). Essas atividades aprisionam o aluno às obrigações do texto e impedem o ecoar das múltiplas vozes do texto literário.

2.4 CONTO: UM GÊNERO INTENSO

Atualmente os estudos de Língua Portuguesa estão centrados na abordagem dos gêneros textuais. Pesquisadores de diversas áreas também tem se interessado pela temática, tornando o estudo cada vez mais multidisciplinar, assegura Marcuschi (2008). É comum encontrarmos o livro didático de Português com uma seleção grandiosa de gêneros do discurso a serem estudados na escola. Todas essas obras têm em comum a necessidade de adequação às diretrizes sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) cujas discussões orientam que o ensino de Língua torne o aluno capaz de desenvolver sua competência discursiva nas demandas sociais, sugerindo à escola um estudo do texto centrado no gênero, não apenas um único, mas uma gama de possibilidades, procurando priorizar aqueles estão em crescente circulação na sociedade.

De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros se materializam nas situações de comunicação diversas “[...] apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composição funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.” (MARCUSCHI, 2008, p.155). Conforme Bahktin (1997) esses três elementos: conteúdo, estilo e construção composicional, se fundem na formação do enunciado (que varia de acordo com esfera da comunicação) e são indissolúveis: “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1996, p. 280).

Dessa maneira, mesmo possuindo particularidades no modo de narrar, o conto possui características comuns que ajudam a enquadrá-lo como um gênero (GOTLIB, 1985), inserido tipologicamente como um texto narrativo. A necessidade de narrar, de contar algo real ou fictício é inerente ao ser humano. Petit (2010) afirma que a narrativa é uma necessidade antropológica, seja para amenizar a tristeza, aliviar a dor, para revelar os nossos medos, expor as nossas alegrias ou como forma de escapar de crises. A arte de contar está presente na nossa cultura e sofremos essa influência, por vezes, até mesmo antes de nascermos. Ainda na gravidez, as mães são motivadas a contarem histórias aos seus bebês, como uma forma de torná-los mais inteligentes, mais sensíveis e se familiarizarem com a nova morada fora do útero materno. Na infância, o hábito de contar histórias antes de dormir perdura em muitas famílias.

Desde os tempos mais remotos, a humanidade conta histórias, assegura Gotlib (1985), sendo praticamente impossível localizar onde se iniciou essa cultura, seja no Egito antigo, nos

tempos bíblicos, em textos literários do mundo clássico greco-latino ou nos Contos do Oriente, o importante é reconhecer a força da contação de histórias através dos tempos. No princípio, elas eram transmitidas oralmente; já no século XIV, o conto ganha um registro escrito e vai se afirmando como categoria estética, como aconteceu com os contos eróticos de Bocaccio, traduzidos para muitas línguas. O conto moderno surge no século XIX, com os irmãos Grimm registrando os contos populares e realizando um estudo comparado sobre eles, e com o americano Edgar Allan Poe se consolidando como contista e teórico do conto, admite Gotlib (1985).

A história do conto nasce na “arte de inventar um modo de representar algo” (GOTLIB, 1985). Um grande exemplo dessa capacidade de invenção está na narrativa mais famosa da literatura Árabe, *As Mil e uma Noites*. Sheherazade é obrigada a exercer a criatividade, inventando histórias que instigassem a curiosidade do rei, garantindo a sua sobrevivência noite após noite, e termina conquistando o rei, que fica maravilhado com o drama, aventura e suspense narrado nas tramas. Sendo fisgado pela literatura, o rei nem percebe a passagem do tempo e quando se dá conta, já está casado com Sheherazade há mil e uma noites, não mais conseguindo por fim à vida dela.

Cortázar (2011) afirma que um conto de qualidade deve ter intensidade e tensão, não importa se o assunto tratado nele é trivial ou complexo, uma boa técnica e um tratamento literário adequado o diferencia dos demais: “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta” (CORTÁZAR, 2011, p. 153). Isso quer dizer que além da “história” contada, há uma proposta metafórica a ser descoberta. Esse teor conotativo, conforme Silva (2009), constitui a grandeza e a dificuldade da linguagem literária.

Conforme Bosi (1995), embora seja uma narrativa curta, o conto possui intensidade e muitos elementos do romance e da novela, que potencializam, no seu espaço relativamente curto, todas as possibilidades da ficção. A brevidade do gênero também é um aspecto positivo para o trabalho nas escolas, pois permite a leitura e a discussão aprofundada do texto no decorrer da aula. O conto traz uma variedade de temáticas, como: terror, humor, ficção científica, mistério, policiais, dentre outras; essa diversidade é vantajosa no trabalho na sala de aula, pois poderá agradar a gostos diversos.

Valorizando esse gênero, Bosi (1995) afirma que o destino da ficção contemporânea é o conto, que assume diversas formas por estar situado entre a narração de tradição realista, o fantástico e o experimentalismo formal. Um bom conto, devido a sua brevidade, deve ser

intenso, exigindo muito do escritor. Ampliando essas ideias, Cortázar (2011) compara os elementos do conto com um romance e afirma que o conto está para a fotografia, assim como o cinema está para o romance. A fotografia tem uma natureza precisa. Nela é necessário o olhar perspicaz e criterioso do fotógrafo para que o impacto do retrato reflita as intenções do autor. Assim também é o conto, que precisa ser penetrante e original. Devido ao seu tamanho e limitação, sua mecânica interna é exigente e difícil, não lhe cabem situações intermédias, recheios ou fases de transição que o romance permite e exige. Ainda para Cortázar, todo grande conto realiza um sequestro momentâneo do leitor e o obriga ao isolamento do mundo, na imersão da narrativa. Depois ele volta a ter contato com o ambiente de uma maneira nova, mais profunda e enriquecedora.

Também Jouve (2002) compartilha dessas mesmas ideias ao afirmar que, após o envolvimento com texto, o leitor se beneficia de uma experiência que ele não teve que viver concretamente: “[...] a leitura literária é uma prática frutuosa da qual o sujeito sai transformado”. (JOUVE, 2002, p. 138). Essa transformação do sujeito nem sempre ocorre de forma consciente, e mesmo que ele não tenha qualquer proximidade com o contexto da história lida, ele pode passar a ter um novo olhar sobre a realidade.

Nesse trabalho de intervenção com o 8º ano do ensino fundamental II, nós acreditamos que a introdução à literatura por meio do estudo de contos possa proporcionar experiências enriquecedoras, favorecendo, aos alunos, a ampliação da competência leitora.

Compartilhando saberes e discutindo sobre os textos lidos, os estudantes podem aprimorar sua formação sociocultural, ajudando na formação de sua identidade, na sua ascensão social e intelectual.

3 METODOLOGIA

O método para a realização deste trabalho encontra-se sob a perspectiva de uma pesquisa de intervenção, que se caracteriza, segundo Damiani (2012), como pesquisas aplicadas semelhantes à pesquisa-ação, que visam planejar, implementar e avaliar práticas pedagógicas com objetivos de melhorar as aprendizagens dos alunos participantes do estudo. Portanto, no contexto educacional, entende-se como intervenção as interferências que o professor/ pesquisador realiza a partir da experiência diária na sala de aula e das dificuldades encontradas:

Tais referências são planejadas e implementadas com base em um determinado referencial teórico e objetivam promover avanços, melhorias, nessas práticas, além de por à prova tal referencial, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre o processo de ensino/aprendizagem neles envolvidos (DAMIANI, 2012, p. 03).

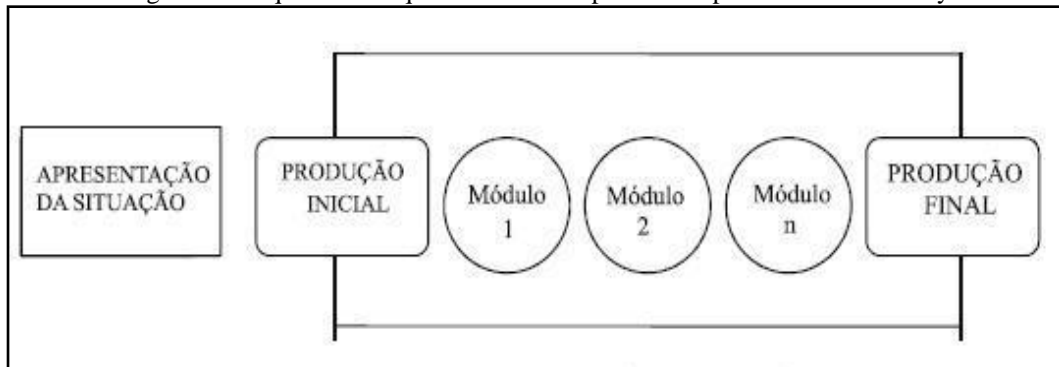
Na profissão de educador, temos muitos desafios a serem encarados diariamente, lidamos com problemas diversos e complexos; muitos deles exigem uma mudança de postura, uma reinvenção de nós mesmos. Nossa prática deve estar em constante renovação e avaliação. Nossa busca incessante deve ser a melhoria dos processos de aprendizagem dos sujeitos envolvidos na educação. As discussões sobre os problemas educacionais estão no nosso cotidiano, desde a sala dos professores, as rodas de amigos, até os encontros pedagógicos ou numa reunião familiar. Para além de argumentar e debater, é necessário colocar os esquemas pedagógicos em prática. Isso é intervenção – uma ação que investiga, estuda e traz novos experimentos para conduzir uma situação problemática na escola.

Ponte (2002) aborda a relevância do professor/ investigador para a evolução educacional e aponta várias razões para que ele pesquise sobre a sua própria prática. Dentre elas, destaca-se a relevância de o professor se assumir como protagonista no campo curricular e profissional, sendo que sua contribuição para o conhecimento mais aprofundado das dificuldades escolares pode gerar novas soluções para velhos problemas, inspirando os demais profissionais da área. Para abordar e problematizar as complexidades educacionais, ninguém tem maior credibilidade do que o professor, que é aquele que está diretamente imerso nesse universo pedagógico e vive dos desafios da profissão.

No contexto dessa pesquisa, nos deparamos com a dificuldade dos alunos do ensino fundamental II na leitura e escrita de textos, além do desinteresse pela literatura, dentro e fora da escola. Para investigar, obter e avaliar os resultados, este estudo realizará oficinas de

leitura e produção de contos literários em forma de sequência didática (SD). De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a SD está relacionada a atividades escolares organizadas de forma sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito. A finalidade da sequência didática é “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe assim escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83). Os estudiosos de Genebra representam a organização da sequência didática no seguinte esquema:

Figura 1 – Esquema da sequência didática apresentada por Dolz e Schneuwly



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 94).

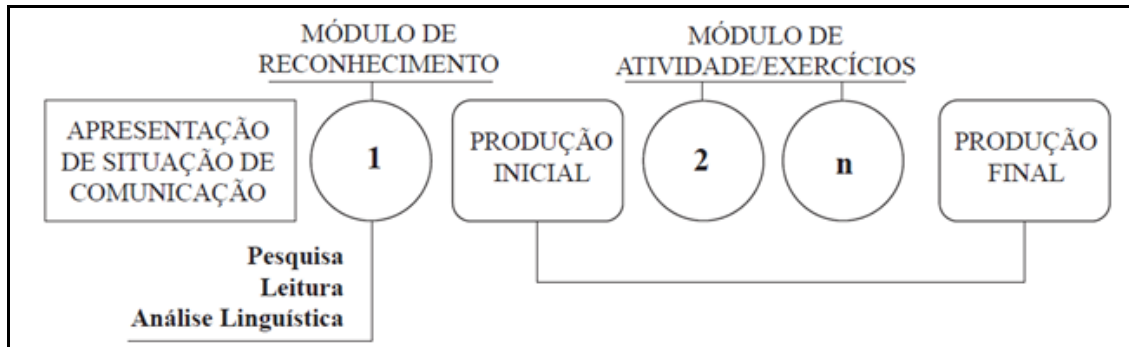
Na apresentação da situação (Figura 1) destaca-se o gênero a ser estudado, suas características e sua função social. Essa fase permite que os alunos conheçam todas as informações do projeto, seus objetivos e quais as formas que assumirá o trabalho.

Na produção inicial, os estudiosos propõem um primeiro contato do aluno com o gênero, a partir da elaboração de um primeiro texto oral ou escrito. Essa atividade parte daquilo de o aluno já sabe, permitindo ao professor um momento de observação e sondagem, que ajudará a construção dos módulos da sequência.

Os módulos seguintes permitem uma análise mais aprofundada do gênero, dando aos alunos os elementos necessários para o domínio do texto, que resultará numa produção final, permitindo, ao professor e ao aluno, a avaliação final de toda SD.

Barreiros e Souza (2015) realizaram um trabalho a fim de valorizar a Literatura local de Juazeiro, nas aulas de Língua Portuguesa, sob a forma de sequência didática e fizeram algumas adaptações, baseadas no modelo de SD dos estudiosos de Genebra e de Costa-Hübes (2008), que, por sua vez, já havia feito uma adaptação do esquema didático de Dolz, Noverraz e Schneuwly, como sugere a figura 2:

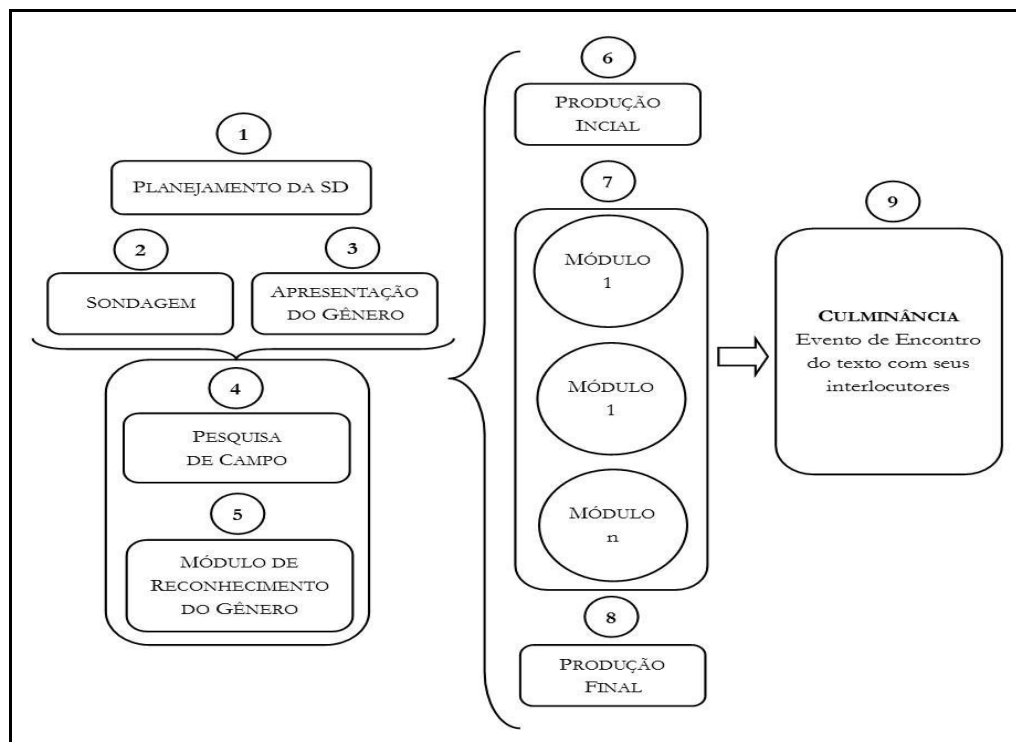
Figura 2 – Esquema da Sequência Didática apresentado por Costa-Hübes (2008)



Fonte: Costa-Hübes (2008 apud BROCARDI; COSTA-HÜBES, 2015).

Se compararmos o modelo didático da figura 2, proposto por Costa-Hübes (2009), e o modelo da figura 1, proposto pelos estudiosos de Genebra, notamos que houve um acréscimo de um módulo de reconhecimento de gênero, proposto pela autora; esse estudo, mais aprofundado, oportuniza ao aluno o reconhecimento mais detalhado da forma composicional, conteúdo temático e estilo de cada gênero a ser estudado, tornando mais fácil a análise dos textos e a produção final. Com base nos pesquisadores dos esquemas presentes nas figuras 1 e 2, Barreiros e Souza (2015) propuseram um modelo de SD com algumas modificações, como sugere a figura 3:

Figura 3 – Esquema da sequência didática apresentada por Barreiros e Souza

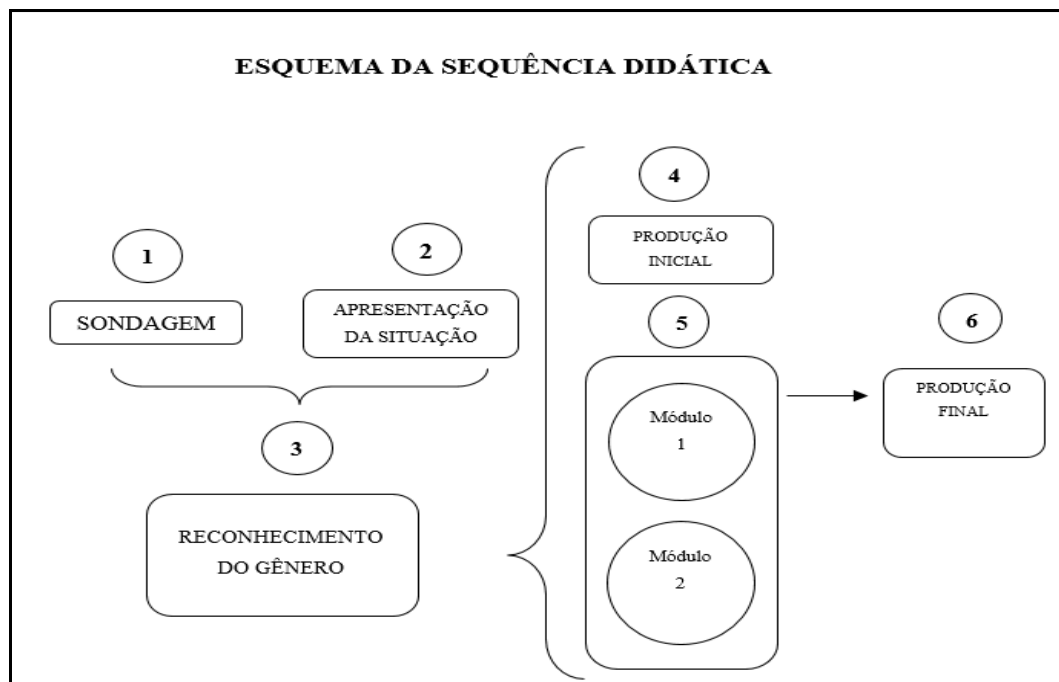


Fonte: Barreiros e Souza (2015, p. 79).

Inicialmente, Barreiros e Souza (2015) sugerem que o *Planejamento da SD* (Cf. figura 3, item 1) seja feito em conjunto, ouvindo as opiniões de toda a classe; na etapa *Sondagem* (item 2) é o momento da mobilização dos conhecimentos prévios dos estudantes, conhecendo as situações de comunicação mais vivenciadas por eles e de que maneira o gênero em estudo está inserida no contexto dos alunos; na *Apresentação do gênero* são apresentadas aos alunos as características formais do gênero; na etapa *Pesquisa de Campo* é o momento dos estudantes produzirem informações sobre os escritores a serem estudados nos módulos seguintes; no Módulo de *Reconhecimento do Gênero* (Cf. figura 3, item 5) há informações mais detalhas sobre as formas de materialização do gênero; em seguida seguem a produção inicial, que servirá de base para a elaboração dos *Módulos de Intervenção*, com vista à *Produção Final* e à *Culminância*.

Com base nesse modelo de SD, proposto por Barreiros e Souza (2015), fizemos algumas mudanças e organizamos o seguinte modelo didático de gênero para esta proposta de intervenção:

Figura 4 – Sequência didática do projeto



Fonte: Elaborado pela autora.

No esquema (Figura 4), as etapas da SD são detalhas da seguinte forma:

- a) Item 1 – Conversa com a turma para verificar as experiências que eles já tiveram com o gênero conto e aplicação do questionário do perfil sociocultural.

- b) Item 2 – A partir de informações colhidas na etapa anterior, apresenta-se com mais detalhes a forma do projeto, seus objetivos e sua metodologia.
- c) Item 3 – Estudo dos elementos que compõem o gênero conto através de leituras compartilhadas e dinâmicas.
- d) Item 4 – Primeira produção dos alunos, com leitura de um conto, em que deverão modificar o final da história.
- e) Item 5 – Introdução aos módulos de SD confeccionados pela pesquisadora com proposta de análise e discussão de diversos contos, contribuindo para ampliar o conhecimento do aluno para a produção final.
- f) Item 6 – Produção final: Produção de um conto e de depoimentos de leitura, que serão veiculados no mural da escola.

Como se trata de uma pesquisa qualitativa, caso haja a necessidade de quantificar dados, estes servirão para auxiliar a análise e a descrição dos fenômenos observados. A produção de dados para posterior análise será subsidiada pelas discussões no decorrer das oficinas, nos trabalhos e grupos, nas produções inicial e final e nos comentários dos alunos. Ao final de cada encontro da SD, os alunos receberão uma ficha de avaliação das oficinas e autoavaliação do seu desempenho. Essas fichas também servirão para a análise dos dados.

A seleção de dados produzidos pelos alunos para a análise seguirá os seguintes critérios: a) Maior Frequência nos encontros, preferencialmente aqueles que frequentaram todos os encontros; b) Ter participado da produção inicial e produção final do projeto; c) Participação ativa nas oficinas e nas demais atividades a serem realizadas no decorrer dos módulos.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA

A unidade escolar escolhida para a aplicação dessa pesquisa-ação é o Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda, situado à Rua Sóstenes de Carvalho, S/Nº, distrito de Bonfim de Feira, na Cidade de Feira de Santana. A instituição foi fundada, inicialmente, em 1962 como Escola Cenecista, sendo conveniada nos anos 90 à Secretaria Estadual de Educação até ser totalmente transferida para a Rede Estadual da Bahia, no ano de 2005. Funciona nos três turnos, ofertando o ensino fundamental II, o ensino médio e a modalidade Tempo Juvenil para Jovens e Adultos, perpassando um total de 400 alunos matriculados.

O prédio é alugado e possui estrutura física precária; é formado por sete salas de aula, três banheiros, uma cozinha, uma secretaria, uma sala dos professores, uma sala para a coordenação pedagógica, dois depósitos, um pátio coberto. Todos os cômodos possuem ventilação inadequada, telhado antigo, infiltrações, além de instalações elétricas e hidráulicas que não atendem às normas técnicas. A quadra esportiva é inapropriada ao desenvolvimento de atividades por não ter um piso que alcance expectativas e necessidades. A escola não possui uma biblioteca disponível para os alunos, os livros paradidáticos encontram-se alojados em uma sala de aula que foi adaptada para a arrumação desse ambiente e os livros só são disponibilizados para empréstimo se o professor se responsabilizar pela atividade. O colégio conta também com uma sala de informática sem uso, pois os computadores e sistemas operacionais estão ultrapassados e não recebem manutenção.

A instituição dispõe de recursos multimídias como televisão, *notebook*, impressoras, máquina de xerox, *datashow*, *internet* com fio e *wi-fi*.

Quanto ao quadro de pessoal, a unidade possui uma diretora, uma vice-diretora, dois assistentes de serviço geral, duas merendeiras, dois seguranças, dois auxiliares de secretaria e treze professores, todos concursados, sendo dez dos educadores especialistas e três mestres.

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Em geral, os alunos são oriundos da comunidade de Bonfim de Feira ou de povoados das redondezas, que fazem divisa com os municípios de Feira de Santana, Antônio Cardoso, Anguera e Ipecaetá. A maioria dos estudantes apresenta bom relacionamento com os professores e com os demais membros da escola. Mas quando se trata de rendimento escolar, notamos a desmotivação na realização de tarefas de leitura e escrita, principalmente aquelas ligadas ao texto literário nas quais os estudantes parecem não ver sentido. Muitos estudantes também apresentam dificuldade para ler, escrever ou interpretar um texto. Deste modo, o desempenho em muitas disciplinas é considerado insatisfatório.

Boa parte das famílias do alunado são carentes, sobrevivem da agricultura de subsistência e/ou de programas sociais do governo federal, da aposentadoria dos idosos da família ou de pequenos comércios. O cotidiano desses estudantes é muito árduo, pois muitos trabalham desde cedo ajudando os pais na lida diária das atividades rurais e domésticas. Por vezes, precisam caminhar quilômetros para ter acesso ao transporte escolar, o que gera desgaste físico e mental antes mesmo de chegar à escola. Outro fator significativo é que parte

desses alunos teve o ensino Fundamental I realizado em escolas multisseriadas e muitos aparentemente sofrem carência alimentar, o que interfere diretamente na aprendizagem.

Os sujeitos escolhidos para a intervenção fazem parte da turma do 8º ano do ensino fundamental do turno matutino, composta por 14 alunos, com idades entre 13 e 17 anos. Alguns residem no distrito de Bonfim e os demais vivem nos povoados circunvizinhos. Escolhi trabalhar com essa turma por perceber neles um potencial criativo, participativo e motivador e, por outro lado, por notar a resistência à leitura em voz alta e o desinteresse pelo texto literário. Muitos alegavam que esses textos eram “chatos”, com temáticas desinteressantes e antiquadas. Os estudantes também alegaram “preguiça” de ler, principalmente se os textos tivessem mais de uma lauda.

Os alunos dessa turma se conhecem desde crianças; a maioria estuda junto há muitos anos, alguns são amigos desde o jardim de infância, sabem das dificuldades e das potencialidades dos colegas, compartilham momentos importantes e histórias marcantes no decorrer da vida escolar. Eles se relacionam bem entre si e com os demais membros da comunidade escolar, se respeitam e tem uma relação de cumplicidade. É comum vermos os alunos mais desinibidos estimularem os mais discretos. Essas particularidades me motivaram a escolher essa turma para aplicar o trabalho de intervenção. No convívio, no decorrer do ano letivo de 2017, conquistamos uma relação de carinho, respeito e cumplicidade, que se estendeu durante toda a aplicação da SD, no ano de 2018.

4 INTERVENÇÃO: QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO

Por já conhecer a maioria dos estudantes, achei que seria melhor um trabalho de intervenção com uma turma com a qual já estivesse familiarizada, pois essa proximidade favorece o diálogo de ambos os lados, permitindo que as discussões sobre os textos sejam mais aprofundadas. A classe é composta de 14 alunos, sendo 3 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Estes alunos e alunas estudam juntos desde o 6º ano e já possuem uma relação de proximidade e amizade. As meninas são bem comunicativas e participam bastante das atividades propostas. Os garotos são mais tímidos, um pouco mais apáticos e precisam de mais estímulos para interagir na sala de aula.

Todos ficaram bastante contentes quando souberam que iriam participar dessa proposta de intervenção. Antes de iniciarmos, entreguei para os estudantes o Termo de Consentimento Livre e esclarecido - TCLE e expliquei que, como eles possuíam menor idade, só poderiam participar da pesquisa se os responsáveis permitissem. Mesmo obtendo a opinião dos pais, eles também deveriam assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do Menor - TALE, que explica do que trata a pesquisa e os procedimentos para participação. Fiz a leitura dos documentos para a classe, esclarecendo seu conteúdo e solicitei aos alunos que trouxessem os termos assinados no dia da abertura da intervenção.

Fiz uma reunião com a equipe gestora do Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda para apresentar detalhes da proposta de intervenção. A diretora assinou um termo autorizando a realização da pesquisa na unidade escolar e se mostrou solícita para mobilizar os suportes materiais e humanos possíveis para contribuir com a pesquisa.

A sequência didática foi realizada nas aulas de Língua Portuguesa, entre os meses de maio a julho de 2018, no planejamento inicial havia uma previsão de doze encontros, mas o andamento das atividades se prolongou e perfazemos dezesseis encontros, cada um com 2 horas /aulas, num total de 32 aulas.

4.1 OS PRIMEIROS PASSOS DA SD

Na data marcada para o início do projeto, dia 07 de maio de 2018, a turma estava empolgada e ansiosa, querendo saber mais detalhes do que estava por vir. Iniciei a aula entregando o material didático, as camisas personalizadas do projeto, expliquei detalhadamente do que tratava o trabalho e que a participação deles era fundamental; foi informado que ao final de cada encontro, eu iria entregar-lhes uma ficha para que avaliassem

aquele dia. Dessa forma, poderiam expressar sua opinião mais livremente sem o receio de revelarem sua identidade.

Figura 5 – Primeiro dia da intervenção



Fonte: Elaborado pela autora.¹

Na conversa inicial, como nosso projeto propõe a leitura de contos, quis saber dos alunos um pouco mais sobre esse universo da contação de histórias no âmbito familiar, principalmente na primeira infância. A maioria das respostas foi negativa. Somente duas alunas afirmaram que ouviam da mãe a leitura de contos clássicos e da avó, contação de causos, quando menores. A maioria da turma teve contato com os clássicos literários infantis quando tiveram acesso à escola. Uma resposta oral me chamou a atenção: uma aluna de 16 anos, moradora de um povoado próxima ao distrito, se mostrou incomodada com a pergunta e falou: “professora, na minha casa a maioria do povo é analfabeto, não costuma conversar com os filhos, agem com grosseria e brutalidade”. Infelizmente, não posso tratar desse caso como uma exceção. O âmbito familiar dos estudantes é um cenário pouco estimulador da imaginação, da criatividade e do diálogo. Portanto, para muitos estudantes, a escola é a porta de entrada para o universo literário e artístico. Conforme Bajour (2012), ela ainda é o local privilegiado para promovermos o encontro do leitor com a arte e para encontrarmos modo de falar sobre os textos artísticos.

Tendo como base a fundamentação teórica que justifica o empenho na leitura literária e a minha própria experiência de leitura, pouco estimulada por professores e pela escola, quis

¹ O Comitê de Ética autorizou a divulgação das fotos dos alunos.

proporcionar aos estudantes momentos de leitura que poderiam ser lembrados em outras situações no decorrer da vida: uma análise textual livre de conteúdos meramente escolares, uma discussão da literatura geradora de significados. Como nem sempre podemos ter a base familiar e o meio social do aluno como aliado no incentivo à leitura, cabe ao professor a tarefa de transformar o ato de ler, conforme Carvalho (2014), para que ele se torne uma maneira de provocar alterações na visão de mundo dos alunos. Dessa forma, o professor precisa estar nutrido de leitura e de saberes para estimular os alunos a ler os textos e falar sobre eles no decorrer das aulas, assegura Bajour (2012).

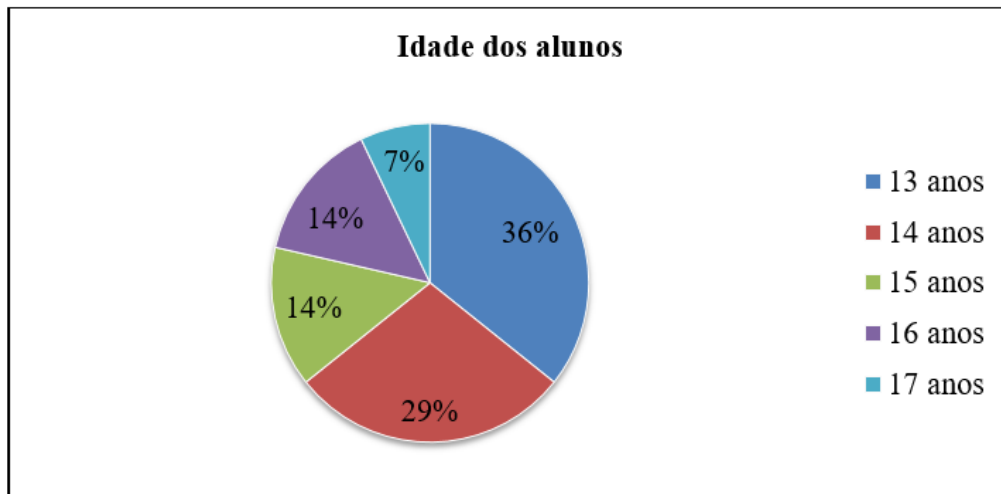
Depois da conversa, entreguei aos alunos o questionário do perfil socioeconômico, li todas as perguntas e fui auxiliando nas respostas, sanando as possíveis dúvidas. A maioria da classe não teve dificuldade de respondê-las.

Após o recolhimento do questionário, fiz uma atividade de aquecimento, uma dinâmica chamada “Consequências” que ajudou os alunos a utilizarem elementos do texto narrativo de forma intuitiva. Os alunos sentaram-se em círculo, com um papel e caneta na mão. Pedi que eles escrevessem elementos do texto narrativo, um por comando (nome de pessoa, espaço, tempo, acontecimento, desfecho); os papéis deram uma volta completa no círculo. Ao passar o papel ao companheiro, o aluno dobrava a folha e ocultava o que escreveu; a cada vez que o papel mudava de mãos, completando uma volta, uma nova parte da narrativa era escrita, em coletividade. No final, os papéis foram misturados e os participantes leram todas as produções. Foi um momento divertido, com histórias surpreendentes, que arrancaram risos da classe. As personagens principais eram, muitas vezes, famosas, a exemplo de cantores (as) como Ivete Sangalo, Anitta e Luan Santana. Os enredos continham brigas, términos de relacionamento, roubos e declarações de amor. Os desfechos foram improváveis e muitas vezes incoerentes, o que já era de se esperar de uma construção coletiva que ocultou informações importantes (de propósito) sobre os elementos da narrativa produzidos pela classe. Os estudantes agiram com espontaneidade, utilizaram a habilidade de narrar de forma dinâmica, além de fazerem comentários sobre as histórias lidas pelos colegas.

4.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DO PERFIL DO ESTUDANTE

A turma não apresenta um perfil homogêneo. É muito diversificada, os alunos possuem idade que perpassa desde os 13 anos até os 17 anos. Noto que aqueles que possuem maior distorção idade-série tem um pouco mais de dificuldade de assimilar o conteúdo, de participar das discussões e são mais resistentes a se expressarem oralmente e de forma escrita.

Gráfico 1 – Idade os alunos



Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se, a partir do gráfico acima, que o número de alunos com distorção idade série é considerado elevado. 35% dos estudantes não estão com a idade adequada para o 8º ano do ensino fundamental II, conforme a recomendação do parecer do Conselho Nacional de Educação e Câmara de educação básica - CNE/CEB - nº 7 (2010). Conforme o documento, no artigo 8º, os alunos deveriam concluir o ensino fundamental aos 14 anos de idade. Entendemos que sejam muitas as razões para o número elevado de defasagem idade-série: ingresso tardio na escola, evasão, abandono e reprovação podem ser elencadas entre as principais. Sobre esse último item, com base no questionário, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 2 – Reprovação

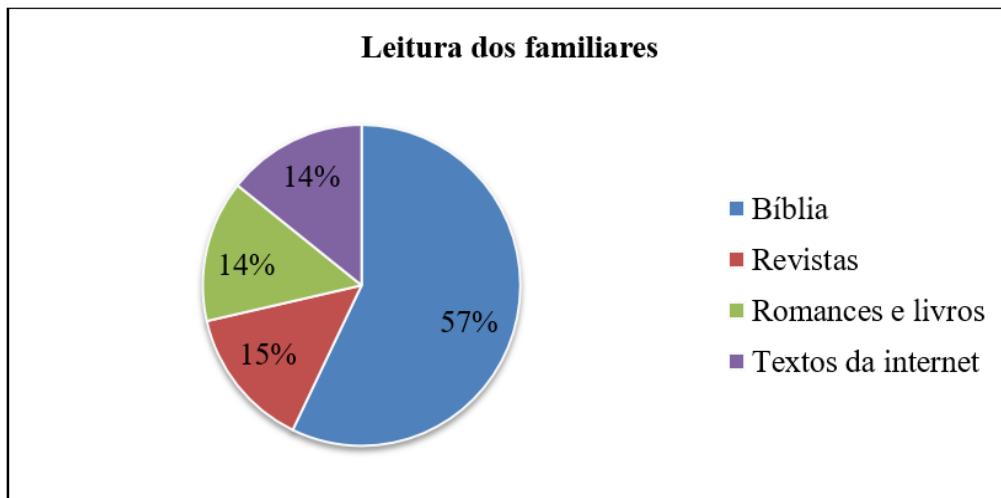


Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados acima, constatamos um número alto em reprovação dos alunos em algum momento da vida escolar: 53% já foram reprovados pelo menos uma vez, o que ajuda a explicar as idades elevadas para a série em que estão matriculados.

Conforme já exposto na introdução desse trabalho, confirmamos pelo questionário que o hábito de leitura das famílias se constitui principalmente da leitura da Bíblia Sagrada, seguida de revistas, romances e textos da internet.

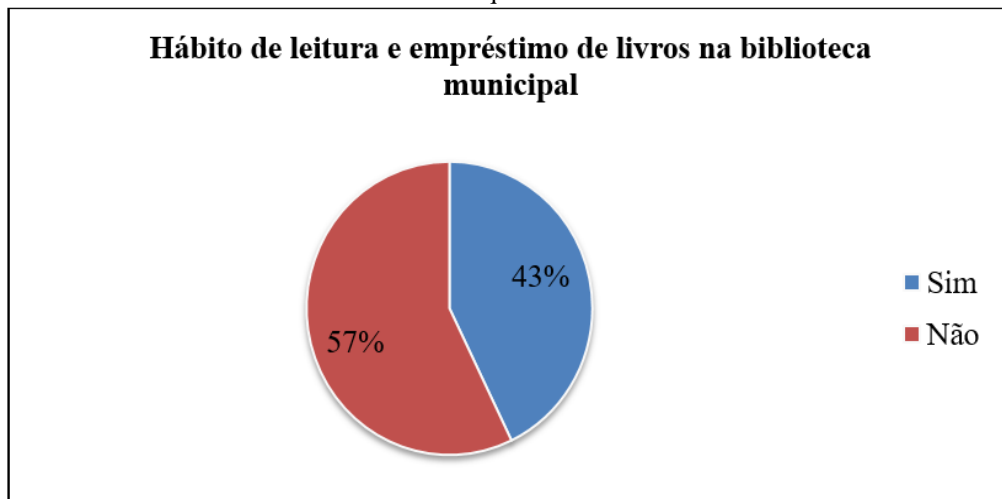
Gráfico 3 – Hábito de leitura da família



Fonte: Elaborado pela autora.

As outras opções de múltipla escolha: *Jornais* e *Nada* não obtiveram números, assim como a opção “outros” não foi preenchida pelos alunos. Pudemos confirmar a hipótese de não-uso da biblioteca pública municipal situada no distrito, pois nem metade dos alunos afirmava ter frequência e ou empréstimo de livros no ambiente.

Gráfico 4 – Frequência à biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora.

No questionário, também perguntamos o porquê da resposta positiva ou negativa. Aqueles que disseram ter o hábito de tomar os livros emprestados alegaram gostar de ler nos fins de semana, nas horas livres e por influência de amigos, ao indicarem alguma obra. E aqueles que disseram não frequentar, afirmavam também que não gostavam de ler (57 % dos entrevistados).

Na proposta inicial de intervenção, tivemos uma conversa sobre a influência do meio social e familiar dos sujeitos no hábito de ler. Obtivemos o seguinte resultado, que ajuda a comprovar o resultado da conversa informal:

Gráfico 5 – Momentos de contação de história

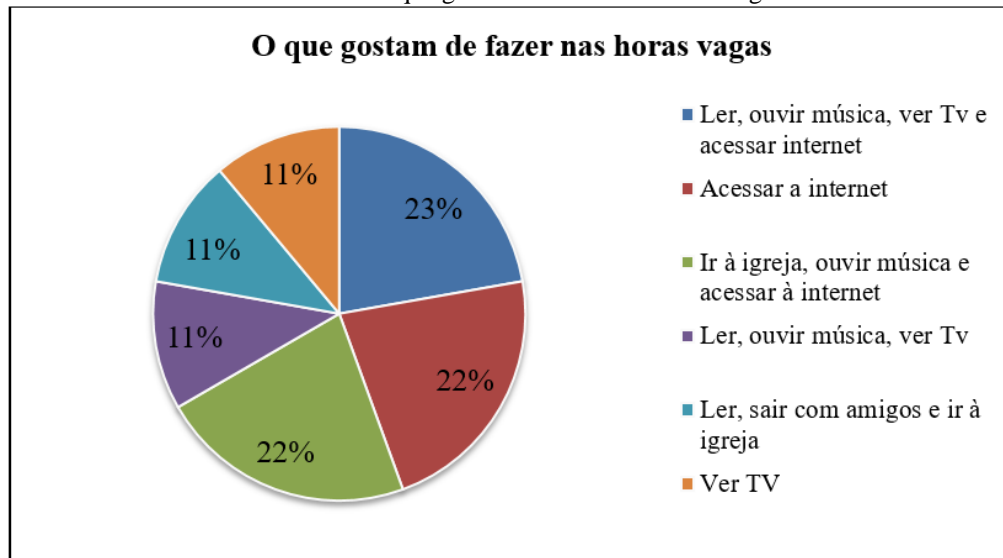


Fonte: Elaborado pela autora.

Os estudantes que responderam de forma positiva afirmam que pais, mães e avós costumam contar histórias e causos dos tempos antigos, da infância deles. Outra aluna afirmou a leitura de clássicos da literatura infantil: *Os três Porquinhos, Cinderela, e Bela Adormecida*

Nesse momento inicial do questionário, já pude perceber quais os alunos em cujo âmbito familiar os hábitos favoreciam a leitura. Eram aquelas alunas que estavam na idade recomendada para série, mais interessadas nas aulas, que estimulavam os outros a participar mais ativamente de apresentações e de momentos de exposição de ideias e opinião nas aulas. A última pergunta do questionário é coerente com os resultados das questões anteriores:

Gráfico 6 – O que gostam de fazer nas horas vagas



Fonte: Elaborado pela autora.

Depois de analisar esse questionamento, notamos que o hábito da leitura não se concentra nem na metade dos alunos. Apesar de a turma ter uma boa relação interpessoal com os professores e com a escola, de serem comportados e tranquilos, havia, em muitos, uma resistência ao ato de ler, uma famosa “preguiça”, que me desafiava a realizar um trabalho diferenciado e motivador.

Ao analisar as respostas, notei que o desafio da intervenção era maior do que imaginava, pois, ao responder os questionários, alguns alunos diziam em voz alta: “eu odeio ler”, outros diziam: “não gosto de prova de Português com texto, eu nem leio, marco o X e pronto”, “o professor traz cada texto *nada a ver*”. Nesse momento, constatei que talvez o desinteresse pela leitura seja o produto das aulas de Língua Portuguesa e da forma como o professor aborda o texto em suas aulas, a temática dos textos, a motivação para a leitura, as discussões e as atividades realizadas pós-leitura.

4.3 O CONTO SE APRESENTA

No módulo de reconhecimento de gênero, achei importante iniciar o estudo com um conto relacionado ao âmbito escolar, escolhendo um tema em que todos poderiam opinar e compartilhar, já que é um universo muito próximo dos alunos. Por isso, escolhi “Uma lição inesperada”, de João Carrascoza (2018). A narrativa conta a experiência do primeiro dia de aula de Lilico. Após as férias, ao adentrar a sala de aula, ele percebe que fora separado de todos os seus amigos, estava num ambiente com um monte de gente estranha. Aborrecido, começa estudar o perfil de cada um, traçando imagens negativas e preconceituosas dos colegas. Até a professora era uma desconhecida, novidade que não agradava ao menino. Depois de se apresentar para a classe e de solicitar que todos os alunos falassem sobre si, a professora faz um sorteio para um trabalho em grupo e Lilico, obrigado a interagir com seus colegas recentes, acaba fazendo novas amizades e descobrindo que, na verdade, eles são legais e divertidos.

Após a leitura, foi nítida a reação de proximidade de todos sobre a temática. Muitos relataram o pré-julgamento que faziam dos próprios colegas e das pessoas que não conheciam. Relatei para eles uma experiência minha quando adolescente, em que mudei de turno, na escola, e fui separada de todas as minhas amigas. Na verdade, esse episódio foi o mote para a escolha desse texto. Ao lê-lo, pude reviver todos os momentos de tristeza e tensão daquele ano da minha adolescência, em que eu cursava a 9ª série do ensino fundamental e não compreendia a dureza da direção escolar em não atender aos pedidos de união da antiga “panelinha”. O ano era 1998, ficaram marcas, mas “sobrevivi” àquela situação.

O objetivo principal desse módulo foi ampliar os conhecimentos dos alunos acerca das características do gênero conto. Embora todos já tivessem feito contato com o gênero nas séries anteriores, é mister iniciar um estudo mais detalhado partindo do conhecimento que os estudantes já possuem. Por isso, optei por aplicar uma dinâmica chamada “Aposte Certo”, em que os alunos, por dedução e inferência, iam construindo o conceito dos elementos constituintes do conto. No andamento da atividade ficou claro que alguns elementos já eram conhecidos da turma, outros já haviam esquecido ou não conheciam.

O prêmio da disputa na dinâmica foi um livro de contos: *A loira do banheiro e outras histórias*, de Heloísa Pietro (2014). A ganhadora se comprometeu a ler o livro e escolher um conto para recontar aos colegas, em algum momento durante a intervenção. Até então, eu não sabia que a escolha desse livro para presentear a aluna vencedora da disputa, iria mudar os rumos de muita coisa que eu havia planejado.

Figura 6 – Premiação da dinâmica



Fonte: Elaborado pela autora.

4.4 PRODUÇÃO INICIAL

Para a essa etapa foi escolhido um livro imagético de Ângela Lago chamado *Cena de rua* (1994), que retrata da vida de uma criança vendedora de frutas nas sinaleiras de uma grande cidade. Antes de começar a aula, uma aluna me chamou e avisou que não poderia participar do encontro naquele dia. Como havia chovido, ela relatara que precisaria plantar feijão, juntamente com os familiares. Logo no dia em que trataríamos de trabalho infantil, fui pega de surpresa e obrigada a refletir melhor sobre o perfil de meu alunado. Fiquei imaginando: será que todo mundo ali trabalhava para ajudar a suprir a casa? O que faziam? Gostavam de trabalhar ou eram obrigados pelas circunstâncias? Como abordar essa temática sem ser invasiva e nem constranger a turma? Como eles receberiam o texto?

Não mudei o planejamento, a aula seria uma oportunidade de conhecer mais a fundo a realidade dos discentes. Iniciei exibindo slides com diversas imagens de crianças trabalhando; os alunos se mostraram mais comovidos com as imagens de crianças no lixão, no sinal de trânsito e carregando algo muito pesado. Após os comentários dos alunos sobre as fotos, perguntei se alguém ali trabalhava. A maioria respondeu que sim. Três meninas disseram

ajudar na roça pertencente à família, plantavam e colhiam. Perguntei se o trabalho era pesado; uma delas respondeu que era um pouco pesado. Algumas meninas também relataram trabalhar na roça de terceiros a fim de juntar dinheiro para comprar suprimentos pessoais como roupas, calçados, maquiagem, etc. Outra estudante falou que elas precisavam ajudar na renda familiar, pois os pais não tinham condição de sustentar a casa e todas as necessidades dos filhos.

Figura 7 – Prática pedagógica com o livro *Cena de Rua*



Fonte: Elaborado pela autora.

Continuando a conversa, percebi que alguns alunos sentiram-se constrangidos e disse para a turma que trabalho nenhum era motivo de vergonha, e que em nossa região é comum os adolescentes realizarem algum tipo de atividade. As experiências trazidas pelos discentes nessa conversa sobre trabalho infantil ajudou a estabelecer mais intimidade entre os alunos e o texto literário que leríamos a seguir. Para Freire (1996), discutir com os alunos a realidade concreta vivida por eles é respeitar os diversos saberes compartilhados e contribuir para ampliar a criticidade sobre a realidade.

Ao mencionar essa temática, não esperava obter tantas informações sobre a vida dos estudantes. Mesmo sabendo da condição social da turma, foi uma surpresa saber que quase todos os meninos e meninas trabalhavam na roça, ou faziam faxina nas casas de família, outros cortavam cabelo numa barbearia. Lembrando-me dos dados obtidos com relação à distorção idade-série, me perguntei quantas vezes eles faltaram à escola para plantar ou colher, ou para trabalhar no roçado de outra família para suprir necessidades básicas de todo ser humano. Quantos deles tiveram que desistir da escola, em algum momento, por cansaço, desânimo ou por dificuldades financeiras? É comum imaginarmos coisas sobre a vida de

nossos alunos, mas nem sempre temos coragem de perguntar diretamente a eles sobre essas suposições, com medo de elas se confirmarem.

Quando chegamos ao estudo da obra de Ângela Lago, os conhecimentos prévios dos alunos já estavam acionados pela leitura e discussão das imagens projetadas em slide. Fiz a predição do título coletivamente. Depois, solicitei a leitura do livro em dupla. A maioria da classe mostrou, de imediato, entendimento das cenas. Alguns, porém, precisaram de estímulo para realizar uma leitura imagética mais aguçada. Os alunos se mostraram emocionados com o texto, fizeram relação com as imagens expostas no início do projeto e trouxeram experiências vivenciadas por eles, muitas de quando passeavam pelas ruas da cidade de Feira de Santana. A ilustração do conto conduz o leitor a entender a história sob a ótica do menino, experimentando sua emoção e sua sensação de estar no mundo. Na discussão, foi comum ouvir palavras como: solidão, tristeza, abandono. Até quando a criança comete um delito, por um momento de fraqueza, o entendimento da turma é unânime: ele não era ladrão, agiu por impulso, por defesa, por se sentir intimidado.

Figura 8 – Estudo do livro *Cenas de Rua*



Fonte: Elaborado pela autora.

Após as discussões, solicitei que, individualmente, os estudantes escrevessem um texto narrativo, contando a história do menino do livro de Ângela Lago, a partir de suas percepções e impressões. As produções seriam lidas numa roda de leitura, na aula seguinte, já que aquele encontro já estava terminando.

Chegado o momento da roda de leitura, no encontro seguinte, notei que muitos alunos estavam tímidos, inseguros com suas produções, mas aos poucos, eles foram se soltando. As

alunas mais desinibidas iniciaram o seu texto, estimulando e encorajando os demais a encararem o desafio.

Figura 9 – Roda de leitura sobre o livro “Cena de Rua”



Fonte: Elaborado pela autora.

Os elementos do conto *Cena de Rua* são os seguintes:

- Situação inicial: uma criança moradora de rua estava vendendo frutas na sinaleira de uma cidade;
- Personagens: menino, cachorro, pessoas dentro dos carros;
- Conflito: ele sofre preconceito e é tratado grosseiramente por muitas pessoas;
- Clímax: sentindo-se pressionada, a criança acaba cometendo um delito e rouba um presente que estava dentro de um carro;
- Desfecho: ao abrir o pacote furtado, o menino encontra frutas e imediatamente, recomeça a sua atividade laboral na sinaleira.

Analisando depois a produção escrita, notei que nem todos os textos mencionaram todos os elementos acima de forma detalhada, mas a maioria teve o mesmo entendimento do texto apresentado. Um ou outro aluno trouxe elementos que não estavam na obra. Como um texto tem muitas possibilidades de leitura, como afirma Petit (2009), é comum os leitores se apropriarem dos textos, dando-lhe novos significados:

Na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outros significados, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido ou interpretado (PETIT, 2009, p. 26).

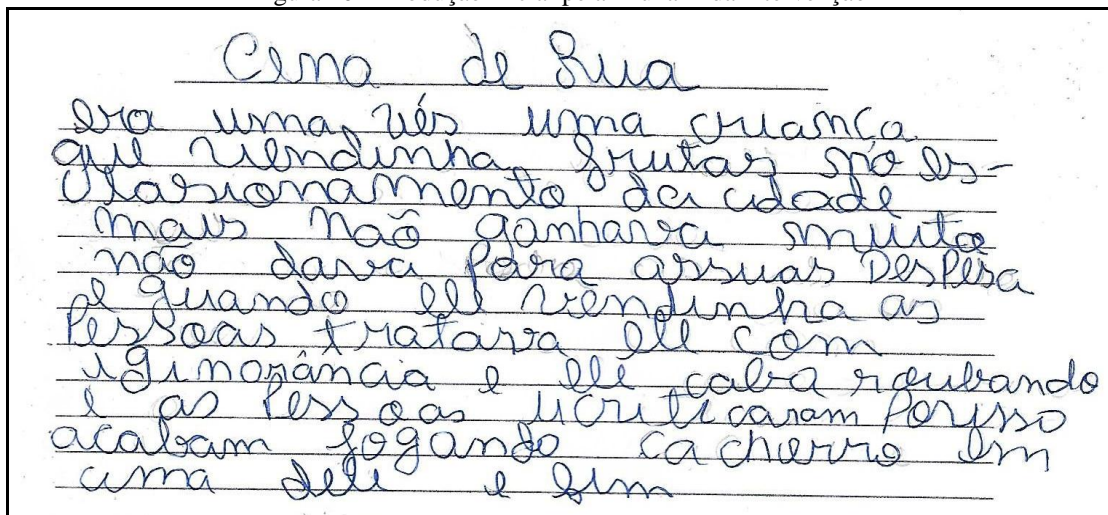
Um olhar geral para as produções revela o que já havia sido discutido oralmente sobre o conto, os narradores se apresentam em 3ª pessoa, mas não são imparciais, estão

impregnados de emoção e solidariedade pela situação de abandono do menino, personagem principal. Alguns textos relacionam a situação social da criança à ausência de pai e mãe, pilares que poderiam impedir ou amenizar os acontecimentos da trama. Nem todas as produções descreveram o desfecho do conto, algumas também não mencionaram o clímax, mas citaram as personagens, a situação inicial e o conflito.

Escolhi três textos para uma análise mais detalhada do uso dos elementos do conto desde a produção inicial até a final, incluindo a transcrição deles na íntegra. O critério de escolha se deu pelo nível de rendimento escolar, desenvoltura nas aulas e pela participação na produção inicial e final. A aluna A possui ampla desenvoltura na participação oral, mas possui um rendimento regular; a aluna B apresenta rendimento satisfatório, sendo uma das alunas que se destacam na classe. O aluno C quase não conversa durante as aulas, é recitado, seu rendimento é considerado regular.

Notei que muitos iniciaram a narração com a expressão cristalizada, herança das fábulas infantis: “Era uma vez”. Alguns também encerram o texto com a palavra “Fim”, conforme veremos nas transcrições abaixo:

Figura 10 – Produção inicial pela Aluna A da intervenção



Fonte: Acervo da pesquisa

Transcrição da produção inicial da Aluna A:

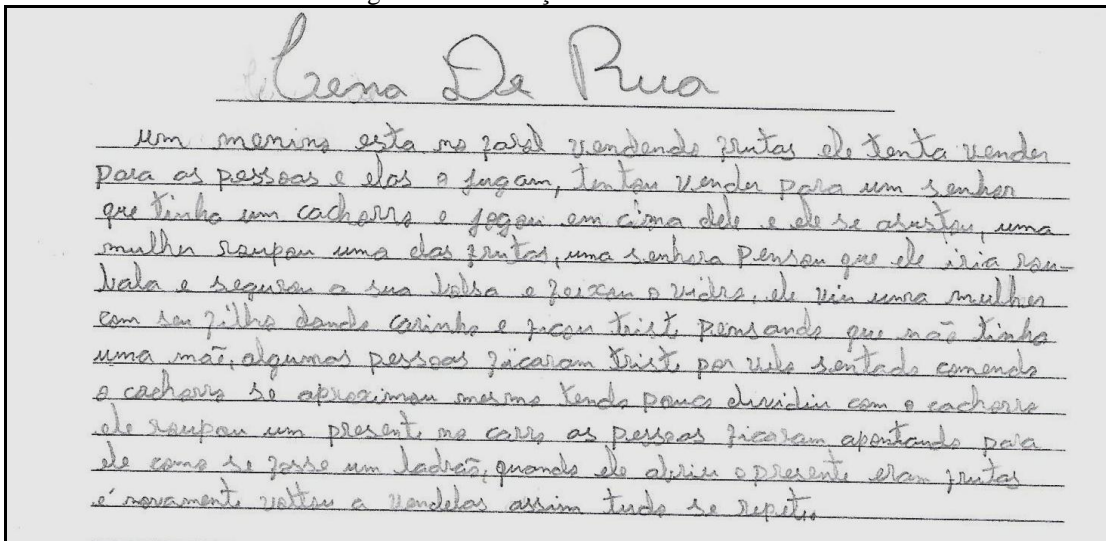
Cena de Rua

Era uma vez uma criança que vendia frutas no estacionamento da cidade, mas não ganhava muito, não dava para as suas despesas e quando ele vendia as pessoas o tratavam com ignorância, e ele acaba roubando e as pessoas o criticaram. Por isso, acabam jogando cachorro em cima dele e fim.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Notamos que a aluna não traz para sua escrita a imagem do cachorro como um amigo para a criança. Na narrativa, há um cachorro com o qual a criança divide comida e carinho, mas a aluna esquece-se de que há dois cachorros distintos na trama. Ela mantém a situação inicial, os personagens, conflito e clímax fidedignos ao texto original, mas não explica bem o desfecho do conto.

Figura 11 – Produção inicial da aluna B



Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição da produção inicial da Aluna B:

Cena de Rua

Um menino está no farol vendendo frutas, ele tenta vender para as pessoas e elas o julgam, tentou vender para um senhor que tinha um cachorro e jogou em cima dele e ele se assustou, uma mulher roubou uma das frutas. Uma senhora pensou que ele iria roubá-la e segurou a sua bolsa e fechou o vidro, ele viu uma

mulher com seu filho dando carinho e ficou triste pensando que não tinha uma mãe, algumas pessoas ficaram tristes por vê-lo sentado comendo, o cachorro se aproxima, mesmo tendo pouco, dividiu com o cachorro. Ele roubou um presente no carro, as pessoas ficaram apontando para ele como se fosse um ladrão, quando ele abriu o presente eram frutas é novamente votou a vendê-las assim tudo se repetiu.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

A aluna B descreve o conto com maior riqueza de detalhes e transcreve todos os elementos do gênero conto estudados na etapa anterior. Há também a presença de subjetividade no texto. Mesmo após o roubo de um presente, a aluna, que já havia expressado oralmente sobre o clímax na aula, deixa transparecer que o menino se viu obrigado pelas circunstâncias a cometer o delito, mas não se configurava um ladrão. A aluna foi capaz de perceber que esse problema social se repete, ou seja, foi capaz de atribuir significado ao desfecho do conto.

Figura 12 – Produção inicial do Aluno C da intervenção

menino de Rua
 via uma vez um menino que vendia frutas
 na Rua um dia ele tava vendendo frutas
 quando um cachorro que se chamava ele
 ele foi vender fruta por uma semana
 ele pensou que ele era ladrão
 ele tava comendo uma maçã
 e um cachorro passou e o menino
 dividiu a maçã

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição da produção inicial da Aluna C:

Menino de Rua

Era uma vez um menino que vendia frutas na Rua, um dia ele estava vendendo frutas quando um cachorro quase o mordida. Ele foi vender fruta para uma senhora, ela pensou que ele era ladrão.

Ele estava comendo uma maçã, um cachorro passou e o menino dividiu a maçã.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Nesse texto, o aluno B não menciona alguns fatos ocorridos no texto, como o delito que a criança comete (clímax). Ele também produz um texto bem resumido, direto, com menos subjetividade em relação aos demais textos. Sobre a narrativa original, o texto do aluno mantém fidelidade à situação inicial, conflito e personagens, mas não descreve o desfecho de forma completa.

4.5 MOMENTO DO CONTO: A PROPOSTA

No dia da roda de leitura da produção inicial, levei os alunos para a biblioteca improvisada da escola, coloquei muitos livros arrumados no chão: livros de contos, poesias e crônicas. A intenção era estimular a curiosidade dos alunos para folhear os livros. Apenas no final da aula, alguns alunos perguntaram que livros eram aqueles. Eu sugeri que eles olhassem e quem quisesse também poderia levar emprestado para casa.

Expliquei a todos que eu iria, ao final da aula, sortear o nome de um deles e quem fosse sorteado deveria levar um livro de contos para ler em casa. Depois bastava escolher um conto que mais gostou e compartilhar com os colegas durante o projeto.

Uma aluna muito tímida foi sorteada. Outras duas, mais desinibidas, perguntaram se poderiam levar um livro também. Dessa forma, três alunos saíram da aula com livros e histórias a contar mais adiante. Bajour (2012) aborda a importância da leitura compartilhada de textos literários na escola e afirma que o regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo, pois mostra o intercâmbio de sentidos que um texto desencadeia em nós. “Falar dos textos é voltar a lê-los.” (BAJOUR, 2012, p. 23). Essa atividade de refletir sobre o lido e exibir a nossa opinião ajuda a vencer a timidez, explora o gênero oral, exercita a imaginação e reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Figura 13 – Sorteio para o momento do conto



Fonte: Elaborado pela autora.

4.6 MÓDULO 1: A DESCOBERTA DE SI E DO OUTRO

Muito antes de iniciar a intervenção, comecei a pensar nesse módulo 1 e meu objetivo era trazer textos leves, que tratassem do cotidiano e que trouxessem o humor para falar da descoberta de si e do outro, da identidade dos alunos. No convívio com eles, percebi que havia autoestima baixa, dificuldade de expressão e uma desvalorização da cultura local. Sendo a leitura, conforme Petit (2009) um instrumento que ajuda a construir a busca de si, ajudando o leitor a se encontrar e também a se transformar, tracei o viés do módulo 1 com essa crença e esse intuito principal. Escolhi textos que faziam rir, mas que traziam uma reflexão importante relacionada à forma como nos vemos, como vemos o outro e como os outros nos enxergam.

O primeiro conto escolhido foi “O bisavô e a dentadura” de Sylvia Orthof (2001), o texto retrata o cotidiano de uma família mineira que, em volta da mesa, costumava fazer brincadeiras com a dentadura do bisavô, tentando descobrir em qual copo ela ficava guardada durante a noite. Para por um fim às zombarias, o velhinho deixou de usar a dentadura, chamando a atenção de todos. Um dia, após a sobremesa, depois todos os familiares beberem água, o velhinho anunciou que guardara a dentadura dentro do filtro todo aquele tempo, causando perplexidade a todos os parentes.

Planejei dois encontros para a exploração da temática humor. No primeiro encontro, iniciei a aula mencionando a presença dos avôs e bisavôs no âmbito familiar, perguntando aos alunos se eles conviviam com esses parentes e como eles se comportavam, suas falas, seus hábitos, por vezes diferentes dos nossos, já que viveram em outra geração; os estudantes se

identificaram com o assunto, pois muitos deles moram ou tem uma relação de grande proximidade com avós e avôs. Em seguida, passei um vídeo chamado “Vó de rico e vó de pobre” do influenciador digital Whinderson Nunes, explorando as formas de falar e de agir das avós, diferentes em cada classe social. O youtuber arrancou gargalhadas de muitos leitores que puderam identificar suas vovós em algumas características descritas por ele.

Depois do vídeo, fizemos a leitura participativa do conto de Sylvia Orthof, discutimos as semelhanças entre o conto e o vídeo, pois ambos trazem a presença da dentadura dos idosos e o vocabulário arcaico usados por eles. Trazendo suas impressões e experiências, os estudantes contribuíram com discussões sobre o comportamento das pessoas mais velhas, seus hábitos e a maneira que os mais jovens os tratam. Na narrativa, também há a possibilidade de exploração do gênero causo, por isso finalizamos a aula falando sobre o gênero e solicitei que os alunos pesquisassem causos com familiares, amigos, ou na internet. Tratando do gênero conto a partir dos contos orais populares, a aula seguinte seria sobre contação de causos.

Iniciei o segundo encontro falando sobre a presença do gênero causo no nosso âmbito familiar e na cultura interiorana, principalmente na zona rural. Mostrei um vídeo do ator, apresentador e contador de causos, Rolando Boldrim, que conversa com seu público sobre os livros que escreveu, explica a definição de causo e compartilha alguns causos no seu programa na TV Cultura. Discutimos sobre o vídeo e chegou o momento dos alunos compartilharem os causos pesquisados. Para a minha tristeza, todos disseram que não haviam pesquisado nada, nem se mostraram muito interessados no assunto, nem preocupados com a minha cobrança. Fiquei surpresa, mas resolvi agir. Comecei contando causos que eu já havia ouvido em rodas de conversa com meu avô e tios e relatei umas três ou quatro histórias; uma aluna mais desinibida relatou um causo, outro lembrou de outro, e assim a aula foi fluindo. Uma história ia puxando outra história. O objetivo da aula era explorar a capacidade de produção oral de pequenas narrativas dos alunos através da contação de causos.

Uma aluna tímida, a mesma que faltara à produção inicial para trabalhar na roça, relembrou um conto popular que a avó havia contado a ela, quando criança. Depois de ouvi-la, notei que minha mãe também havia me contado a mesma história, com algumas mudanças, mas mantendo o mesmo enredo. Conforme Cascudo (2009), o conto popular é um vértice da memória e da imaginação de um povo. Por isso, ele sofre algumas modificações em certos aspectos, principalmente no princípio e no fim das histórias. “O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos” (CASCUDO, 2009, p. 12).

Para muitas pessoas (comigo foi assim), o conto popular, narrado por familiares e por pessoas mais próximas, é o primeiro contato com a literatura. Como ler é muito semelhante a escutar, assegura Bajour (2012), nesses momentos de escuta de textos, por meio de mediadores, encontramos um ambiente favorável à constituição do leitor; essas primeiras histórias são marcantes pois nelas encontram-se os primeiros heróis, os primeiros sonhos, as primeiras frustrações, os sentimentos diversos: amor, ódio, solidariedade, assegura Cascudo (2009).

Depois dessa primeira roda de contação de causos, pude perceber o quanto a escola necessita trabalhar com os gêneros orais. Na práxis do ensino de Língua Portuguesa, ainda não exploramos a oralidade como deveríamos. Reclamamos do mau desempenho dos discentes quando solicitamos trabalhos que envolvem a oralidade, a exemplo de seminários, peças teatrais, jograis, dentre outros, mas pouco fazemos para melhorar o desempenho dos alunos nesse quesito. Quase todas as nossas avaliações baseiam-se na escrita, são exercícios, testes, provas, resumos, etc.

Cavalcanti e Melo (2009) afirmam que a oralidade ainda ocupa um espaço menos privilegiado nas avaliações do ensino fundamental e até mesmo nos livros didáticos, e naqueles em que encontramos o gênero há uma análise superficial, sem reflexão sobre os seus usos nas situações de comunicação diversas.

Continuando a temática do módulo, o segundo conto escolhido foi “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar. Iniciamos com a predição do título. Perguntei a eles se acreditavam em bruxas. Todos disseram que não, exceto uma aluna que afirmava com veemência sua crença. Antes, da leitura, para continuar discutindo sobre bruxaria, passei um vídeo do programa mexicano Chaves², em que as crianças invadem a casa de dona Clotilde e flagram o momento em que ela está vestida de bruxa, mexendo seu caldeirão e fazendo uma bruxaria para seduzir Seu Madruga. No momento que são descobertos por ela e ameaçados de morte, acordam do devaneio e descobrem que nem chegaram a entrar na casa de dona Clotilde, estão apenas na porta, inertes pelo medo, com o jornal na mão para entregá-la. Dona Clotilde, que acabara de chegar da rua, os surpreende com pirulitos, colocando fim no estereótipo de bruxa antes imaginado pelas crianças.

Os alunos se divertiram muito, assistindo ao vídeo e se lembraram de momentos em que julgaram as pessoas sem ao menos lhes darem uma chance de conhecê-las melhor. Nesse momento, fiz uma retomada do primeiro conto trabalhado na intervenção, uma lição

² Seriado de televisão produzido pela Televisa. Estreou no México em 1972, o sucesso foi tão grande que a série foi distribuída pela América Latina, chegando ao Brasil em 1984, transmitido pelo canal SBT até os dias atuais.

inesperada, em que o personagem principal faz muitos julgamentos precipitados sobre os novos colegas da classe. Em seguida, realizamos a leitura do conto de Moacyr Scliar – o narrador-personagem conta a experiência de um grupo de amigos que acreditava que a senhora Ana Custódio, moradora de uma antiga casa na rua, era bruxa. Na imaginação da criançada, ela era uma pessoa má, que fazia bruxarias para prejudicar os moradores. Um dia, os meninos encontram um bode morto na rua e resolvem colocar o animal na casa de Ana Custódio. Ao sair da casa, correndo, uma criança acaba caindo, não consegue fugir, pois machuca a perna. A dona da casa encontra o menino, improvisa uma tala para colocar na sua perna e chama uma ambulância. Os dois acabam se tornando melhores amigos.

Na discussão, os alunos conseguiram perceber a semelhança na temática, em relação ao conto “Uma lição inesperada” e em relação ao episódio do seriado “Chaves”. Eles também contaram experiências pessoais que mostraram que não devemos agir pelas aparências. Uma aluna relatou que, antes de conhecer melhor uma amiga na classe, a “odiava”, mas quando teve a oportunidade de conviver com ela, percebeu o equívoco. Outros estudantes também relataram as impressões iniciais que tiveram de seus professores e colegas, e que nem todas as predições se confirmaram.

Solicitei que os alunos escrevessem no papel como eles gostariam que as pessoas os enxergassem, afinal, nem sempre passamos uma boa impressão sobre nós, e nem sempre conseguimos mostrar todas as nossas qualidades nas relações sociais.

Começar a escrever não foi nada difícil para os estudantes, mas a tarefa árdua era fazê-los ler para a turma. Muitos disseram que iriam me entregar a sua produção, mas não exporiam oralmente o seu texto. Percebi que precisaria intervir rapidamente. Elaborei meu texto de improviso e fiz a leitura. Eles se mostraram surpresos e admirados e a estratégia deu certo. O meu texto foi o pontapé inicial, motivando-os, e a partir dele, surgiram as leituras dos demais. É interessante observar que essa turma, por ser pequena, os estudantes mantêm uma relação de amizade e proximidade com todos, permitindo uma aprendizagem colaborativa e apoio mútuo. Os mais tímidos foram encorajados pelos demais e quase todos os alunos participaram da atividade.

Finalizamos a aula com um formulário de avaliação do encontro e abrimos oportunidade para o momento do conto. A aluna que havia ganhado um livro no dia da produção inicial organizou, por sua própria iniciativa, uma pequena dramatização do conto “A loira do banheiro”, de Heloísa Prieto. A aluna narrou a história, que foi dramatizada com a ajuda de cinco colegas de classe, envolvidos na apresentação. A narrativa era de suspense e trazia uma personagem que era uma assombração. Toda a turma aplaudiu o desempenho dos

colegas e se empolgou com a temática. A partir desse momento, os estudantes começaram a reivindicar contos com a temática de “terror”, inclusive deixaram clara a predileção. As meninas que apresentaram o conto são as mais desinibidas e participativas da classe e também possuem forte poder de persuasão, por serem mais maduras e comunicativas.

Figura 14 – Apresentação do conto “A loira do banheiro”, pelos alunos



Fonte: Elaborado pela autora.

Perguntei à turma qual a razão pela escolha da temática e responderam que estavam acostumados a assistir filmes de terror, que gostavam da adrenalina, do fantástico, a ausência de lógica, do mistério e do sobrenatural, típicos do gênero da ficção maravilhosa, da qual a narrativa de terror faz parte.

De fato, essa predileção já havia sido exposta no momento de contação de causos, pois a maioria das histórias traziam fantasmas, assombrações, lobisomens, a presença do sobrenatural, atizando a curiosidade e capacidade imaginativa dos estudantes.

Ao me questionar o porquê de os jovens gostarem tanto de terror e histórias de assombração, recordei que, na idade deles, eu também adorava ouvir histórias fantasmagóricas e assistia a muitos filmes de terror e suspense. Esse tipo de história estimula o raciocínio e provoca o leitor a buscar uma lógica para as pistas surgidas no texto.

De acordo com Nicollini e Martins (2017), a narrativa de terror precisa instigar o leitor à dúvida, ao mistério, mantendo a ambiguidade dos acontecimentos para reforçar o mistério e o suspense; para isso, o autor precisa lançar mão de estratégias narrativas para “ancorar o real e tornar a obra crível” (NICOLLINI; MARTINS, 2017, p. 186). Mesmo com a presença do sobrenatural, a narrativa de terror precisa manter uma relação entre o real e a ficção.

A partir desse desejo dos estudantes, comecei a pensar e amadurecer a ideia, fazendo pesquisas, conversando com outros colegas professores, ouvindo sugestões de temática dos alunos. Entendendo que esta seria uma via coerente e motivadora para continuar buscando o propósito da intervenção, decidi acatar o pedido e optei por modificar a SD para contemplar as expectativas dos alunos nesse momento da intervenção.

Para finalizar o módulo 1 e a temática que versava sobre a autovalorização, escolhi explorar o conto “O caso do espelho”, de Ricardo Azevedo (2018). Para criar suspense e motivar o estudo do conto, iniciei a aula com a dinâmica do espelho. Coloquei uma caixa no centro do círculo e informei à turma que, naquela caixa, havia uma foto de uma pessoa muito importante para a escola, para a classe e para o projeto. Na verdade, a caixa continha apenas um espelho, mas ninguém sabia. Os alunos ficaram ansiosos e curiosos. Expliquei que cada um iria levantar, pegar a caixa, olhar a foto e dizer as características da pessoa da foto.

Começaram a se levantar e, um por vez, ao abrir a caixa e se deparar com sua imagem, mostravam-se surpresos. Alguns alunos falaram muitas características positivas de si mesmo, outros não deram boas referências. Algumas meninas se diziam lindas e inteligentes, outras apenas se viam como simpáticas e pessoas legais. Um menino chamou a atenção para sua descrição ao dizer que aquela caixa continha a imagem de uma pessoa muito ruim, o que amedrontou todos os colegas, que ficaram imaginando quem era essa criatura. Até chegar a vez de todos, o restante da turma ficava a fazer suposições. Quem era a pessoa da foto? Seria a diretora da escola? Seria a vice-diretora? Seria o professor de História ou de outra disciplina?

Figura 15 – Aluna na Dinâmica do espelho



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando chegou a vez do último aluno, que era o mais ansioso de todos, a sala toda se divertia com a pegadinha. Passado o momento de euforia, expliquei a todos que o objetivo da dinâmica era a autovalorização. Alguns observaram que, em nenhum momento, ninguém achou que a foto do colega ou de si próprio poderia estar na caixinha. Será que somente os professores e a direção eram importantes para o desenvolvimento do aprendizado de cada um?

Todos ficaram reflexivos. Antes da leitura do texto, lancei uma pergunta: como você se vê? Nem todos responderam, mas pude notar que, mesmo afirmando que eram lindas e maravilhosas na dinâmica, no fundo, nem todas as meninas não se sentiam assim, elas apenas estavam reproduzindo o discurso de outra colega. Como são adolescentes, é comum a falta de aceitação do próprio corpo: umas se diziam muito magras, outras um pouco gordinhas, outras ainda são bem meninas, com o corpo ainda em formação. Em relação às características psicológicas, os alunos afirmaram que se viam pessoas boas, legais e alegres.

Após esses comentários, fizemos a leitura do conto, que trata da história de um homem simples e rústico que morava num lugarzinho bem distante de tudo. Ao passear pela feira da cidade, encontrou um espelho numa loja. Como não conhecia o objeto, ficou admirado: lá estava o retrato do seu pai e tratou logo de comprá-lo. Guardou-o a sete chaves e todo dia matava a saudade do velho. A mulher, enciumada, foi verificar aquele segredo. Olhou o retrato e pensou que estava sendo traída por uma bela moça; brigou com o marido, que não entendia a reação da esposa. A sogra, ao ver a confusão, resolveu conferir o retrato. Após a primeira olhada, tratou logo de tranquilizar a filha, constatando que a mulher do retrato era muito velha e já estava perto de morrer.

Os estudantes se divertiram com o enredo do conto e fizeram comparações com a dinâmica. Alguns constataram que eles se autodescreveram de maneira depreciativa, assim como a sogra do homem. Muitos notaram que nem sempre as pessoas têm uma imagem positiva de si mesmos, a exemplo da esposa do homem, que se sentia insegura, mas na verdade era uma linda mulher. Discutimos sobre autoestima e autoconhecimento, enfatizando a importância de nos sentirmos bem, pois quando somos confiantes transparecemos essa segurança para o outro.

Para ampliar a discussão, solicitei que os alunos produzissem um texto escrito contando como se viam e como gostariam de ser vistos pelos outros. Após a produção, quem quisesse poderia ler o seu texto para toda a classe. Ao final, somente cinco alunos leram.

Em geral, os alunos comentaram em seus textos que gostariam de ser vistos como pessoas legais, estudiosas, bondosas e amigáveis, ao contrário do que colegas de escola e sociedade pensavam, julgando-os como bagunceiros, metidos e chatos. Um texto me chamou a atenção: foi produzido pelo mesmo aluno que, ao se descrever no espelho, afirmou ser uma pessoa muito ruim:

Figura 16 – Texto do Aluno C da intervenção

EU GOSTARIA

EU GOSTARIA QUE ME VISEM COMO UM PAI MAS SÃO INTELIGENTES
 UM PAI QUE CUSTA, MAS QUE QUER QUE SE ENTENDA QUE NÃO CHAMA
 O DE CORRUPTO OU DE SIDA DE CLASSE OU VIDA MUITA COISA ENDO
 E CABAÇA E CINGUENTACONTA PAZ MAS ESTÁ MUITA, E ALUNOS NI
 JUNTOS E ALTERNAM O CORRIDOR QUE DÁZ MARCHA DE DISTIN
 MIN LIDA CLAR: EU SOU CUSTO ALGUMAS VIZAS, EU SOU ENTUSIASTA, GOSTO DE PIM-
 OSA, MEU PAI É UM; SOU GAMBELIA, SOU REBELDE MAS GOSTO DE EXATIL
 MAM DO POLITICA SOU RADICAL OU TEMO IDIOTA VIGILANTE, EU GOSTO
 DE JOGAR EU SOU VICIADO EM DOPAMINA

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do texto do Aluno C:

Eu gostaria

Eu gostaria que me vissem como uma pessoa não tão inteligente, uma pessoa culta, na escola que eu estudava eu era chamado de corrupto, eu era líder de classe, via muita coisa errada e cobrava cinquenta centavos pra não falar nada. Os alunos tentaram e ocuparam o corredor que dava mais direitos. Meu lado claro: eu sou culto, algumas vezes eu sou estudante, gosto das pessoas, meu lado escuro: sou sombrio, sou rebelde não gosto do exército, nem dos políticos. Sou radical, eu tenho ideias diferentes, eu gosto de jogos, eu sou viciado em dominó.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas

Depois dessa leitura, pude entender a razão de o aluno se declarar uma pessoa ruim. Era assim que seus colegas de classe o viam na escola onde estudava anteriormente. Se não fosse por essa atividade, nós jamais ficaríamos sabendo da forma como esse aluno se vê e vê o mundo, já que na sala de aula ele pouco fala e pouco interage com os demais membros da classe. Para reforçar essa ideia de autovalorização, ao final da aula, todos receberam um espelho com uma mensagem de autoestima.

Figura 17 – Os alunos ganham um espelho de presente



Fonte: Elaborado pela autora.

4.7 MÓDULO 2: HISTÓRIAS DE ARREPIAR

Nesse módulo, eu também poderia colocar o subtítulo “histórias de medo”. Foi assim que me senti ao produzi-lo, não por medo do conteúdo das histórias que iríamos estudar, mas medo de não corresponder às expectativas dos estudantes ao explorar essa temática que estava adormecida na adolescente que fui. Eu já havia entendido os motivos da escolha do tema, e embora tivesse havido muita conversa com a classe, o professor deve sempre se perguntar se o texto que o agrada também agradará aos estudantes.

Além do meu temor, também me senti insegura para trabalhar com essa temática, porque uma das alunas da classe, por sinal uma das mais interessadas, parecia não se sentir muito à vontade com histórias de terror. Toda a turma zombava dela e dizia para não se amedrontar com os contos. Fui enfática com todos. Disse que, se alguém não se sentisse bem, eu não iria levar os planos adiante. Conversei com a aluna que, muito tímida, disse que não teria problemas em ler contos de terror, tinha mais medo dos filmes.

Após dias e noites de incertezas, escolhi o primeiro conto: “Devolva a minha aliança” de Rosa Amanda Strausz (2018). O texto conta a história de dois amigos, Pedro e Antônio, que moravam na mesma rua, bem próximo a um cemitério, local preferido para as brincadeiras mais diversas da infância. O último enterro deixou os meninos curiosos, era de uma noiva que morrera no dia do casamento. Desesperado pelo acontecido, o noivo joga a aliança para ser enterrada junto da amada. Atentos a tudo, os meninos resolvem pegar o anel. Com a ajuda de Pedro, Antônio rouba o anel da cova. A partir daí, todas as noites, ele é acordado pela voz da noiva, pedindo para que ele devolva a aliança. Tentando se livrar da assombração, Antônio vai ao cemitério e tem o dedo anular esquerdo decepado pela defunta, que ainda o assombra por algumas noites, depois da vingança.

Meu plano era testar a turma com essa primeira história, e se a experiência fosse positiva, planejava as outras. No dia da aula, os alunos mostravam-se entusiasmados, pois sabiam do conteúdo do novo módulo e estavam felizes por terem seu desejo atendido.

Figura 18 – Pistas com predição do título do conto “Devolva minha aliança”



Fonte: Elaborado pela autora.

Para realizar a predição do título do conto e causar mais suspense para os estudantes, entreguei uma caixinha com um papel escrito “verbo no imperativo” e uma aliança. O objetivo era suscitar a imaginação da turma a respeito da história que seria lida. Todos opinaram e as sugestões mais próximas foram: entregue minha aliança, anel assombrado, devolva meu anel.

Revelei para eles o título do conto e perguntei-lhes o que esperavam dessa história de terror. Alguns falaram em noiva morta, anel roubado, noivo matou a noiva, dentre outras suposições. Esse momento é sempre importante, já que a mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos é parte fundamental na leitura, contribuindo diretamente na compreensão do texto. Kleiman (2011) assegura que a leitura é uma atividade interativa, constituída com a participação ativa do leitor.

Após a leitura, houve uma discussão sobre as expectativas pré-concebidas pelos alunos a respeito da trama. A maioria gostou da história, outros sugeriram um final melhor. A fim de dar voz aos estudantes e estimular a criatividade na construção de textos ficcionais, a atividade final da SD foi a criação individual de um novo final para o conto, que posteriormente foi lido para todos da classe.

Os finais criados pelos estudantes foram bastante criativos, ricos em tensão e suspense, quase todos trágicos: a noiva matou o menino enforcando-o; o menino tem os membros decepados, ao chegar ao hospital descobre que a enfermeira é a defunta; Antônio é morto a facadas pela assombração; a noiva enterra o menino vivo. Somente alguns finais foram mais brandos, com a noiva perdendo o menino e deixando-o em paz.

O texto selecionado abaixo é de uma aluna questionadora, que vem se mostrando uma leitora interativa, dialogando bastante sobre as temáticas dos textos.

Figura 19 – Criação de novo final para o conto ‘Devolva minha aliança’, produzida pela aluna B da intervenção

Foi então que ele sentiu um mão puxando o seu pé e ela disse:
 - Você vai comigo
 Puxou ele pra dentro de sua cova até toda terra cobrir seu corpo
 ela pegou a aliança de seu noivo e pôs em seu dedo e disse:
 - Agora você é meu pra sempre!
 Antônio só sabia gritar e chorar
 - NÃO, por favor não
 nunca mais se ouviu dizer sobre Antônio

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição:

Foi então que ele sentiu uma mão puxando o seu pé e ela disse:
 - Você vai comigo!
 Puxou ele pra dentro de sua cova até toda terra cobrir seu corpo, ela pegou a aliança de seu noivo, pôs em seu dedo e disse:
 - Agora você é meu para sempre!
 Antônio só sabia gritar e chorar.
 - Não, por favor, não!
 Nunca mais se ouviu dizer sobre Antônio.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Curiosamente, o segundo conto trabalhado nesse módulo causou alvoroço na escola. Na aula anterior, eu havia solicitado aos alunos que trouxessem uma vela. Numa sala escura e ambientada com um som de suspense e tensão, os estudantes em fileira iam entrando com sua vela acesa. Suas feições transmitiam medo, curiosidade, ansiedade. Sentavam-se nas cadeiras em círculo e colocavam a vela em sua frente. Enquanto isso, os alunos das outras turmas se perguntavam: o que estava acontecendo naquela sala? Para que tanta vela? Será macumba? Magia negra? Por que essa música estranha? A todo instante surgia, disfarçadamente, no empurrar da porta da sala, uma cabecinha intrusa e curiosa que tentava descobrir qual era a

razão de tanto mistério ali dentro. Educadamente, eu pedia licença aos visitantes e eles iam embora, frustrados e curiosos.

Expliquei aos alunos que o pedido de que trouxessem a vela fazia parte da experiência de leitura que iríamos ter e que estava relacionada ao título do conto. Pedi a eles que comentassem sobre suas expectativas para a história. Antes da leitura, passei um vídeo chamado *A Procissão das almas*, que conta sobre uma lenda urbana muito difundida na região de Minas Gerais; na cidade de Mariana, vivia dona Maricota, uma senhora solitária que gostava de olhar a movimentação da rua, todas as noites, antes de deitar. Um dia se deparou com uma procissão muito estranha, com pessoas encapuzadas, vestidas de branco, com uma vela na mão, ao som de uma música sombria. O último integrante da procissão parou em sua janela, entregou-lhe uma vela acesa e pediu para que ela a guardasse, para devolver no dia seguinte. Dona Maricota, assustada, recebe a vela e guarda numa gaveta. Ao amanhecer, ela abre a gaveta e no lugar da vela, encontra um osso. Pouco antes da meia-noite, a procissão ressurgue e ao devolver o objeto, dona Maricota recebe um aviso: a procissão das almas não poderia ser vista pelos vivos.

Após assistirem ao vídeo, os alunos comentaram as suas impressões. Ao final da narrativa, muitos esperavam que a punição da velhinha fosse mais severa, que ela poderia ter morrido ou sido levada pela procissão. Eles também contaram histórias que conheciam sobre a temática, falavam de familiares que afirmavam ter visto fantasmas, de momentos de suspense vividos entre amigos e parentes. Alguns alunos também recordaram a apresentação do conto “A loira do banheiro”, de Heloísa Prieto.

Enfim, fizemos a leitura do conto “A procissão”, de Rosa Amanda Strauz (2018), com o seguinte enredo: quatro amigos andavam por uma rua deserta. Somente Adriano viu um cortejo, que lhe causou arrepios e medo. Era uma procissão das almas, nela havia mulheres com expressões malignas e o único menino do grupo tinha um olhar vazio e angustiante. Após contar o que viu aos amigos, no dia seguinte, Adriano descobre que o menino que vira no cortejo é encontrado morto. A partir daí, começa a investigar aquele mistério, mas seus amigos preferem não se envolver com medo do que poderá acontecer. Sem conseguir descobrir muita coisa, Adriano perambula pelas ruas desertas da sua cidade e reencontra a procissão. Dessa vez, sente um forte desejo de segui-la, partindo para sempre para outra dimensão.

Os estudantes ficaram muito empolgados com a leitura do texto e colocaram um terço no meio da sala, com uma vela ao centro, a fim de causar suspense. Após a leitura, fizeram comparações com o vídeo “A Procissão das almas” e perceberam que, aquilo que esperavam

que acontecesse no vídeo, aconteceu no conto: o menino fora levado pela procissão. Os alunos estavam atentos a todos os acontecimentos da narrativa que nem notaram a extensão do texto, escrito em quatro laudas. Em nenhum momento reclamaram, mostrando-se imersos e encantados com o universo fictício da literatura.

Para finalizar o encontro, sugeri aos alunos que produzissem um texto, em primeira pessoa, sobre uma situação de medo ou suspense vivenciada por eles. Nesse momento, a turma estava toda eufórica. Todos tinham algo a contar sobre sua vida, ou de um parente próximo; avó, avô, primo, irmão. Pedi, então que contassem a história oralmente e, na próxima aula, trouxessem o texto escrito, o que não aconteceu.

Notei que eles tinham a necessidade de falar, pois ali se sentiam importantes, os seus discursos tinham validade. A socialização da leitura “[...] é uma maneira de evidenciar, sempre considerando a intimidade e o desejo do outro, a ponta do iceberg daquilo que se sugere por meio de silêncios e de palavras” (BAJOUR, 2012, p. 20). Sugiram histórias diversas de fantasmas, lobisomem, almas penadas e mistérios sobrenaturais. Como estávamos em círculo, foi possível olhar para cada um, acreditando na importância de saber ouvir e respeitar aquilo que o outro tem a dizer. Até os alunos mais tímidos acabaram soltando a voz e sendo elogiados pelos colegas de classe.

Essa experiência foi bastante positiva para mim; naqueles minutos ouvindo os adolescentes, recordei-me de momentos marcantes da minha infância na casa de meus avós, onde eu passava as férias. Sempre após o jantar, os mais velhos sentavam-se para “prosear”. Dali surgiam tantas aventuras dos tempos antigos, tantos casos que desafiavam a lógica e a normalidade. Minha mãe conta que, quando criança e morava na zona rural, as noites de lua cheia eram as prediletas, pois meu avô reunia os filhos para contemplar a natureza e contar histórias. Minha imaginação fervilhava. Creio que esse mesmo sentimento foi compartilhado pelos estudantes que, ao ouvir as histórias narradas esqueciam-se de si mesmos, mergulhando mais profundamente naquilo que estavam ouvindo (BENJAMIN, 1996).

Por instantes, também exerci a empatia como a estudante que fui. Como seria interessante se no meu tempo de estudante houvesse uma oportunidade de contar todas as histórias que já ouvi, as histórias que me construíram, que me encantavam, que ora provocavam risos, ora pavor. Acredito que teria sido maravilhoso se a minha professora elucidasse esses momentos com a mesma vontade com que ensinava os conteúdos linguísticos e gramaticais.

Figura 20 – Tensão na pré-leitura do conto “A procissão”



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 21 – Leitura do conto “A procissão”



Fonte: Elaborado pela autora.

Após o encontro, na sala dos professores, uma colega me disse que havia um boato entre os alunos sobre essa aula misteriosa. Diziam que eu estava fazendo bruxaria, rituais religiosos, macumba ou algo semelhante. Eu ri e respondi que não era nada daquilo. Mas depois pensei melhor: Sim! O trabalho com a literatura era tudo aquilo e muito mais, afinal bruxaria, de acordo com o *Dicionário Aurélio*, significa “acontecimento extraordinário, inexplicável, que se atribui a forças sobrenaturais”, realizadas através da palavra, ambas, literatura e bruxaria, não podem ser produzidas por qualquer um e causam grandes impactos naqueles que as experimentam. Cosson (2017) compara os escritores literários com os feiticeiros que utilizam a palavra encantada para alimentar em nós, leitores, o desejo de dizer e ouvir aquilo que ainda não foi dito, de expandir a compreensão sobre o mundo.

No penúltimo conto do módulo “Histórias de arrepiar”, escolhi o conto “Vovó Maria” de Heloísa Prieto (2015). Na narrativa, há uma velhinha que aparece de tempos em tempos nas estradas pedindo carona aos caminhoneiros, mas durante a viagem os motoristas descobrem que ela é uma assombração. A escolha desse conto foi sugestão de uma colega da turma do mestrado. Ela já havia trabalhado com histórias de terror e relatou-me boas experiências com sua classe no trabalho com esse conto.

Para iniciar, dividi a turma em grupos. Cada grupo recebeu uma caixinha contendo algumas palavras-chave (caminhoneiro, caminhão, jovem, vovó,) que estão no conto “Vovó Maria”. Cada grupo teve alguns minutos para construir uma história de terror com esses elementos e a melhor história ganharia uma caixa de chocolate. O anúncio do prêmio, tão simples para mim, atçou o espírito competitivo da classe. Levaram a produção acima das minhas expectativas. Os alunos reuniram-se com muita concentração, escreviam e reescreviam o texto (coisa não muito comum), tentando produzir a melhor história. Ultrapassaram o tempo previsto por mim e fizeram o contrário da aula anterior, em que preferiram falar ao invés de escrever. Aproveitei essa motivação e informei a eles que eu iria chamar duas colegas professoras para escolherem o melhor texto. Eu nem tinha previsto tudo isso, mas improvisar faz parte da nossa profissão e, às vezes, o que acontece sem o nosso planejamento, é muito melhor do que esperávamos. Foi isso mesmo que vivenciei.

Figura 22 – Alunas apresentando a produção textual vencedora



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 23 – Professoras convidadas para a votação



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a produção, os grupos liam sua história para todos, que se divertiram e aplaudiram as criações. Analisando os textos, percebi uma evolução na competência linguística dos alunos. Mesmo sem a cobrança formal desse aspecto da língua, a construção dos diálogos ficou mais elaborada com a utilização do discurso direto e as descrições foram produzidas com mais detalhes e adjetivações. Esse amadurecimento na escrita é esperado como consequência do contato com o texto, mesmo sem uma avaliação formal, todos os rascunhos foram orientados por mim, e sugeri certas correções e adaptações, de ordem linguística e adequações necessárias ao gênero conto.

Nas produções, também atentei para a continuação do uso de expressões cristalizadas: “Era uma vez” e “Certa vez”, já notadas desde a produção inicial da SD para marcar o tempo da narrativa e para iniciá-la. Percebo que os alunos utilizam essas expressões em muitas tipologias textuais na escola, até mesmo nos textos argumentativos, pois têm dificuldade de iniciar a escrita de um texto e acabam se apropriando dessa expressão. De cinco textos produzidos por duplas ou trios, quatro iniciaram com “Era uma vez”.

Os textos criados em grupo continham de duas a três páginas, demonstrando riqueza de detalhes no enredo, utilização de elementos do gênero conto: situação inicial, conflito, clímax e desfecho adequados ao tema terror, pois os finais continham assassinatos, mutilação de membros das personagens, mortes trágicas e presença constante da assombração na vida das personagens. O texto abaixo foi produzido pelo grupo que venceu a disputa.

Figura 24 – Texto vencedor da disputa em grupos

— Certa vez eu estava trabalhando, chegaram até mim um jovem e um caminhoneiro muito assustados, me contaram uma história e confesso que fiquei com muito medo e isso começou aqui.

— Um dia estava trabalhando como todos os outros dia, porém neste dia em especial senti algo estranho como se algo estava prestes a acontecer perto dali tinha uma vila e nessa vila tinha um jovem que adorava fazer travessuras, durante a tarde esse jovem passou por alguns amigos e eles diziam que iria brincar de chama uma velha que tinha falecido há muitos anos nessa vila eles tinham costume de falar que essa velha iria levar com ela quem atemorizasse sua alma na sua casa, eu me aproximei dele e disse:

— Garoto eu sei que você falou isso mas tem medo de acontecer algo se você fizer isto o jovem respondeu.

— Eu com medo jamais, não tenho medo de nada. O pretinho falou: Mas não é bom atemorizar espírito mas o menino deu as costas ao gentalista, e assim foi para casa no outro dia, depois da escola, foi caminhado até a casa da velha ele entrou na casa da velha e impressionante como tudo era sem cuidado como se alguém ainda vivesse lá então ele começou a vasculhar tudo que tinha as coisas até chegar em uma porta que estava trancada ele procurou a chave por toda a casa até que ele disse:

— Que saber vou derrubar esta porta assim que entrou viu que era o quarto da velha estava toda arrumada como se alguém ainda estivesse dormindo lá foi até uma penteadeira e achou algumas jóias e resolveu levar todas elas quando de repente passou um vento tão arrepiante que todas as portas fecharam, de repente todos os móveis começaram a se mexer os pratos quebrar e ele ouvia uma voz dizendo:

— Sai da minha casa agora! O garoto que quase morreu de medo respondeu:

— Eu não mais também não devo nada ao seu o jovem conseguiu abrir a porta e correu durante a noite ele resolveu caminhar pela estrada e encontrou um caminhoneiro ele disse:

— Garoto o que você faz a essas horas andando pela estrada. Ele respondeu:

— Estou apenas caminhando eu passei uma noite que se eu lhe contar você nem acredita contei tudo a ela que rachava de rir ele falou:

— Garoto entra eu te levo pra casa. Subi e pegamos para a vila no meio do caminho o caminhão parou e o motorista foi ver o que tinha acontecido, de repente apareceu uma velha de Branco que pegou uma faca arroucou a mãe do caminhoneiro, o jovem então ele viu a velha arroucando a mãe do caminhoneiro ele tentou fugir mais ela o pareceu em sua frente e arroucou a sua filha e disse:

— Você pegou o que era meu então agora vou pagar algo seu HAHHAH

— O garoto então desmaiou e os médicos em um hospital a enfermeira lhe falou que haviam deixado um presente pra ele quando ele abriu era a sua filha e todas as dias ele via a alma da velha ainda.

FIM

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do Texto vencedor da disputa em grupos:

Certa vez, eu estava trabalhando e chegaram até mim um jovem e um caminhoneiro muito assustados, me contaram uma história e confesso que fiquei com muito medo e isso começou aqui.

Um dia estava trabalhando, como todos os outros dias normais, mas neste dia, em especial, senti algo estranho como se alguma coisa estivesse prestes a acontecer. Perto dali tinha uma vila, e nessa vila, tinha um jovem que adorava fazer travessuras, durante a tarde esse jovem passou por alguns amigos e ele dizia que iria brincar de chamar uma velha que tinha falecido há muitos anos nessa vila, ele tinha costume de falar que essa velha iria levar com ela que atormentasse sua alma na sua casa, eu me aproximei dele e disse:

- Garoto eu ouvi que falou, você não tem medo de acontecer algo se você fizer isto? O jovem respondeu:

- Eu com medo? Jamais, não tenho medo de nada. O frentista falou:

- Mas não é bom atormentar espírito, o menino deu as costas ao frentista, e assim foi para casa. No outro dia, depois da escola, foi caminhando até a casa da velha, ele entrou na casa. Era impressionante como tudo era bem cuidado, como se alguém ainda vivesse lá, então ele começou a vasculhar tudo que estava trancado. Procurou a chave por toda a casa, até que ele disse:

- Quer saber? Vou derrubar esta porta.

Assim que ele entrou, viu que era o quarto da velha, estava todo arrumado como se alguém ainda estivesse dormindo lá; foi até uma penteadeira, achou algumas joias e resolveu levar todas elas. Quando, de repente, passou um vento tão arrepiante que os móveis começaram a se revirar, os pratos a quebrar e ele ouvia uma voz dizendo:

- Sai da minha casa agora, o garoto, quase morto de medo, respondeu:

- Eu saio, mas também não devolvo nada seu. O jovem conseguiu abrir a porta e correu. Durante a noite ele resolveu caminhar pela estrada, encontrou um caminhoneiro, que disse:

- Garoto, o que você faz a essas horas andando pela estrada? Ele respondeu:

- Estou caminhando, eu passei por uma hoje que se eu lhe contar você nem acredita. Conteí tudo a ele, que rachava de rir, e falou:

- Garoto, entra, eu te levo pra casa. Subi e seguimos para a vila no meio do caminho o caminhão parou e o motorista foi ver o que tinha acontecido, de repente

apareceu uma velha de Branco, que pegou uma faca, arrancou a mão do caminhoneiro, o jovem viu a velha arrancando a mão do caminhoneiro e tentou fugir, mas ela apareceu em sua frente, arrancou a sua orelha, e disse:

- Você pegou o que era meu, então agora vou pegar algo, hahaha!

O garoto então desmaiou e ao acordou em um hospital, a enfermeira lhe falou que haviam deixado um presente para ele, quando abriu era a sua orelha. Todos os dias ele via a alma da velha rindo.

FIM

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

A narrativa se utiliza de substantivos e adjetivos que causam suspense e tensão, como: medo, vento “arrepiaante”, algo estranho, alma. Há também a presença do sobrenatural, tão comum nos contos de terror: coisas quebrando e se movendo sozinhas, ventos que assustam, ecoar de vozes estranhas. O desfecho é trágico, com violência física. O último parágrafo surpreendente e irreverente, ajudando o texto a ganhar prêmio da melhor história. Os alunos e os professores votantes acreditavam que o texto havia acabado no penúltimo parágrafo, pois o narrador havia dado uma pausa maior para a leitura do final. Essa façanha engenhosa ajudou a dar um maior destaque no texto, tornando-o eleito. O texto é finalizado com o clássico “FIM”.

Após a entrega do prêmio para a melhor história, fizemos a leitura do conto “Vovó Maria” e comparamos com as criações dos estudantes. A história vencedora possuía muita semelhança com as lendas urbanas, que muitas vezes são narradas oralmente em primeira pessoa, e, por vezes, o narrador usa o recurso que, quem conta a história não a vivenciou, mas conhece alguém de confiança que afirma com veemência a veracidade dos fatos, mesmo que eles pareçam absurdos, sobrenaturais ou fantasmagóricos. Dentre as marcas que percebi, destaco: “me contaram uma história e confesso que fiquei com muito medo e isso começou aqui”. O próprio texto estudado, de Heloísa Prieto, retoma essas características com uma escrita mais informal. O narrador parece estar batendo um papo com o interlocutor: “Juro de dedo cruzado. Pode acreditar. Aconteceu de verdade. Foi numa noite fria pra danar. Eu tinha parado num bar para tomar um copo de café. Já passava das onze. Eu estava bem chumbado”. (PRIETO, 2014, p. 36).

O texto se utiliza do contexto das histórias de caminhoneiros e as aventuras dessa profissão acabam dando mais credibilidade aos fatos, já que esses profissionais rodam o país e trazem experiências das regiões mais longínquas e de culturas diversas.

Como nos causos, a oralidade e a informalidade estão presentes tanto no conto de Heloísa Prieto quanto nas produções dos estudantes. Benjamin (1996) afirma que as melhores narrativas são as que menos se distanciam das histórias orais contadas por narradores diversos, destacando entre eles dois grupos distintos: o narrador arcaico, que corresponde - ou ao velho da aldeia, que nunca saiu do seu local, mas que conhece as lendas e mistérios antigos - ou ao viajante, que conheceu o mundo e viu coisas extraordinárias e volta para contar. Na modernidade, esses narradores estão em declínio, assegura Benjamin (1996) - mas na sala de aula de LP, é possível encontrá-los, através da leitura dos textos literários, representados pelo autor do texto e os próprios estudantes, com suas referências familiares e culturais.

Durante a discussão do conto, os estudantes se valeram das experiências próprias e de familiares e recordaram as lendas urbanas e rurais mais temidas da infância deles, dentre elas, destacamos: o papa fígado ou papa figo - traficante de crianças com o intuito de vender os órgãos no estrangeiro; o carro preto - que sequestrava crianças para vender a casais que não tinham filhos; a boneca da Xuxa - que feria as crianças enquanto dormiam; o lobisomem - homem que se transforma em lobo em noite de lua cheia e a mula sem cabeça - maldição para a mulher que namorasse um padre.

4.8 PRODUÇÃO DE CONTOS

Essa etapa foi dividida em três momentos: o primeiro foi uma conversa para retomada de todas as temáticas e enredos dos contos estudados. O segundo, explorou o tema terror escolhido pelos alunos com uma produção de conto e o terceiro encontro se concretizou com a reescrita e apresentação oral dos contos escritos pelos alunos.

O primeiro momento, chamado de preparatório para a produção final, fez uma retomada das temáticas trabalhadas durante toda a sequência didática e verificou os assuntos que mais interessaram aos alunos. Minha ideia era constatar o que os alunos entenderam do estudo do gênero e do conteúdo dos contos trabalhados. Será que alguma história os havia marcado? O que eles iriam recordar do projeto futuramente? As aprendizagens e discussões foram significativas? Qual o grau de compreensão de cada uma das histórias estudadas?

Posicionados em círculo, a aula iniciou-se com a dinâmica “Caixa Surpresa”. Nela havia o nome de alguns personagens dos contos trabalhados durante as oficinas. Ao ritmo da música, todos passavam a caixa rapidamente para o colega do lado. Quando a música parava, o aluno que estivesse com a caixa na mão deveria abri-la, pegar um papelzinho com o nome

da personagem e dizer o que se lembrava daquele conto (título, temática, enredo, desfecho, etc). A dinâmica terminou após todos os papéis serem sorteados pelos alunos.

A turma recontou as histórias e reviveu cada texto, mostrando ampla compreensão leitora. Fiquei surpresa com as notáveis lembranças de tudo que foi trabalhado. Uma aluna em especial (a aluna A), chamou a atenção de todos pela desenvoltura na retomada de detalhes das narrativas. Não havia um texto sequer que ela não recordasse. Durante toda a SD ela se destacou na participação oral, embora sua produção escrita contenha muito desvios da norma padrão. Por essa razão, os colegas professores de outras disciplinas a caracterizam como uma aluna “fraca”. Para mim, esse conceito foi ressignificado, mesmo sabendo que é necessário um trabalho eficaz que contribua para os ajustes no uso da língua escrita de acordo com as normas (não foi objetivo desse projeto) da aluna em questão, reconheço uma grande desenvoltura nas produções orais, uma criatividade na produção textual, além de uma excelente memória. Outros estudantes da turma, também classificados como alunos de baixo rendimento, revelaram destreza ao narrar, ao criar e também dramatizar.

Utilizei esses dados no Conselho de classe, ao final do ano letivo, justificando a aprovação de alguns dos alunos dessa classe e solicitando aos professores um trabalho mais cuidadoso com escrita, a fim de sanar algumas dificuldades de adequação à gramática normativa.

Finalizamos esse encontro sanando as minhas expectativas. Entreguei aos alunos uma ficha de avaliação do encontro e solicitei que eles escrevessem qual a temática que gostariam de estudar no próximo encontro da nossa SD, justificando a escolha. 80% dos alunos votaram na temática de terror, alegando os mais variados motivos: diversão, suspense, medo e emoção. Os demais 20 % votaram na temática empatia e preconceito, justificando a importância da valorização de si mesmo e da abordagem do preconceito em sala de aula.

Após a escolha, nosso segundo momento da produção final se realizou com o estudo de um conto de terror chamado “Sete Ossos e uma maldição” de Rosa Amanda Strausz (2018). A trama conta a trajetória de Clara, uma menina que se vê atormentada por uma voz que aparece em seus sonhos e diz: meus ossos. Ao contar o acontecido para a mãe e a tia, uma espírita que incorpora entidades, Clara é avisada que fora vítima de magia negra e terá que queimar tudo que há no quarto. Como compensação, ganha brinquedos e móveis novos. No meio dos presentes, Muriel, uma boneca espanhola, chama a atenção pelo olhar altivo e brilhante. A partir daí, coisas estranhas começam a acontecer no quarto. Todos os dias uma boneca surge quebrada, decepada de um membro, bagunçada, exceto Muriel, que permanece linda e intacta. Ao reclamar sobre isso, Clara é levada ao centro espírita e sua tia afirma que

ela está possuída por um mau espírito. A menina é trancada no quarto com suas bonecas e, desconfiada de Muriel, resolve enfrentá-la, quebrando-a em pedaços. Então, descobre que a boneca possui sete ossos humanos em miniatura. Nesse momento, entram no quarto sua mãe e uma entidade de olhar negro e brilhante, incorporada na tia, deixando Clara sem condição de defesa.

Antes de apresentar para a classe o título do conto, fiz uma atividade de predição que consistiu em entregar aos alunos frases do texto, do tipo: “meus ossos”, “Uma gargalhada de mulher”, “esta menina está possuída”, “era uma boneca incrível e bonita”. Cada aluna leu a sua frase e sugeriu títulos: “boneca assassina”, “ossos do mal”, “boneca possuída”, dentre outros. Em seguida, apresentei o título do conto e, antes da leitura, passei um vídeo fictício chamado “Boneca assombrada” que apresenta a história de uma criança que ganhou uma boneca de presente e esse brinquedo passou a assombrar toda a casa, movendo objetos, quebrando coisas, aterrorizando a família. Os estudantes também interferiram no vídeo, fazendo comentários sobre a aula anterior à produção final, que mencionou a lenda da boneca da Xuxa. Alguns se lembraram de que ouviram falar de um boneco do Fofão e da Barbie, que afirmavam ser assassinos também. Após a conversa, fizemos a leitura do conto e continuamos a discussão, fazendo comparações com o vídeo. Alguns alunos lembraram-se do filme *Boneco assassino* e de outros com temática parecida. Eles também comentaram sobre os medos que tinham quando eram menores ou aqueles medos que ainda persistem na adolescência: medos de animais, de mortos, de cemitérios, de ficarem sozinhos.

Na sequência, fizemos uma atividade escrita sobre o conto, focando sobre o reconhecimento dos elementos do gênero. Em seguida, socializamos as respostas, para que os estudantes pudessem rever as aprendizagens.

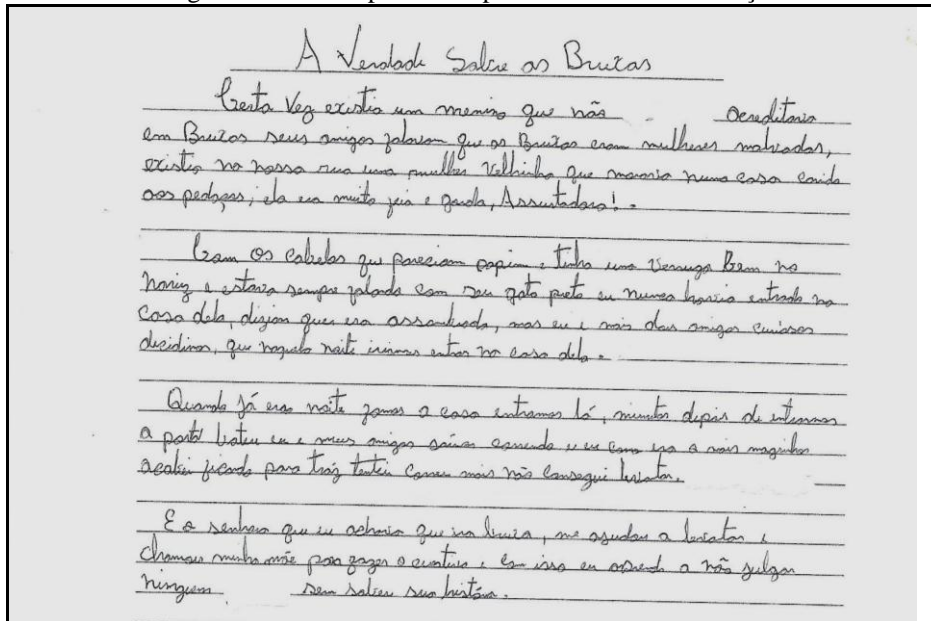
Após a realização de atividades, solicitei aos alunos uma produção de uma primeira versão de um conto com temática livre. Na folha recebida, havia orientações para o planejamento e a produção do texto. Informei a eles que haveria uma votação (secreta) entre eles e o autor da melhor história ganharia um prêmio, que seria um livro.

No terceiro momento, em outra aula, os estudantes receberam por escrito as orientações para a avaliação e a reescrita da primeira produção, que foram feitas através de minha mediação.

Como resultado, grande parte dos contos produzidos pelos alunos seguiu a onda da temática de “assombração”, que tomou conta de todo o trabalho. Somente um texto foi produzido com o tema da empatia e tolerância, escrita por uma aluna muito dedicada os estudos, por essa característica ela, por vezes, recebe o rótulo de *nerd* pelos colegas, algo que

aparentemente não a agrada. Escrever sobre empatia é uma forma de essa menina reforçar a importância de nos colocarmos no lugar do outro, respeitando as particularidades e a personalidade de cada um.

Figura 25 – Conto produzido pela Aluna F da intervenção



Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do conto produzido pela Aluna F:

A verdade sobre as bruxas

Certa vez existia um menino que não acreditava em Bruxas, seus amigos falavam que as Bruxas eram mulheres malvadas, existia na nossa rua uma mulher velhinha que morava numa casa comida aos pedaços, ela era muito feia e gorda, Assustadora!

Com os cabelos que pareciam capim e tinha uma verruga bem no nariz e estava sempre falando com seu gato preto eu nunca havia entrado na casa dela, diziam que era assombrada, mas eu e mais dois amigos curiosos decidimos, que naquela noite iríamos entrar na casa dela.

Quando já era noite fomos a casa entramos lá, minutos depois de entrarmos a porta bateu, eu e meus amigos saímos correndo e eu, como era o mais magrinho, acabei ficando para trás, tentei correr, mas não consegui levantar.

E a senhora que eu achava que era bruxa, me ajudou a levantar e chamou minha mãe para fazer o curativo e com isso eu aprendi a não julgar ninguém sem saber sua

história.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

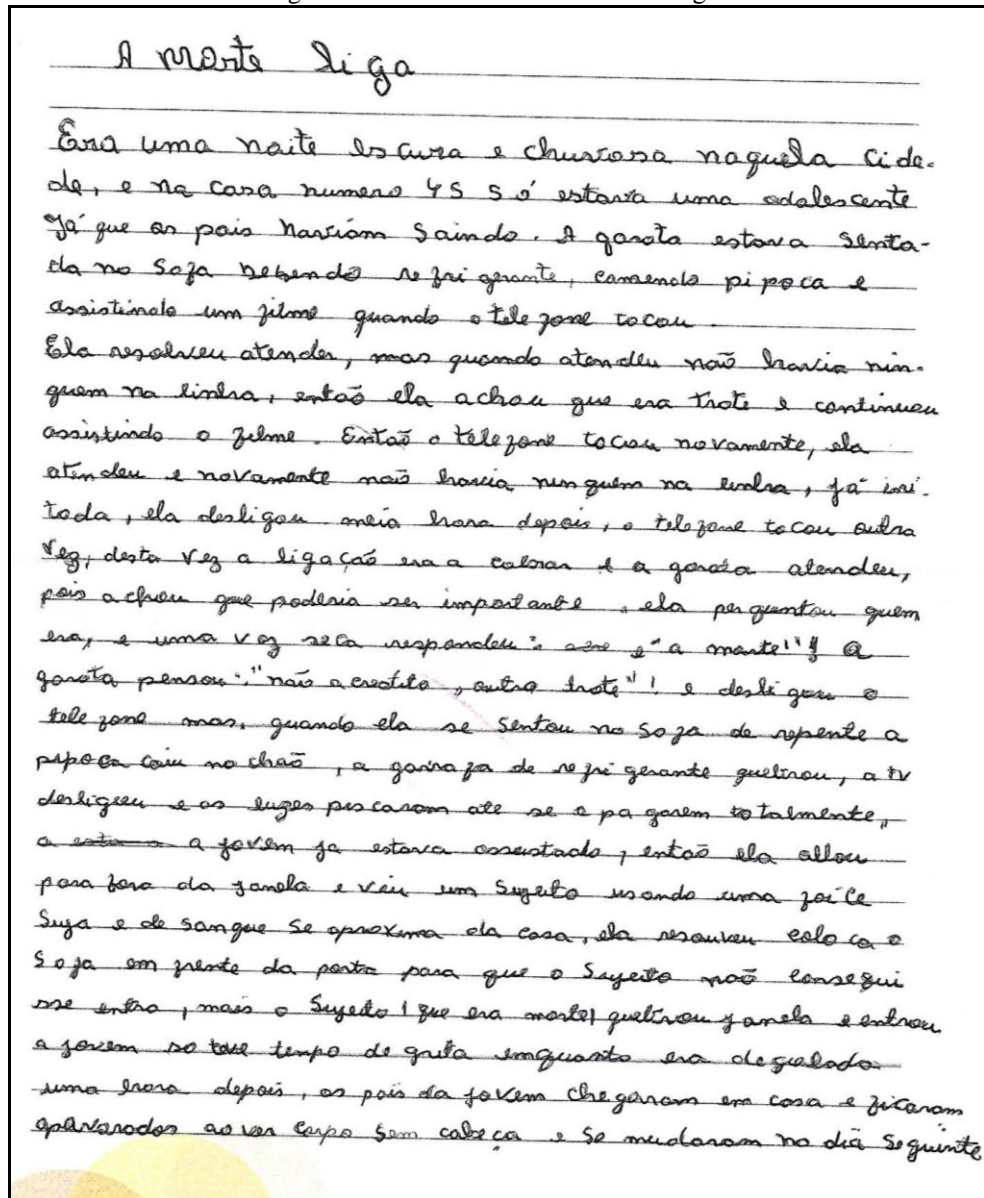
Observando a escrita dessa aluna, destaco que ela fez uma releitura do conto “Bruxas não existem”, trabalhado no módulo 1 da SD. A situação inicial, as personagens, o conflito e o desfecho são os mesmos da obra de Moacyr Scliar. As únicas mudanças no texto dela são discretas:

1. O começo da história é iniciado em 3ª pessoa, e somente no segundo parágrafo a aluna usa a 1ª pessoa do singular, que mais adiante é mesclada com a 1ª pessoa do plural; o conto original é todo narrado em 1ª pessoa;
2. É introduzido um gato preto de estimação para a temida “bruxa”;
3. O menino, ao correr da senhora, fica para trás por ser magrinho. No conto original, ele era gordinho;
4. A conclusão do texto reforça a mensagem que a aluna quer passar para todos: “com isso eu aprendi a não julgar ninguém sem saber sua história”. No conto de Scliar, a história termina com uma grande amizade entre o menino e a velhinha.

Fizemos uma roda de leitura e cada integrante leu o seu texto, seguido de muitos aplausos e empolgações dos colegas. A relação de reciprocidade e respeito estava ainda mais fortalecida nesse momento final. Os alunos mais reservados continuaram recatados, mas contavam com o apoio e a empatia dos amigos para expressarem as suas ideias. Foi bonito de ver a relação de respeito e amizade daquela turma tão pequena em quantidade, mas vasta em generosidade, capaz de imprimir em mim um vasto repertório de aprendizagens.

Embora houvesse um clima de competição no ar, todos os textos obtiveram votação. O vencedor foi “A morte liga” e o segundo lugar foi “A escola assombrada”, que foi dramatizado por toda a escola nas comemorações do dia do estudante. O conto vencedor “A morte liga” traz tensão e suspense e, no seu enredo, apresenta um medo comum dos jovens: ficar sozinho.

Figura 26 – Conto vencedor “A morte liga”



Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do conto vencedor “A morte liga”:

A morte liga

Era uma noite escura e chuvosa naquela cidade, e na casa numero 45 só estava uma adolescente, já que, os pais dela haviam saído. A garota estava sentada no sofá, bebendo refrigerante, comendo pipoca e assistindo um filme quando o telefone tocou.

Ela resolveu atender, mas quando atendeu não havia ninguém na linha, então ela achou que era trote e continuou assistindo o filme. Então, o telefone tocou

novamente, ela atendeu e, novamente, não havia ninguém na linha, já intrigada, ela desligou, meia hora depois, o telefone tocou outra vez, desta vez a ligação era a cobrar e a garota atendeu, pois achou que poderia ser importante. Ela perguntou quem era e uma voz seca respondeu: “é a morte”! A garota pensou: “não acredito, outro trote”! Desligou o telefone, mas, quando ela se sentou no sofá, de repente, a pipoca caiu no chão, a garrafa de refrigerantes quebrou, a Tv desligou e as luzes piscaram até se apagarem totalmente, a jovem já estava assustada. Então, ela olhou para fora da janela e viu um sujeito usando uma foice suja de sangue, ele se aproximou da casa, ela resolveu colocar o sofá em frente da porta, para que o sujeito não conseguisse entrar, mas sujeito (que era a morte) quebrou a janela e entrou, a jovem só teve tempo de gritar, enquanto era degolada

Uma hora depois, os pais da jovem chegaram em casa e ficaram apavorados ao ver o corpo sem cabeça e se mudaram no dia seguinte.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Observei detalhes importantes nessa produção:

1. O uso de todos os elementos estudados no gênero conto;
2. O final súbito: a menina é degolada;
3. A trama é descrita sob uma atmosfera de suspense e tensão: “noite escura e chuvosa”, “uma voz seca respondeu: é a morte”;
4. A apropriação de objetos relacionados à temática (como a foice) e a presença do sobrenatural: garrafa quebrou, TV desligou sozinha, luzes piscam e se apagam;
5. O final do conto é súbito;
6. É possível que a aluna tenha se inspirado no filme de terror *O chamado*.

Figura 27 – Premiação para a autora do melhor conto



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nem todos os alunos entregaram a versão final do conto. Somente nove entregaram seus textos e participaram da roda de leitura. Os demais estiveram presentes na aula e também votaram para escolher o melhor texto.

Fazendo uma comparação dessas nove produções com os textos da produção inicial, percebo que houve um avanço no domínio do gênero conto e que os conhecimentos adquiridos durante a intervenção ajudaram na construção do texto narrativo. O trabalho com a sequência didática na escola amplia o vocabulário dos alunos e contribui para a adequação da linguagem escrita ou falada em determinada situação de comunicação, aponta Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Na produção inicial, houve uma grande utilização do termo “era uma vez” no início da história, com o amadurecimento na produção em grupo; nessa produção final houve menos usos dessa expressão e a utilização de termos distintos: “era uma noite escura”, “em um certo dia”, “Em uma escola”, “Certa vez”, “Em uma noite João e Pedro”, “No inverno do ano passado”.

Os nove textos mencionados também obtiveram avanços quando tratamos da utilização dos elementos do conto na narrativa, que desta vez, apareceram com mais consistência. O quadro abaixo faz um comparativo da produção inicial e final e mostra a evolução da classe em cada parte integrante do gênero conto.

Quadro 1 – Evolução nos usos dos elementos do gênero conto

Elementos do gênero	Produção inicial	Produção final
Situação inicial	7	9
Conflito	4	9
Clímax	4	8
Personagens bem descritos	7	8
Desfecho consistente	5	8
Adequação à estrutura composicional	4	7

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de dados da pesquisa.

Conforme mencionado anteriormente, escolhi, como amostra, três alunos da turma para uma análise mais minuciosa da escrita, fazendo um comparativo da primeira produção com o texto final. O objetivo foi avaliar de que forma os estudantes colocaram em práticas o estudo das partes constituintes do gênero textual conto (situação inicial, personagens, conflito, clímax, desfecho).

Figura 28 – Produção final da aluna A

O Túmulo assombrado

Em um certo dia, um menino muito curioso morava perto de uma floresta muito escura e arrepiante. Ele vivia com a sua mãe e o seu pai. E o seu cachorro Lilico era uma família muito feliz um dia o menino saiu para

passar com o seu cachorro chegando na floresta. Ele avistou um buraco que parecia um túmulo. E nele estava escrito um nome de um homem muito antigo. Ele ficou muito assustado. Percebendo ele avistou uma joia muito bela era um anel de esmeralda.

Ele não pensou duas vezes logo pegou o anel e levou para a sua casa durante a noite ele sentiu algo ruim e o seu pai mas ele pensou que era Lilico e logo dormiu quando ele acordou deu perceber que estava em outra

lugar era na floresta. Quando afofocou um homem misterioso que lhe disse - derruba o meu anel. e o menino respondeu - ele está em minha casa amanhã os 3 dias de manhã me encontre aqui sem falta.

Em fim o menino veio mais cedo. Cachorro, pegou em uma dele e o anel que na loja o homem ofereceu e pediu o anel mas o menino não estava com ele e o cachorro sendo muito assustado cachorro foi para casa do fim.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição da Produção final da aluna A:

O túmulo assombrado

Em um certo dia, um menino muito curioso morava perto de uma floresta muito escura e arrepiante. Ele vivia com a sua mãe, seu pai e o seu cachorro Lilico, era uma família muito feliz.

Um dia o menino saiu para passear com seu cachorro chegando na floresta. Ele avistou um buraco que parecia um túmulo, nele estava escrito um nome de um

homem muito antigo. Ele ficou muito assustado. De repente ele avista uma joia muito bela era um anel assombrado

Ele não pensou duas vezes, logo pegou o anel e levou para a sua casa. Durante a noite, ele sentiu algo procurando o seu pé, mas pensou que era Lilico e logo dormiu. Quando ele acordou, percebeu que estava em outro lugar, era na floresta. Quando apareceu um homem misterioso, que lhe disse: “Devolva o meu anel”. O menino responde: “Ele está em minha casa amanhã as 3 hora da manhã me encontre aqui sem falta”.

Então o menino foi ao encontro, o cachorro pulou em cima dele e o anel caiu no lago, o homem apareceu e pediu o anel, mas o menino não estava com ele e acabou sendo morto. Seu cachorro foi para a casa e fim.

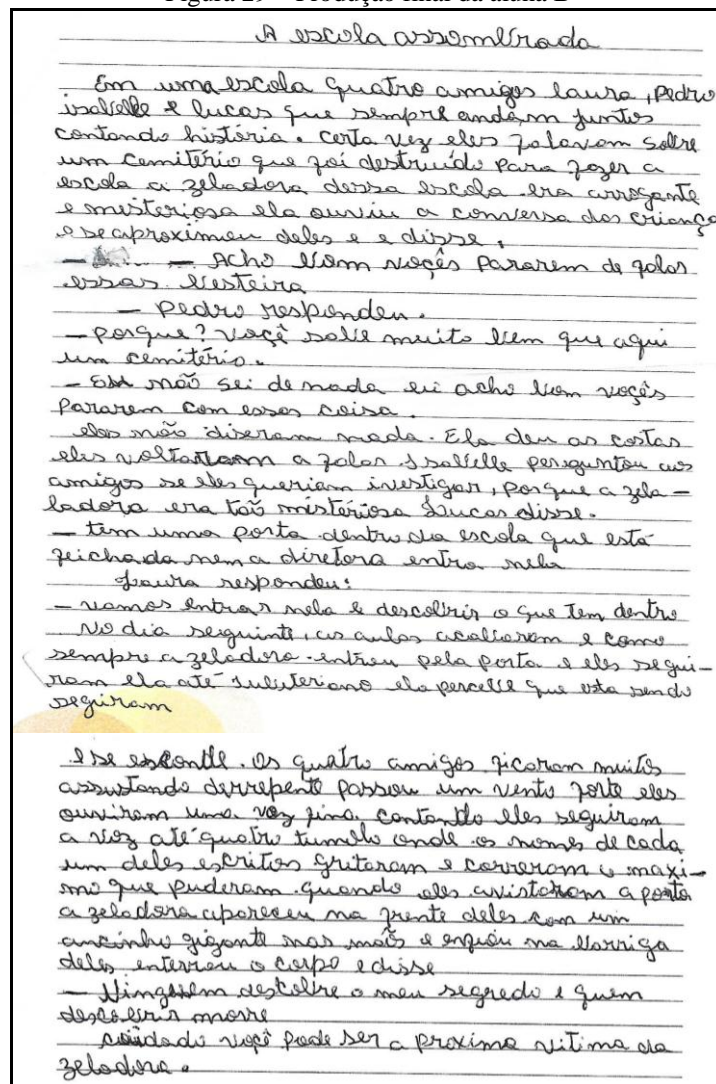
Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Apesar de uma escrita com desvios da gramática normativa, verificamos uma evolução dessa aluna, comparando com o primeiro texto, destacamos várias modificações e progressos nas formas de narrar:

1. O texto não começa com o clássico “Era uma vez”;
2. O enredo é criativo, embora a mesma tenha se inspirado em dois contos trabalhados na SD: “Devolva minha aliança” (com o enredo de perda de uma joia) e “Uma Lição Inesperada” (colocando o nome do cachorro igual ao nome do personagem principal do conto). Essas apropriações demonstram que a aluna assimilou as histórias;
3. A narrativa apresenta clímax, enredo, personagens e desfecho coerente com a temática terror; na produção inicial, o texto não apresentava desfecho;
4. Nas descrições, há adjetivos que dão um tom mais amedrontador: assombrado, escuro, assustado, misterioso. A estudante se apropriou de elementos que entende como marcadores desse tipo de narrativa.

Para o fechamento do texto a aluna mantém o hábito de finalizar o texto com a palavra “fim”.

Figura 29 – Produção final da aluna B



Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição da Produção final da aluna B:

A escola assombrada

Em uma escola quatro amigos: Laura, Pedro, Isabelle e Lucas, sempre andam juntos contando histórias. Certa vez eles falavam sobre um cemitério que foi destruído para fazer a escola. A zeladora dessa escola, arrogante e misteriosa, ouviu a conversa das crianças, se aproximou deles e disse:

- Acho bom vocês pararem de falar essas besteiras.

Pedro respondeu:

- Porque? Você sabe muito bem que aqui era um cemitério.

- Eu não sei de nada, eu acho bom vocês pararem com essas coisas.

Eles não disseram nada. Ela deu as costas eles voltaram a falar, Isabelle

perguntou aos amigos se eles queriam investigar o porquê de a zeladora ser tão misteriosa. Lucas disse:

- Tem uma porta dentro da escola que está fechada, nem a diretora entra nela.

Laura respondeu:

- Vamos entrar nela e descobrir o que tem dentro.

No dia seguinte, as aulas acabaram e como sempre a zeladora entrou pela porta e eles seguiram ela até subterrâneo, ela percebe que esta sendo seguida e se esconde. Os quatro amigos ficaram muito assustados, de repente passou um vento forte, eles ouviram uma voz fina cantando e seguiram a voz até quatro túmulos onde os nomes de cada um deles escritos. Gitaram e correram o máximo que puderam.

Quando eles avistaram a porta, a zeladora apareceu na frente deles com um ancinho gigante nas mãos e enfiou na barriga deles, enterrou o corpo e disse:

- Ninguém descobre meu segredo e quem descobrir morre.

Cuidado, você pode se a próxima vítima da zeladora!

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Como já foi mencionado anteriormente, a aluna B possui desenvoltura para se expressar, criatividade na produção de textos, estimulando os demais colegas da classe a participarem mais ativamente das aulas. Sobre o texto podemos considerar:

1. Assim como na produção inicial, nessa produção podemos identificar facilmente os elementos constituintes do conto;
2. A aluna também demonstrou ter sido influenciada pelo conto “A procissão” trabalhado na SD. Esse conto se inicia assim: “Eram quatro amigos...”
3. Nas descrições, há adjetivos e substantivos que dão um tom mais amedrontador: misterioso, subterrâneo, cemitério;
4. O desfecho é trágico, coerente com contos de terror, acrescido de um tom irônico do narrador que dialoga com o leitor, na última linha, aconselhando-lhe cautela, em toma de ameaça.

Figura 30 – Produção final do aluno C

Tesouro do Diabo

Em uma noite João e Pedro velhos amigos, conversavam na casa de Pedro sobre uma história de um tesouro escondido numa caverna no meio da mata. Pedro falou para João - você tem medo de escuro - João disse que sim - então Pedro disse - você não é homem, então João fez uma aposta - duvido você ir até a caverna e buscar o tesouro - Pedro concordou.

No meio da noite Pedro foi até a mata procurando entre as árvores e as pedras, quando ele, de repente, viu uma luz branca na escuridão, se aproximando na direção dele, que correu até sua casa e não dormiu a noite toda.

No dia seguinte ele foi pra escola e contou a história para sua amiga João disse que ele estava mentando então Pedro disse - vamos até lá a noite - quando botou a noite Pedro e João foi até o local que Pedro viu a luz. Ela estava mesma caverna profunda e viu uma luz, ele se aproximando e viu um baú cheio de moedas de ouro e João disse para Pedro enche o baú com o tesouro. Pedro pegou uma moeda de ouro e deu ao João e disse - aqui tem alguma coisa escondida aqui. João também disse que viu a luz. Pedro não estava lá. João olhou pra baú e viu a mão de Pedro no chão.

Daí Pedro João disse Pedro dizendo sorriente João pegou a mão de Pedro mas ele não conseguiu.

Pedro está contando João não conseguiu quando ele brincou que a história da caverna, então João viu uma luz e uma voz - você não dormiu a noite e não dormiu a noite, então João viu aqui no chão. Foi o tesouro - João dormiu.

Ele conseguiu moedas de ouro e foi pra escola e viu sua mãe falar com a mãe de Pedro e mãe de Pedro estava chorando e falou para Pedro que ele não conseguiu. João disse que ele não conseguiu e João disse que ele não conseguiu.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do texto do aluno C:

Tesouro do diabo

Em uma noite João e Pedro, velhos amigos, conversavam na casa de Pedro sobre uma história de um tesouro escondido numa caverna. No meio da noite Pedro perguntou para João se ele tinha medo de escuro, João disse que sim, Então Pedro disse : “Você não é homem”. Então João fez uma aposta:

–Duvido você ir até a caverna e buscar o tesouro. Pedro concordou.

No meio da noite, Pedro foi até a mata, procurando entre as árvores e as pedras, quando ele, de repente, viu uma luz branca na escuridão, se aproximando na direção dele, que correu até sua casa e não dormiu a noite toda.

No dia seguinte ele foi pra escola e contou o episódio para seus amigos. João disse que ele estava mentindo, então Pedro disse – vamos até lá a noite. Quando bateu a noite Pedro e João foram até o local que Pedro viu a luz. Ele entrou numa caverna profunda e viu uma luz, eles se aproximaram e viram um baú cheio de moedas de ouro e João disse pra Pedro: “Enche os bolsos”. Quando Pedro pegou uma moeda de ouro caída no chão, sentiu uma coisa puxando o seu pé, João também disse que tinha alguma coisa puxando seu pé, quando olhou pro lado e viu que Pedro não estava lá. João olhou para baixo e viu a mão de Pedro no chão.

De repente, João ouviu Pedro pedindo socorro, ele puxou a mão de Pedro, mas ela arrancou.

Pedro estava gritando. João saiu correndo e percebeu que a entrada da caverna estava cheia de pedra. João viu uma luz e uma voz dizendo: “Vá embora da minha caverna e não diga a ninguém o que você viu aqui, se você falar eu te mato”. João desmaiou.

Ele acordou na casa dele, foi pra sala e viu sua mãe falando com a mãe de Pedro, que estava chorando e falando que Pedro desapareceu. João, quando ia falar o que aconteceu, sentiu uma dor no coração e morreu.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Na produção inicial, este aluno fez um texto pequeno, utilizando-se do discurso indireto para descrever os acontecimentos; a narrativa tem um desfecho parcial, mas o aluno suprime o clímax. Já nessa última produção, podemos constatar:

1. A presença de situação inicial, enredo, clímax, personagens e desfecho da narrativa;
2. Utilização do discurso indireto, mesclando com o direto, tornando a narração mais emocionante;
3. Inspiração no conto “Devolva minha aliança”, com o nome da personagem Pedro e na cena em que alguma coisa puxa os pés das personagens;
4. Presença de alguns substantivos adequados à temática terror: noite, escuro, caverna, escuridão;
5. Final súbito, coerente com a temática.

4.9 PRODUÇÃO DE DEPOIMENTOS

No último momento na nossa SD, optei pela produção de um gênero mais pessoal, mais livre, o depoimento. Antes da produção, perguntei se os alunos sabiam o que era um depoimento. Eles disseram que viam em filmes e novelas depoimentos de crime, quando alguém testemunhava algum acontecimento. Fiz uma explicação mais detalhada sobre o gênero e lemos um depoimento da escritora Lygia Bojunga (1998), no texto “A troca”, em que ela aborda a descoberta dos livros e como se tornou escritora.

Em seguida, solicitei aos estudantes a produção dos seus depoimentos de leitura, em que eles teriam a oportunidade de expor o significado do projeto para eles, elencando os contos que mais gostaram. Após a proposta, percebi que alguns alunos se mostraram inseguros, indicando que precisavam de mais exemplos de um depoimento que os inspirasse. Fiz meu depoimento de leitura ali, no meio deles, enquanto alguns escreviam e outros pensavam. Na leitura do meu texto, contei tudo o que significou para mim os momentos em que estive com eles e todos os aprendizados conquistados. Como resultado, recebi textos que me encheram de orgulho e a sensação de dever cumprido.

Figura 31 – Depoimento de aluna A

o conto que eu mais gostei foi
 a história no quintal porque fala
 sobre um garoto que trabalha
 com contos de fadas e os seus
 avós ~~que~~ inventam que tem
 um quintal no quintal para o
 seu avô trabalhar no seu
 lugar. E depois ele viu que
 ele mentira mas ele não se
 importa porque apesar de
 fazer esse trabalho como gente
 de estragou para a sua vida
 e para ajudar o seu avô
 e ajudar o seu avô.
 E também esse projeto me ajudou
 a entender os contos e sempre
 ver quem eu sou mais desistir
 dos meus sonhos por isso digo
 mas que eles sejam sempre
 pela que eu quero poder saber que
 os contos fazem muito de se
 pensar em nossos sonhos.

Fonte: Acervo da pesquisa.

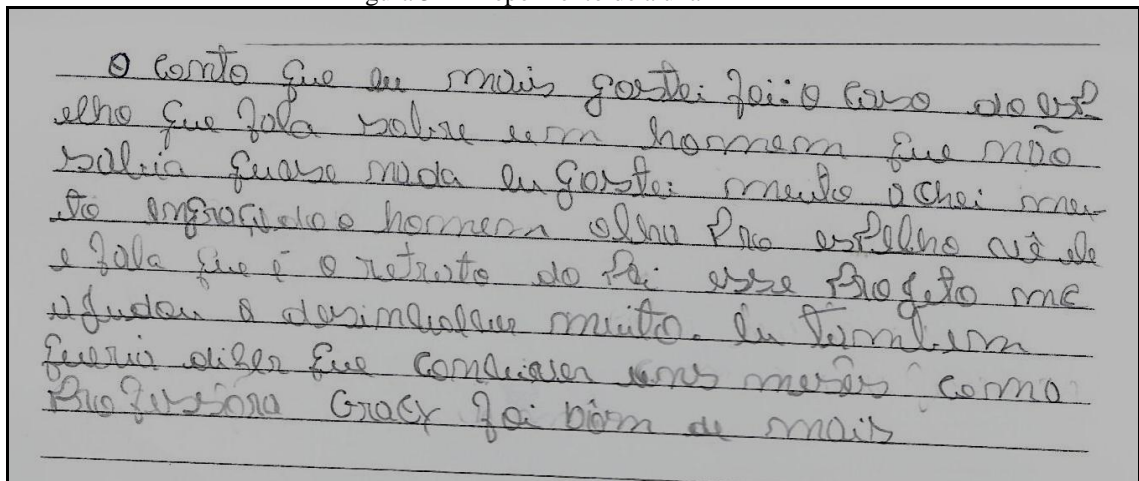
Transcrição do depoimento de aluna A:

O conto que eu mais gostei foi “Tesouro no quintal” porque fala sobre um garoto que sonha com contos de fadas e o seu irmão o orienta que tem um tesouro no quintal, para ele trabalhar no seu lugar. Depois ele vê que é mentira, mas ele não se importa porque, apesar da farsa, isso serviu como fonte inspiração para a sua vida, para realizar o seus sonhos e atingir os seus objetivos.

E também esse projeto me ajudou a entender os contos e sempre ser quem eu sou, não desistir dos meus sonhos por mais difíceis que eles sejam. Sempre lutarei pelo que eu quero. Poder saber que os contos fazem muitas diferenças na nossas vidas.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Figura 32 – Depoimento de aluna D



Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do depoimento de aluna D:

O conto que eu mais gostei foi “O caso do espelho”, que fala sobre um homem que não sabia quase nada. Eu gostei muito, achei muito engraçado, o homem olha para o espelho, se vê, e fala que é o retrato do pai. Esse projeto me ajudou a desenvolver muito. Eu também queria dizer que conviver uns meses com a professora Gracy foi bom demais.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Figura 33 – Depoimento de aluna E

O projeto abriu minha vontade de ler mais contos, minha imaginação despertou de um sono sem fim. O conto que eu mais gostei foi a Procissão porque eu tenho uma paixão por contos de terror, e suspense, e o conto que eu não gostei foi sete ossos e uma maldição. Na procissão são umas das coisas que eu fiquei me perguntando era porque clara não teve um final específico. mais por isso o projeto foi perfeito e eu tenho certeza que não será apenas eu, mas todos nós sentiremos falta.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do depoimento de aluna E:

O projeto abriu minha vontade de ler mais contos, minha imaginação despertou de um sono sem fim. O conto que eu mais gostei foi “A procissão” porque eu tenho uma paixão por contos de terror e suspense, e o conto que eu não gostei foi “Sete ossos e uma maldição”. Na procissão umas das coisas que eu fiquei me perguntando era porque as pessoas não queriam que Adriano descobrisse mais sobre a procissão. E, em sete ossos e uma maldição, eu não gostei porque clara não teve um final específico. Mas, fora isso, o projeto foi perfeito e eu tenho certeza que não será apenas eu, mas todos nós sentiremos falta.

Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Figura 34 – Depoimento de aluna F

Eu sempre gostei de ler e depois desse projeto o meu gosto pela leitura aumentou. O conto que eu mais gostei foi o da Baixa não existe porque conta sobre um menino que pensava que a vilhota que morava na sua rua era uma Baixa, só que quando ele foi lá, acabou se assustando com a vilhota, correu e acabou se machucando, e a senhora foi ajudá-lo e fez um curativo e com isso ele aprendeu a não julgar as coisas pela aparência.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Transcrição do depoimento de aluna F:

Eu sempre gostei de ler e depois desse projeto o meu gosto pela leitura aumentou. O conto que eu mais gostei foi “Bruxas não existem”, porque conta sobre uma menina que pensava que a velhinha que morava na sua rua era uma bruxa, só que, quando ele foi lá, acabou se assustando com a velha, correu e acabou se machucando. A senhora foi ajudar ele e fez um curativo, com isso ele aprendeu a não julgar os outros pela aparência.

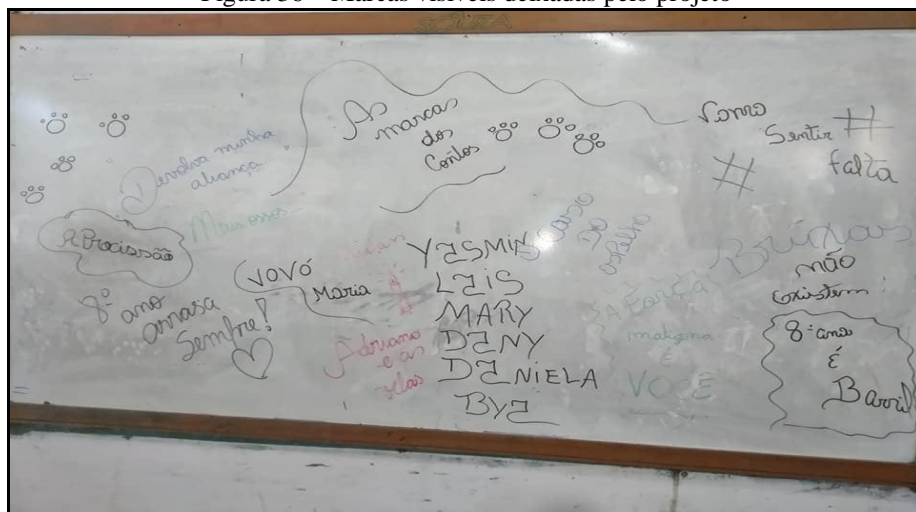
Adaptado de acordo com as normas ortográficas.

Figura 35 – Último encontro



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 36 – Marcas visíveis deixadas pelo projeto



Fonte: Elaborado pela autora.

Como a temática desse encontro foi a importância da leitura e as transformações que ela possibilita em quem as experimenta, escolhi o conto “Tesouro no quintal”, de Moacyr Scliar (2018), para encerrar o projeto. O texto retrata a vida de uma família pobre que sobrevivia com dificuldades. O pai tivera a ideia de plantar uma horta no quintal para ajudar no sustento da família. Para isso, convoca os filhos mais velhos para capinarem a área e prepararem o terreno. Pedro, o primogênito, sem muita disposição, resolve convidar seu irmão caçula e sonhador, Antônio. A fim de convencer o pequeno, Pedro afirma que piratas de outros séculos enterraram um tesouro naquela área, motivando o menino a trabalhar o terreno. Ao fim de semanas, a horta é plantada. Antônio descobre a mentira do irmão, mas não dá muita importância e escreve toda a história numa disputa literária da cidade, acaba ganhando o prêmio e mais tarde torna-se escritor. O tesouro que ele ganhara era mais valioso que ouro e prata e jamais poderia ser roubado por piratas ou ladrões. Enquanto trabalhava na terra, a literatura alimentava os sonhos de Antônio, ajudando-o a descobrir a sua vocação de escritor.

Muitos sonhos podem ser alimentados pela leitura literária na sala de aula, como o depoimento animador da aluna A: “poder saber que os contos fazem muitas diferenças nas nossas vidas”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sabemos ao certo quando nasce um leitor - se ainda no ventre da mãe, no colo ouvindo histórias, no chão do quarto ao redor de livros ofertados pela família, na festa de aniversário com um livro de presente - a única certeza é que, se todas as situações acima nunca acontecerem, ainda teremos a escola, o professor e o livro, que juntos, podem transformar vidas através da literatura.

As narrativas fazem parte da história da humanidade, embora nos dias atuais ela esteja enfraquecida pela enxurrada de informações, conforme preconiza Benjamim (1996). É na aula de Literatura que podemos fortalecer os laços entre o leitor e o narrador, entre o contador de histórias e o ouvinte, levando a magia literária ao universo dos alunos, que podem se tornar multiplicadores desse encantamento, perfazendo o circuito da leitura, que plantará novas sementes, consagrando novos leitores.

Utilizando a metáfora do cultivo de alimentos, para o corpo e para a alma, retratada no último conto da SD, “Tesouro no Quintal”, comparo o trabalho do professor ao ofício do agricultor. Nós, educadores, vivemos de plantios, lançamos a semente na terra e devemos cuidá-la. Assim como na parábola bíblica do semeador, algumas sementes encontrarão uma terra rochosa, brotarão, mas não irão durar muito; outras brotarão no meio dos espinhos que, ao crescer, irão sufocá-las; porém muitas encontrarão também uma terra boa e renderão bons frutos que alimentarão a si e aos demais. Acredito nos bons frutos e na terra fértil. Cabe à escola o preparo do terreno, a retirada das rochas que atrapalham os caminhos e dos espinhos que sufocam a criatividade e o desenvolvimento dos estudantes. Nesse plantio, o professor é facilitador, mediador de conhecimentos, responsável por arar a terra, possibilitando o crescimento os estudantes.

O terreno encontrado para executar essa intervenção não se encontrava em perfeito estado, havia rochas no caminho, a começar pelas dificuldades estruturais apresentadas pela escola, lócus da pesquisa. Sem biblioteca, com uma sala de informática inapropriada, carente de recursos financeiros, dentre outras problemáticas. Os alunos, sujeitos da pesquisa, demonstravam desinteresse pela leitura de textos em sala de aula, principalmente textos longos. Percebi que teria que organizar um trabalho simples, contando com poucos recursos, mas nada impedia que ele fosse intenso e relevante.

O planejamento inicial da SD foi feito com a ideia de estimular e ampliar a habilidade leitora dos estudantes através de contos leves, engraçados, com mensagens de autovalorização e autoconhecimento. Ao por em prática, encontrei outro cenário. Mesmo já tendo trabalhado

com esses alunos em séries anteriores, surgiram outros interesses – a predileção por contos de terror. Na verdade, foi durante a aplicação da SD, nas rodas de conversas, de causos, e na leitura de um conto de terror feita por colegas, no momento do conto, que o interesse pela temática foi se desenhando, as cobranças foram aumentando e começaram a aparecer nas fichas de avaliação das oficinas, ao final de cada encontro. Eles diziam que estavam adorando as aulas, mas se estivessem lendo contos de terror, seria muito melhor.

Eu percebi que se não fizesse uma mudança de assunto era impossível obter a interação, empolgação e frequência dos alunos, primordiais para o andamento do trabalho. Atendendo às expectativas dos estudantes, respeitando suas limitações, suas crenças e seu conhecimento de mundo, mergulhamos numa atividade de leitura prazerosa, sem cobrança de exercícios repetitivos e sem pretextos gramaticais. Sabendo que o meu foco era a prática da leitura e o reconhecimento do gênero conto, no começo, fiquei na dúvida se iria solicitar uma produção de conto, ao final do trabalho.

Porém, no andamento da SD, constatei na turma uma boa desenvoltura na oralidade, potencial criativo e aquisição de repertórios suficientes para a produção escrita de contos também. Por isso, além de escritas sobre si mesmos, de momentos de roda de leitura, de conversas sobre as histórias lidas e de depoimentos, foi possível uma produção final de contos, em que eles puderam ser autores de suas próprias histórias, fazendo as interferências que desejavam e dando os desfechos que imaginavam.

Quanto à forma, em muitas produções, percebi que os alunos ampliaram o conhecimento acerca do gênero conto e utilizaram adequadamente os seus componentes; em relação ao conteúdo, observei apropriação de termos, temáticas, personagens e enredos semelhantes aos contos trabalhados durante a SD, comprovando que a atividade da leitura nunca será neutra (Jouve, 2002).

Os resultados foram satisfatórios, mas não são unânimes. Nem todos os alunos participaram efetivamente da intervenção, alguns não demonstraram vontade de discutir sobre os textos, nem produziram as atividades sugeridas na SD. Ao verificar a dificuldade dos alunos na interpretação de textos e o desinteresse pela leitura, nesse trabalho, outros problemas também surgiram (como os de ordem linguística) e com eles também nasce a necessidade de buscar outras soluções, numa tarefa que será permanente no fazer pedagógico.

Os desafios encontrados, os ajustes e a experiência com essa proposta de intervenção trouxeram grandes lições para minha prática do ensino de LP. Ficou em mim a certeza de que a leitura literária é um caminho possível para a formação do leitor. Também aprendi a

enxergar os alunos sob outro ângulo, em vez de falar, aprendi o exercício de escutar, estando aberta para adequar os conteúdos às necessidades dos discentes.

Por que a escolha de textos para o estudo na sala de aula tem sempre que partir da ótica do professor? Invertamos os papéis, ofereçamos para eles aquilo que lhes interessam, que lhes causem prazer e empolgação, assim teremos outros resultados.

Nessa experimentação de questionar, após a conclusão dessa pesquisa, resolvi ter uma nova conversa com os alunos e lancei a seguinte pergunta escrita: após o término do projeto houve alguma mudança no seu comportamento em relação ao interesse pela leitura? Dos 12 alunos que responderam, apenas um afirmou que os estudos não tiveram significância. Os demais declararam que passaram a se interessar na busca pela leitura, em vez de esperá-la chegar até eles. Outros disseram que desenvolveram a criatividade, aprenderam a contar histórias e aumentaram o desejo e o gosto pela leitura.

Para comprovar essas afirmações, trago mais uma experiência com essa turma, meses após o fim dessa intervenção. No último ciclo do ano letivo, a escola propôs um projeto de leitura de livros paradidáticos, escolhido pelos alunos. Cada professor ficou no papel de mediador dessa proposta, cabendo a ele avaliar o que foi lido e apreendido. Escolhi permanecer no acompanhamento desta turma e organizei um círculo de leitura, em que os alunos deveriam expor oralmente sobre a obra lida. Verifiquei, pelos textos analisados, pelas conversas e discussões, que a turma ampliou os repertórios de leitura, revelou um entendimento da obra mais aprofundado, desenvolveu mais fluência na linguagem oral, apresentando menos inibição e mais comprometimento no trabalho com o texto literário, que agora parecia mais atrativo.

Os efeitos da leitura, no leitor, são imprevistos e incalculáveis, assegura Carvalho (2008), desejo que esses primeiros encantos e espantos com a leitura literária, através do conto, seja o mote para o implemento de mais práticas leitoras que viabilizem encontros futuros com a multiplicidade de gêneros textuais que a literatura nos oferece.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. **O caso do espelho**. Disponível em:
<<https://novaescola.org.br/conteudo/3164/o-caso-do-espelho>> Acesso em: 10 jan. 2018.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre de Morales. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARREIROS, Patrício Nunes; SOUZA, Wiliana Coelho de. Inserção da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa: uma experiência com a literatura de Juazeiro-BA. **A cor das letras**, Feira de Santana, v. 16, p. 70-90, 2015. Disponível em:
<<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1411>>. Acesso em: 20 ago. 2017.
- BARBOSA, Begma Tavares. Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v.16, n.1.p 145-167. 2011. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-06.pdf>> . Acesso em: 1 fev. 2018.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- BOJUNGA, Lygia. **Livro**: um encontro com Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Agir, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua Portuguesa. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental,1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica Nº 07/2010**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf>. Acesso em: 10 mar.2018.
- BROCARD, R. O; COSTA-HÜBES, T. C. **A elaboração do modelo didático de gênero e da sequência didática**: uma perspectiva de trabalho com o gênero textual reportagem impressa em sala de aula. Disponível em:
<<https://profletrasuefs.files.wordpress.com/2015/03/2004-8.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Uma lição inesperada**. Disponível em:
<<https://novaescola.org.br/conteudo/3196/uma-licao-inesperada>>. Acesso em: 13 jan. 2018.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Org). **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2009.

- CAVALCANTI, Mariane C. B.; MELO, Cristina T. V de. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CORTÁZAR, Julio. **Válise de Cronópio**. Tradução Davi Arriguci Jr; João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectivas, 2011.
- DAMIANI, Magda Floriana. **Sobre Pesquisas do tipo intervenção**. XVI Endipe- Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Unicamp, Campinas, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>> Acesso em: 15 ago. 2017.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. Tradução Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- FAILLA, Zaora (Org.). **Retratos da leitura no Brasil** 4 ed. São Paulo: Instituto Pró-livro/Sextante.2016.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GURGEL, Maria Cristina Lírio. Leitura: representações de ensino. In: VALENTE, André (Org.). **Aulas de Português: perspectivas inovadoras**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.
- KLEIMAN, Ângela B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005.
- KLEIMAN, Ângela B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes Editores, 2011.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2015.
- LAGO, Ângela Maria Cardoso. **Cena de rua**. Belo Horizonte: RHJ, 1994.
- LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONISIO, A.P.; BEZERRA M. (Org.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NICOLINI, P; MARTINS, A. Diálogo entre Literatura e Cinema: narrativas de terror - o estudo de estratégias narrativas para “ancorar o efeito do real” na linguagem literária e na linguagem cinematográfica. **Literartes**, v. 1, n. 7, p. 180-202, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/114643>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

ORTHOF, Sylvia et al. **Quem conta um conto?** São Paulo: FTD, 2001.

PETIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura**; uma nova perspectiva. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

PRIETO, Heloísa. **A loira do banheiro e outras histórias**. São Paulo: Ática, 2015.

PONTE, J. P. Investigar a nossa própria prática. In: GTI (Org.). **Reflectir e investigar sobre a prática profissional**. Lisboa: APM, 2012. p. 5-28.

SCLIAR, Moacyr. **Bruxas não existem**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4159/bruxas-nao-existem>>. Acesso em: 8 jan. 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). **Leitura Literária & Outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

STRAUZ, Rosa Amanda. **A Procissão**. Disponível em: <<https://encontros.webnode.com.br/products/a-procissão-%C3%A7a/>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

STRAUZ, Rosa Amanda. **Devolva minha aliança**. Disponível em: <<https://encontros.webnode.com.br/products/devolva-minha-alian%C3%A7a/>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

STRAUZ, Rosa Amanda. **Sete Ossos e uma maldição**. Disponível em: <<https://encontros.webnode.com.br/products/seteossoseuma%C3%A7a/>>. Acesso em: 2 jun.

2018.

WALTER, Benjamin. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

WALTY, Ivete. Leitura literária: enunciação e encenação. In: MARI, H.; WALTY, I.; VERSIANI, Zélia (Orgs.) **Ensaio sobre leitura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Planejamento detalhado da SD

ETAPA 1 e 2: SONDAAGEM + APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO
EU NEM TE CONTO...
Nº DE AULAS
2 horas aulas = 1 encontro
OBJETIVOS
<p>Para o professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ampliar o conhecimento sobre o perfil dos alunos sujeitos do projeto de pesquisa; - Estimular os alunos a participarem ativamente do projeto; - Conhecer melhor o projeto e tirar as dúvidas a respeito do mesmo; - Utilizar elementos do texto narrativo de forma intuitiva.
METODOLOGIA
<p>O professor irá apresentar em slide a imagem capa do material didático do projeto, lendo o título do mesmo e perguntando aos alunos sobre o que eles esperam das aulas;</p> <p>Conversa com a turma sobre o que é o projeto, seus objetivos e como ele será aplicado;</p> <p>Aplicação do questionário socioeconômico sobre o perfil do aluno;</p> <p>Atividade de aquecimento e primeiro contato com o modelo de texto narrativo:</p> <p>Mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito do dos usos do gênero conto no cotidiano e do tipo de texto narrativo</p> <p>Aplicação da dinâmica “Consequências”:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos sentam-se enfileirados, tendo à mão lápis e papel. O professor combina as regras do jogo que são: <ol style="list-style-type: none"> 1. os papéis irão circular pela classe até que seja dada uma volta completa; 2. ao passar o papel ao companheiro, o aluno deve dobrar o papel de modo que oculte o que escreveu; 3. ninguém poderá olhar o que está escrito no papel que cada um recebeu; e 4. cada um escreverá somente o que for pedido pelo professor. - O professor, a cada vez que o papel mudar de mãos, solicitará que os alunos escrevam uma nova parte da narrativa que estará sendo composta coletivamente. Para tal fim, haverá o seguinte roteiro: <ol style="list-style-type: none"> 1º comando: escreva o nome de uma mulher famosa; 2º comando: escreva o nome de um homem famoso; 3º comando: escreva “se encontraram” e complete com um local; 4º comando: escreva o período de tempo no qual o encontro se deu; 5º comando: escreva “ela disse” e complete com a fala dela; 6º comando: escreva “ele respondeu” e complete com a fala dele; Último comando: escreva “e a consequência deste breve encontro foi que...” e complete a frase.

Finalmente o professor deve misturar os papéis e solicitar aos alunos que leiam todas as histórias que foram criadas.

RECURSOS:

Questionário xerografado, caderno, caneta, papel ofício.

AVALIAÇÃO

Através do questionário escrito, da participação oral e da dinâmica.

REFERÊNCIAS

Guia e contos da Nova escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/guias/854/contos>> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

ETAPA 3: RECONHECIMENTO DO GÊNERO

O CONTO SE APRESENTA

Nº DE AULAS

3 horas aulas = 1 encontro

OBJETIVOS

- Ampliar o conhecimento do aluno a respeito das características (conteúdo, composição e estilo) do gênero textual conto.
- Refletir sobre a valorização das diferenças no âmbito escolar e social.
- Discutir sobre preconceito e empatia.
- Interpretar o texto literário a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências.

METODOLOGIA

Mobilização dos conhecimentos prévios

- Conversa com os alunos sobre o conto, fazendo-os remeter às histórias contadas quando menores por pais ou responsáveis.

Preparação para a leitura

- A professora informa que lerá o conto “Uma lição inesperada” de João Anzanello Carrascoza;
- Predição do texto a partir do título; os alunos deverão levantar hipóteses sobre o enredo do conto;
- Perguntas orais relacionadas ao enredo do conto;
- A professora pergunta à classe se eles já ouviram falar de João Carrascoza;
- Slide com foto e breve biografia do autor.

Leitura

- Os alunos recebem o texto e iniciam a leitura silenciosa;
- Leitura em voz alta com a participação dos alunos;

Pós-leitura

- Reflexão e discussão oral sobre o texto solicitando que os alunos contem experiências que já vivenciaram parecidas com as do conto;

-

CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DO GÊNERO CONTO E DE SEUS ELEMENTOS

- Dinâmica “Aposte certo”:
 -O professor explica como funciona a dinâmica;
 - Cada aluno recebe uma ficha de aposta com o valor máximo de 100 pontos para apostar;
 - Na ficha há uma tabela contendo os elementos do conto (SITUAÇÃO INICIAL, TEMPO, ESPAÇO, ENREDO, CONFLITO, CLÍMAX, NARRADOR, DESFECHO) e um espaço para apostar;
 - O professor apresenta um conceito (por vez), em slide, ao passo que o aluno deverá apostar (de 0 a 100 pontos) sobre o elemento do conto que o conceito está se referindo;
 - Em seguida o professor explica o conceito e o estudante faz a conferência se houve ou não acerto;

-Ao final, aquele que conseguiu obter mais pontos vence a brincadeira e ganha um livro de contos;

- O professor traz em slide o conceito mais detalhado do gênero conto e de seus elementos, e com a ajuda dos alunos, retomam ao conto “Uma lição inesperada”, para, em conjunto, identificarem no referido texto os elementos que compõem o gênero;
- Exposição da atividade no quadro;
- Ficha de avaliação da oficina a ser preenchida (individualmente).

RECURSOS:

- Pen drive, texto xerografado, datashow, notebook, lápis, borracha, caneta, papel ofício.

AVALIAÇÃO

Participação oral, dinâmica da aposta.

REFERÊNCIAS

Dinâmica aposte certo. Disponível em: <<http://www.solinguainglesa.com.br/atividades/a3.php>> Acesso de 07 de janeiro de 2018.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Uma lição inesperada.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/3164/uma-lição-inesperada>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

STALLONI, Yves. **Os Gêneros Literários.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

ETAPA 4: PRODUÇÃO INICIAL

“AUMENTE UM PONTO!”

Nº DE AULAS

3 horas aulas = 1 encontro

OBJETIVOS

- Refletir sobre o impacto do trabalho infantil na vida das famílias brasileiras, elencando ações necessárias para o enfrentamento do problema;
- A partir de um texto imagético, acionar a criatividade para produzir um texto escrito
- Interpretar o texto literário a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências.

METODOLOGIA

- Exibição de slides com imagens de criança trabalhando;
- Mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos sobre trabalho infantil;
- Predição do texto a partir do título: *Cena de rua*; os alunos deverão levantar hipóteses sobre o enredo do conto;
- Entrega do livro *Cena de rua* de Ângela Lago para leitura em dupla;
- Discussão oral sobre o texto fazendo uma relação com as imagens vistas em slide no início da aula;
- Produção escrita, em dupla, da história do livro;
- Roda de leitura com as produções;
- Ficha de avaliação e autoavaliação da aula;

RECURSOS:

- Livro, quadro lápis, borracha, caneta, caderno, datashow, pen drive, notebook.

AVALIAÇÃO

- Produção escrita
- Ficha de avaliação e autoavaliação.

REFERÊNCIAS

LAGO, Ângela Maria Cardoso. **Cena de rua**. Belo Horizonte: RHJ, 1994.

ETAPA 5 MÓDULO 1 A DESCOBERTA DE SI E DO OUTRO
CONTO: O BISAVÔ E A DENTADURA
Nº DE AULAS
4 horas aulas = 2 encontros
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a narrativa do causo como mote para iniciar o trabalho com o gênero Conto, apresentando-o como variação deste, pois os estudantes já tiveram um contato com o gênero no ano anterior. - Estimular a valorização da narrativa popular e dos sotaques regionais. - Elencar elementos constitutivos do gênero “Causo”, fazendo uma ponte com o gênero conto para perceber as semelhanças e os elementos comuns entre eles. - Promover a compreensão de que a linguagem coloquial, informal ou popular é uma linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a observância total da gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação. - Produzir textos orais do gênero “Causo” estruturando-o de acordo com as características específicas do gênero.
METODOLOGIA
<p>2 AULAS: (1 ENCONTRO)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mobilização das lembranças e experiências sobre a presença de avós e bisavós no seio familiar; de onde vieram? Qual sua origem? Moravam na roça ou na cidade? Sua fala era diferente? • Exibição do vídeo “Vó de rico e vó de pobre” (7 min) do humorista Whinderson Nunes; • Os alunos e a professora comentam sobre o vídeo, trazendo suas próprias impressões e experiências. • A partir do conto, “O bisavô e a dentadura” de Sylvia Orthof, a professora realiza uma predição do título do conto e levantamento das expectativas sobre a narrativa; • Leitura participativa do conto “O bisavô e a dentadura” de Sylvia Orthof; • Os alunos e a professora discutem sobre o vídeo e o conto, trazendo suas próprias impressões e experiências, observando também a estrutura, a sequência e a linguagem utilizada. • Solicitação de produção (para a próxima aula): em grupos, os alunos deverão conversar com seus familiares (ou pesquisar) algumas histórias (ou causos) engraçados e trazê-las para a apresentação oral em sala de aula; <p>2 AULAS (1 ENCONTRO)</p> <ul style="list-style-type: none"> • A professora apresenta um vídeo com o ator e cantor Rolando Boldrim, contando “causos”; • Exposição participada com os estudantes sobre os elementos constitutivos do gênero “Causo”, a partir do que já foi discutido no encontro anterior. • Conversa com os alunos sobre a presença do gênero “causo” em seu âmbito familiar e se tiveram dificuldade em realizar a pesquisa; • Apresentação das histórias coletadas pelos estudantes;
RECURSOS:

- Notebook, pen drive, Datashow, texto xerografado, quadro, pincel atômico.

AVALIAÇÃO

- Participação oral .

REFERÊNCIAS

Nunes, Whinderson. Vó de rico e vó de pobre. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=dWfR4qx-09s>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

ORTHOFF, Sylvia et al. **Quem conta um conto?** São Paulo: FTD, 2001.

BOLDRIM, Rolando. O caso do dia. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=H8HKTYkKw98>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

ETAPA 5 : MÓDULO 1
CONTO: BRUXAS NÃO EXISTEM (MOACYR SCLiar)
Nº DE AULAS
2 horas aulas = 1 encontro
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"> -Promover a compreensão do conto a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências. - Discutir sobre preconceito e empatia a partir da ideia das crenças populares - Localizar semelhanças e diferenças entre textos diferentes ao tratar do tema preconceito;
METODOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação e predição do título do conto “Bruxas não existem”, com levantamento das expectativas dos alunos sobre o texto que será lido. Vocês acreditam em bruxas? Como seria uma bruxa nos dias de hoje? Nós teríamos medo dela? Ficaríamos sempre distantes dela, por isso? E se essa bruxa fosse apenas diferente e não má? • Exibição do vídeo (6 minutos) “A casa da bruxa do 71”, do seriado “Chaves”; • Os alunos e a professora comentam sobre o vídeo, trazendo suas próprias impressões e experiências. • Breve biografia (em slides) do autor Moacyr Scliar; • Leitura do texto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar; • Os alunos e a professora discutem sobre o conto e sua relação com o vídeo “A casa da bruxa do 71”; Os estudantes serão estimulados a discutir a questão da imagem do outro, visto que por não conhecermos alguém, o julgamos por sua aparência e podemos cometer injustiças. • Atividade escrita: “Conte aí...” em que os alunos narram a si mesmos, contando como desejam ser vistos pelos outros. • Explanção das histórias na sala de aula; • Avaliação e autoavaliação da aula;
RECURSOS:
<ul style="list-style-type: none"> • Notebook, pen drive, Datashow, texto xerografado, quadro, pincel atômico, caneta, caderno.
AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Participação oral e produção de texto.
REFERÊNCIAS
<p>Seriado Chaves. A casa da bruxa 71. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EcaX0yvUCwA Acesso em 08 de janeiro de 2018.</p> <p>SCLiar, Moacyr. Bruxas não existem. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/4159/bruxas-nao-existem Acesso em 08 de janeiro de 2018.</p>

ETAPA 5: MÓDULO 1
CONTO: O CASO DO ESPELHO (RICARDO AZEVEDO)
Nº DE AULAS
3 horas aulas = 1 encontro
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - Promover a compreensão do texto literário a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências - Estimular a reflexão sobre autoconhecimento e autovalorização, ampliando a visão de si mesmo, do outro e do mundo - Produzir texto escritos considerando os elementos do gênero conto.
METODOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar com uma dinâmica do espelho: <p>Materiais necessários: Caixa com tampa e um <u>espelho</u>.</p> <p>Distribuir as caixas com os espelhos dentro a cada um dos participantes e pedir que eles não abram as mesmas ainda. O instrutor deve então pedir que todos se concentrem em suas palavras e, deve dizer a todos que dentro daquela caixa há uma foto de alguém muito importante e especial para aquele grupo de pessoas reunido ali.</p> <p>O condutor da dinâmica deve, então, escolher alguns participantes ou mesmo todos e pedir que, um a um, se posicionem à frente e abra sua caixa, mas sem revelar de quem é a “foto” que está dentro da embalagem. Peça apenas que a pessoa olhe para dentro da caixa, olhe-se no espelho e fale de algumas de suas <u>principais qualidades</u>, características, habilidades, sentimentos, comportamentos, formas de ver o mundo, mas sem revelar que fala de si mesma.</p> <p>É como um amigo secreto, onde a ideia é mostrar atributos que todos conheçam, pois aqui os colegas também deverão adivinhar de quem se está falando. Quanto mais características apresentar, maior é sua reflexão.</p> <p>O objetivo é que, ao abrir a caixa e, fazer a Dinâmica do Espelho, a pessoa tenha oportunidade de refletir sobre quem ela é, sobre seus atributos e pontos de melhoria, para que possa reconectar-se consigo mesma e olhar um pouco mais para dentro de si. A ideia é que, assim, ela possa vivenciar um importante momento de autorreflexão e expandir seu autoconhecimento.</p> <p>Quando todos terminarem de fazer este exercício, solicitar que compartilhem sua experiência e digam quais foram os sentimentos e ideias que passaram em sua mente ao refletir e falar sobre suas qualidades e comportamentos. Os depoimentos são sempre muito ricos e revelam como a Dinâmica do Espelho é poderosa para reconectar a pessoa com ela mesma.</p> <p>Por fim, é importante que o instrutor mobilize uma ação, ou seja, peça que todos digam o que vão fazer de diferente dali em diante em relação a si mesmas, ao seu autoconhecimento e <u>autovalorização</u>.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura participada do conto “Caso do espelho” de Ricardo Azevedo; • Discussão oral sobre o texto: Como a atividade com o espelho se relaciona com o conto lido? Você acha que se conhece? Como você acha que seus colegas te veem? • Produção de narrativa individual, o aluno deverá escrever sobre si mesmo, suas qualidades, seus defeitos, suas características, a maneira que ele se vê; • Compartilhamento das produções; • Avaliação e autoavaliação da aula através do preenchimento de um formulário escrito.
RECURSOS:

- Quadro, pincel atômico, caneta, caderno, caixinha com espelho, texto xerografado.

AVALIAÇÃO

- Participação oral e produção de texto escrito

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **O caso do espelho**. Disponível em:
<<https://novaescola.org.br/conteudo/3164/o-caso-do-espelho>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

Dinâmica do espelho. Disponível em: <<http://www.jrmcoaching.com.br/blog/a-dinamica-do-espelho-e-seus-beneficios-para-o-autoconhecimento/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

ETAPA 5: MÓDULO 2
HISTÓRIAS DE ARREPIAR
CONTO: DEVOLVA MINHA ALIANÇA
Nº DE AULAS
2 horas aulas = 1 encontro
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - Promover a compreensão do conto a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências. - Estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo). - Ler e perceber a atmosfera de uma narrativa de terror. - Desenvolver a sensibilidade estética, a imaginação e a criatividade na produção de um novo final para o conto.
METODOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> • Mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos sobre histórias de terror, pedindo para que contassem quais elementos são necessários numa boa história de terror e suspense. • Os alunos receberão uma caixa contendo uma aliança e uma pista (um papel escrito: verbo no imperativo) sobre o título do conto, cada aluno abre a caixa e sugere um título para o conto; • Leitura compartilhada do conto “Devolva minha aliança”; • Comentários sobre o conto; • Criação de um novo final do conto; • Compartilhamento das histórias criadas;
RECURSOS:
<ul style="list-style-type: none"> • Texto xerografado, papel, caneta, quadro.
AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Participação oral e produção escrita
REFERÊNCIAS
<p>STRAUZ, Rosa Amanda. Devolva minha aliança. Disponível em: https://encontos.webnode.com.br/products/devolva-minha-alian%C3%A7a/. Acesso em: 04 jun. 2018.</p>

ETAPA 5: MÓDULO 2
HISTÓRIAS DE ARREPIAR
CONTO: A PROCISSÃO
Nº DE AULAS
3 horas aulas = 1 encontro
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - Promover a compreensão do conto a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências. - Estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo). - Ler e perceber a atmosfera de uma narrativa de terror.
METODOLOGIA
<p>Preparação para a leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os alunos entrarão numa sala escura segurando uma vela acesa na mão; • A sala estará ambientada com um som de suspense; • Predição do título do conto, em que os alunos deverão expor suas expectativas sobre o conto que será lido, fazendo também uma relação com a vela que estão à mão; • Exibição do vídeo: A procissão das almas de David Herick (4 minutos); • Comentários sobre o vídeo. <p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura compartilhada do conto “A procissão”; • Comentários sobre o conto; • Construção de texto narrativo em 1ª pessoa, em que os alunos deverão narrar situações de medo, terror ou suspense que viveram. • Compartilhamento das narrativas
RECURSOS:
<ul style="list-style-type: none"> • Datashow, notebook, texto xerografado, som , pen drive.
AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Participação oral e produção escrita.
REFERÊNCIAS
<p>STRAUZ, Rosa Amanda. A Procissão. Disponível em: https://encontos.webnode.com.br/products/a-procissao-%C3%A7a/. Acesso em 04 de junho de 2018.</p>

ETAPA 5: MÓDULO 2 HISTÓRIAS DE ARREPIAR
CONTO: VOVÓ MARIA
Nº DE AULAS
3 horas aulas = 1 encontro
OBJETIVOS
<ul style="list-style-type: none"> - Promover a compreensão do conto a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências. - Ler e perceber a atmosfera de uma narrativa de terror. - Reconhecer o conto estudado como parte de diversas lendas urbanas, que são veiculadas e modificadas através do imaginário popular.
METODOLOGIA
<p>Preparação para a leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Divisão da turma em grupos, cada grupo receberá uma caixinha contendo algumas palavras-chave (caminhoneiro, caminhão, jovem, vovó,) que estão no conto “Vovó Maria”; • Cada grupo terá alguns minutos para construir uma história de terror com esses elementos; • Compartilhamento das produções; • Escolha da melhor história com a votação de duas professoras da escola; • Prêmio (uma caixa de chocolate). <p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura compartilhada do conto “Vovó Maria”; • Comentários sobre o conto fazendo um comparativo com as produções dos grupos, trazendo também a discussão das características de lendas urbanas; • Os alunos deverão contar algumas lendas urbanas que já causaram medo e suspense.
RECURSOS:
<ul style="list-style-type: none"> • Caixa, papel, texto xerografado.
AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Participação oral, produção escrita.
REFERÊNCIAS
Prieto, Heloisa. A loira do banheiro e outras histórias . São Paulo: Ática, 2014.

ETAPA 6: PRODUÇÃO FINAL

PREPARAÇÃO PARA A PRODUÇÃO FINAL AUMENTE UM PONTO

Nº DE AULAS

2 horas aulas = 1 encontro

OBJETIVOS

Para o professor:

- Retomar às temáticas trabalhadas durante toda a sequência didática e verificar qual o assunto que mais marcou e o que os alunos conseguiram reter de cada conto trabalhado

Para o aluno:

- Estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo).
- Retomar os contos já trabalhados na oficina.

METODOLOGIA

- Arrumação da sala em círculo;
- Dinâmica da caixinha de som: numa caixa haverá nome de alguns personagens dos contos trabalhados durante as oficinas, ao ritmo da música todos deverão passar a caixa rapidamente para o colega do lado, quando a música parar o aluno que estiver com a caixa na mão deverá abri-la, pegar um papelzinho com o nome da personagem e dizer o que se lembra daquele conto (título, temática, enredo, desfecho, etc). A dinâmica termina após todos os papéis serem sorteados pelos alunos;
- Exibição, em slide, de todos os títulos dos contos, seguidos da temática trabalhada por eles, solicitando a participação dos alunos para lembrar de detalhes das narrativas, quais as histórias que mais os marcaram, o porquê essas foram escolhidas como as melhores;
- Votação da temática que mais interessou a turma.
- Informar a turma que a temática mais votada será explorada na próxima aula.

RECURSOS:

- Caderno, caneta, Datashow, notebook, som, papel.

AVALIAÇÃO

- Participação oral.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **O caso do espelho**. Disponível em:
<<https://novaescola.org.br/conteudo/3164/o-caso-do-espelho>> Acesso em 10 de janeiro de 2018.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Uma lição inesperada**. Disponível em:
<<https://novaescola.org.br/conteudo/3196/uma-licao-inesperada>>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

ORTHOFF, Sylvia et al. **Quem conta um conto?** São Paulo: FTD, 2001.

PRIETO, Heloisa. **A loira do banheiro e outras histórias**. São Paulo: Ática, 2014.

SCLIAR, Moacyr. **Bruxas não existem**. Disponível em:
<<https://novaescola.org.br/conteudo/4159/bruxas-nao-existem>> Acesso em 08 de janeiro de 2018.

STRAUZ, Rosa Amanda. **A Procissão**. Disponível em:
<<https://encontos.webnode.com.br/products/a-procissao-%C3%A7a/>>. Acesso em 04 de junho de 2018.

STRAUZ, Rosa Amanda. **Devolva minha aliança**. Disponível em:
<<https://encontos.webnode.com.br/products/devolva-minha-alian%C3%A7a/>>. Acesso em 04 de junho de 2018.

ETAPA 6 : PRODUÇÃO FINAL

PRODUÇÃO DE CONTOS

Nº DE AULAS

6 horas aulas = 3 encontros

OBJETIVOS

Para o professor:

-Retomar os principais elementos estudados sobre o conto e verificar como se deu, de modo geral, a compreensão da turma.

Para o aluno:

- Ampliar a compreensão do gênero conto a partir de proposição de hipóteses, de deduções e de inferências;
- Estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo);
- Retomar conhecimentos adquiridos durante toda a sequência didática para a produção de um conto de temática livre;

METODOLOGIA

1º ENCONTRO

- Cada aluno receberá uma frase e deverá ler em voz alta para a classe. Na frase há pistas sobre o conto que será lido e os alunos deverão fazer a predição do título do conto a partir das pistas;
- A professora apresenta o título e faz o levantamento das expectativas sobre o mesmo;
- Apresentação do vídeo “Boneca Assombrada” (6 minutos);
- Diálogo sobre o vídeo;
- Leitura do conto “Sete ossos e uma maldição (a boneca espanhola)”, de Rosa Amanda Strausz;
- Diálogo com os alunos sobre o conto e comparação com o vídeo.

2º MOMENTO

- Atividade escrita sobre o conto, focando sobre o reconhecimento dos elementos do gênero.
- Socialização das respostas, para que os estudantes possam rever sua aprendizagem;
- Primeira produção individual de um conto com temática livre

3º momento

- Avaliação da primeira produção. Os alunos receberão uma ficha de avaliação de textos com perguntas e sugestões de adaptações necessárias para o texto. Com o auxílio do professor, o aluno estudará seu texto e o reescreverá;
- Roda de leitura com as produções;
- Votação secreta entre os alunos para a escolha da melhor história;
- Apuração dos votos e entrega do prêmio: um livro;
- Divulgação dos contos no mural da escola.

RECURSOS:

- Texto xerografado, papel, caneta, livro, Datashow, notebook

AVALIAÇÃO

- Participação oral e produção individual

REFERÊNCIAS

STRAUZ, Rosa Amanda. **Sete Ossos e uma maldição**. Disponível em: <<https://encontos.webnode.com.br/products/seteossoseuma%C3%A7a/>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

ETAPA 6: PRODUÇÃO FINAL

PRODUÇÃO DE DEPOIMENTOS

Nº DE AULAS

2 horas aulas = 1 encontro

OBJETIVOS

- Compreender a importância da leitura como meio de transformação social e de crescimento pessoal;
- Conhecer as características do gênero depoimento;
- Com base na experiência em toda a sequência didática produzir depoimentos de leitura.

METODOLOGIA

- Pergunta à classe se eles conhecem o gênero depoimento e sobre o que sabem sobre o mesmo;
- A professora informa que lerá um depoimento de uma escritora e faz o levantamento das expectativas do texto a partir do título “A troca”;
- Leitura do depoimento da escritora Lygia Bojunga (aqui ela fala sobre a importância do livro na vida dela);
- Comentários orais sobre o texto;
- Explicação sobre as características do gênero depoimento;
- A professora faz a leitura de um depoimento feito por ela contando como foi a experiência no projeto com a turma;
- Conversa com os alunos sobre o projeto e quais os momentos que consideraram mais relevantes;
- Produção escrita de depoimentos de leitura;
- Explanação oral dos depoimentos;
- Leitura e discussão do conto “Tesouro no quintal”, de Moacyr Scliar.

RECURSOS:

- Caderno, caneta, lápis, papel.

AVALIAÇÃO

- Participação oral e produção escrita.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **Livro:** um encontro com Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

APÊNDICE B – Questionário do perfil dos estudantes

DADOS PESSOAIS**1. Qual a sua idade?**

- a) 12
- b) 13
- c) 14
- d) 15

2. Você já foi reprovado?

- a) Não
- b) Sim, _____ vez (es).

3. Qual o seu gênero?

- a) Masculino
- b) Feminino

4. O que seu pai, mãe ou responsável costumam ler em casa?

- a) Bíblia sagrada
- b) Revistas
- c) Jornais
- d) Romances
- e) Nada
- f) Outros _____

5. Em casa, que material de leitura você tem?

- a) Revistas
- b) Bíblia
- c) Livro didático
- d) Jornais
- e) Livros infantis
- f) Gibis
- g) Outros: _____

6. Você costuma pegar livros na biblioteca da escola ou na biblioteca municipal para ler em casa?

- a) Sim, algumas vezes





- b) Sim, poucas vezes
- c) Não

7. O que você gosta de fazer nas horas vagas?

- a) Sair com amigos
- b) Ouvir música
- c) Ver televisão
- d) Acessar a internet
- e) Viajar
- f) Ir à igreja
- g) Outros _____

APÊNDICE C – Ficha de avaliação e autoavaliação

Avaliação da oficina “Eu nem te conto...”

 <input type="checkbox"/> ÓTIMA	Comentários: _____ _____ _____ _____
 <input type="checkbox"/> BOA	Comentários: _____ _____ _____ _____
 <input type="checkbox"/> REGULAR	Comentários: _____ _____ _____ _____
 <input type="checkbox"/> RUIM	Comentários: _____ _____ _____ _____

APÊNDICE D – Material didático

Quem conta
um conto ...



... aumenta o
Espanto

Feira de Santana -2018



UEFS– Universidade Estadual de Feira de Santana

Profletr@s
mestrado profissional UEFS

Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda

8º ano– ensino fundamental II
LÍNGUA PORTUGUESA



*Quem conta um conto
aumenta o espanto!*

Feira de Santana -2018



UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda

Profletr@S
mestrado profissional **UEFS**

Apresentação

Caro aluno (a), é com muita alegria e satisfação que te apresento nosso projeto “Quem conta um conto aumenta o espanto”. Todo esse material foi elaborado com muito carinho para você. No decorrer de dezesseis encontros nós mergulharemos no fantástico mundo das narrativas, e, como leitores ativos, poderemos participar desse universo, por vezes tão parecidos com a vida real, e por vezes tão distantes de nós!

A vida da gente é feita de histórias, umas são alegres, outras engraçadas, outras assustadoras, assim também são contos. Toda história lida deixa uma marca em nós, leitores, e essa marca levamos conosco por toda nossa jornada. Esperamos que essa experiência provoque lembranças de arrepiar!!!

Vem contar e se espantar, vem!

Professora Graciele

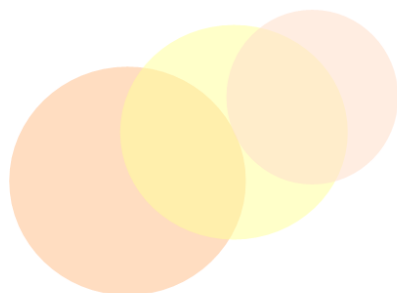




Graciele Simões Sampaio Dias

Docente efetiva da Rede Estadual de ensino da Bahia
Licenciada em Letras Português/Inglês—UNEB
Especialista em Literatura e Identidade Cultural
Mestranda em Letras pelo Profletras—UEFB

E-mail:
gracieledias07@gmail.com



Ícones utilizados nesse material



Leitura



Vídeo



Trabalho
em grupo



Reflexão



Atividades



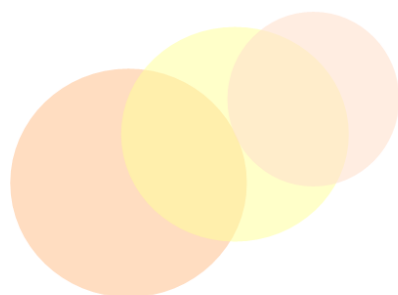
Debate oral



Objetivo



Momento de Criação



Quem conta um conto aumenta o espanto!

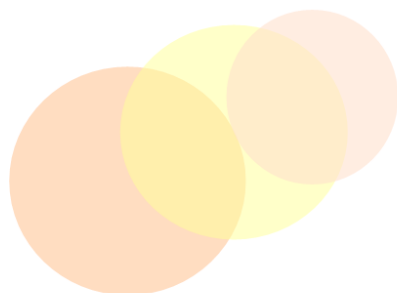
SÚMARIO

UNIDADE 1: O CONTO SE APRESENTA
PARA ÍNICIO DE CONVERSA
UMA LIÇÃO INESPERADA
CONCEITO DE CONTO

UNIDADE 2: CERTA VEZ...
O BISAVÔ E A DENTADURA
BRUXAS NÃO EXISTEM
O CASO DO ESPELHO

UNIDADE 3: HISTÓRIAS DE ARREPIAR
DEVOLVA MINHA ALIANÇA
A PROCISSÃO
VOVÓ MARIA
SETE OSSO E UMA MALDIÇÃO (BONECA ESPANHOLA)

UNIDADE 4: PRODUÇÃO FINAL (CONSTRUINDO CONTOS E DEPOIMENTO)
ORIENTAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CONTO
A TROCA
GÊNERO DEPOIMENTO
TESOURO NO QUINTAL



Unidade 1: O conto se apresenta

Para início da conversa...



O que vamos aprender?

Nessa unidade iremos estudar o gênero conto, seu conceito e suas principais características.

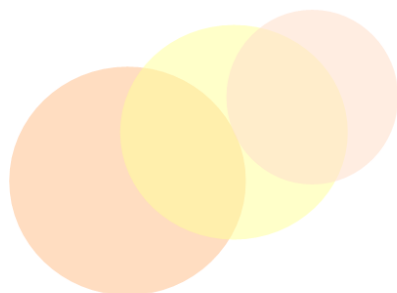


- Na sua infância você costumava (ou costuma) ouvir histórias ? Por quem? Como elas eram?

- Leremos um conto chamado “**Uma lição inesperada**”. Que tipo de história vocês imaginam que será contada a partir desse título?

- Para você a palavra “lição” está associada a que?

- João Carrascoza é o autor desse conto? Já ouviram falar sobre ele?



Unidade 1: O conto se apresenta



UMA LIÇÃO INESPERADA



Ilustração: Daisy Sartori

No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida, tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou o relógio que ganhara de Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois ouviu as histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria. Aos poucos, foi matando a saudade das descobertas que fazia ali, das meninas ruidosas, do azul e branco dos uniformes, daquele burburinho à beira do portão. Sentia-se como um peixe de volta ao mar.

Mas, quando o sino anunciou o início das aulas, Lilico descobriu que caíra numa classe onde não havia nenhum de seus amigos. Encontrou lá só gente estranha, que o observava dos pés à cabeça, em silêncio. Viu-se perdido e o sorriso que iluminava seu rosto se apagou. Antes de começar, a professora pediu que cada aluno se apresentasse. Aborrecido, Lilico estudava seus novos companheiros. Tinha um japonês de cabelos espetados com jeito de *nerd*. Uma garota de olhos azuis, vinda do Sul, pareceu-lhe fria e arrogante. Um menino alto, que quase bateu no teto quando se ergueu, dava toda a pinta de ser um bobo. E a menina que morava no sítio? A coitada comia palavras, olhava-os assustada, igual a um bicho-do-mato. O mulato, filho de pescador, falava arrastado, estalando a língua, com sotaque de malandro. E havia uns garotos com tatuagens umas meninas usando óculos de lentes grossas, todos esquisitos aos olhos de Lilico. A professora? Tão diferente das que ele conhecera...

Unidade 1: O conto se apresenta

Logo que soou o sinal para o recreio, Lilico saiu a mil por hora, à procura de seus antigos colegas. Surpreendeu-se ao vê-los em roda, animados, junto aos estudantes que haviam conhecido horas antes. De volta à sala de aula, a professora passou uma tarefa em grupo. Lilico caiu com o japonês, a menina gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de cautela, mas paulatinamente foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos. Lilico descobriu que o japonês não era *nerd*, não: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha, que lhe parecera tão metida, era gentil e o mirava ternamente com seus lindos olhos azuis. O mulato era um caçara responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de bobo. Raciocinava rapidamente e, com aquele tamanho, seria legal jogar basquete no time dele.

Lilico descobriu mais. Inclusive que o haviam achado mal-humorado quando ele se apresentara, mas já não pensavam assim. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Devia saber tudo de passarinhos. Sim, justamente porque eram diferentes havia encanto nas pessoas. Se ele descobrira aquilo no primeiro dia de aula, quantas descobertas não haveria de fazer no ano inteiro? E, como um lápis deslizando numa folha de papel, um sorriso se desenhava novamente no rosto de Lilico.

CARRASCOZA. João Anzanello. **Uma lição inesperada**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3196/uma-licao-inesperada>. Acesso em : 13 jan. 2018.

João Anzanello Carrascoza

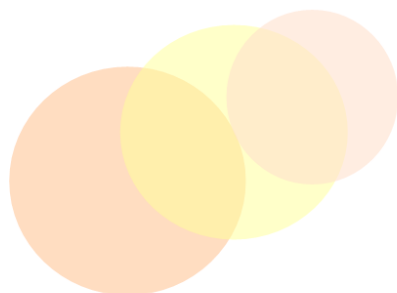


Nasceu no interior de São Paulo, 1962. É um escritor e professor universitário brasileiro.

Estreou-se com o livro *Hotel Solidão* (1994). Publicou vários livros de contos, como *Duas tardes* (2002), *Espinhos e alfinetes* (2010), *Amores mínimos* (2011), *O volume do silêncio* (2006, prêmio Jabuti) e *Aquela água toda* (2012, prêmio APCA).

Em seu primeiro romance, *Aos 7 e aos 40* (Cosac Naify, 2013), Carrascoza escreveu que “o presente é feito de todas as ausências”. Em *Caderno de um ausente* (Cosac Naify, 2014), essa ideia se materializa de forma contundente, alçada por um lirismo poucas vezes visto na literatura brasileira.

Fonte: Wikipédia



CONCEITO DE CONTO

Após a leitura de “Uma lição inesperada” você já deve ter uma ideia do que seja um conto.

Desde pequeninos ouvimos histórias contadas por alguém, seja por familiares, amigos, e uma grande parte delas pelos livros. Quem não conhece a história do Chapeuzinho Vermelho, A bela Adormecida, Os Três Porquinhos, entre tantas outras, não é verdade?

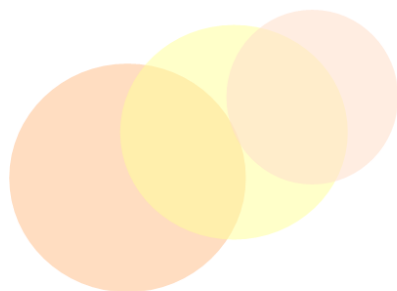
E quando falamos sobre elas, lembramo-nos de alguns elementos que já são do nosso conhecimento, isto é, sabemos que são contadas por alguém, que acontecem em um determinado lugar e com algumas pessoas, entre outros aspectos. Há também aquele do qual não podemos nunca nos esquecer: o fato de que toda história pertence a uma modalidade de texto – o chamado texto narrativo, ou seja, está relacionado com o ato de narrar, relatar sobre um determinado assunto.

Estas são algumas características que pertencem ao conto, mas há também outras:

- SITUAÇÃO INICIAL
- ESPAÇO
- TEMPO
- CLÍMAX
- NARRADOR
- DESFECHO



Para estudarmos esses elementos faremos uma dinâmica chamada “Aposte certo”. Observe as instruções dadas pela professora.



Unidade 1: O conto se apresenta

PARA ÍNICIO DE CONVERSA...



O que vamos aprender?

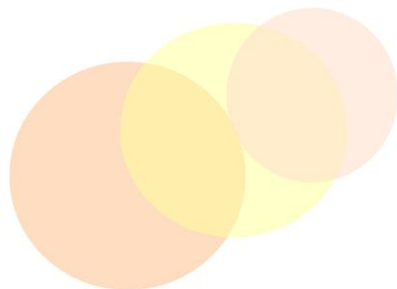
Nesta unidade nós estudaremos o conto “Cena de rua”, que reflete sobre um tema muito atual no Brasil: o trabalho infantil.



Observe a imagem abaixo e outras que a professora irá passar no Datashow e comente a sua opinião sobre elas.



Foto: Wemer Münchow . Jornal Tribuna de Indaiá



Unidade 2: Certa vez....

Para início da conversa...



O que vamos aprender?

Nessa unidade iremos estudar três contos de temáticas distintas. Todas as histórias nos farão refletir sobre nós e sobre nossas relações sociais com a família, vizinhos e amigos.



A primeiro conto que iremos ler trata das relações familiares. Todo mundo aqui tem avó e avô? E bisavó e bisavô? Como eles são tratados na família? Como é a sua relação com eles?



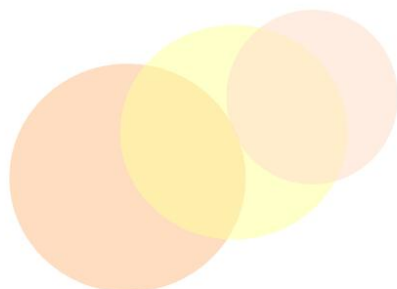
Antes de lermos o texto vamos dar uma olhadinha no vídeo de um youtuber muito conhecido de vocês :Whinderson Nunes.

“Vó de rico e vó de pobre”



O que vocês acharam do vídeo?

O conto que iremos ler chama-se “O bisavô e a dentadura” da escritora Ruth Rocha. O que vocês esperam da história?



Unidade 2: Certa vez...



O bisavô e a dentadura



Imagem: google imagem

Eu ouvi esta história de uma amiga, que disse que isso aconteceu, de verdade, em Montes Claros, Minas Gerais.

Para contar a história, é preciso imaginar uma velha fazenda antiga. Dentro da fazenda, uma **vetusta** (socorro, que palavrão!) mesa colonial, muito comprida, de **jacarandá**, naturalmente. Em volta da mesa, tudo que mineiro tem direito para um bom almoço: tutu, carne de porco, linguiça, feijão-tropeiro, torresminho, couve cortada bem fina... e nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar: hum, que delícia!

A família era enorme e comia reunida, em volta da toalha bordada: pai, mãe, avó, avô, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona que era irmã da vó da Mariquinha... e o bisavô Arquimedes. O bisavô Arquimedes usava dentadura.

Naturalmente, cada integrante tinha a sua frente o seu saboroso prato de tutu, couve, torresmo, feijão-tropeiro, carninha de porco, linguiça, etc. e tal. E todos mastigavam e repetiam porque a fartura, ali, em Montes Claros, naquele tempo, era um espanto, de tanta! E cada um, evidentemente, tinha o seu copo. Pois os copos e o bisavô Arquimedes, diariamente, sofriam a seguinte brincadeira:

- Toninho, ocê vai beber desse copo ai, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho, bem no seu copo, Toninho, na noite passada!

- Num foi no meu, não: foi no copo da Maroca! O bisavô deixou a dentadura dentro do copo da Maroquinha!

Ruth Rocha

Nasceu em São Paulo no dia 2 de março de 1931. Formou-se em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de São Paulo e fez pós-graduação em Orientação Educacional, tendo trabalhado em instituições importantes, como o Colégio Rio Branco.

Em 1968, passou a colaborar na seção de educação da revista *Claudia* e, posteriormente, na revista *Recreio*, uma publicação voltada para o público infantil. No ano de 1973 assumiu a direção editorial da Divisão Infantojuvenil da Editora Abril e, em 1976, lançou seu livro mais famoso, *Marcelo, marmelo, martelo e Outras Histórias*.

Desde 2007 Ruth é membro da Academia Paulista de Letras. Em seu currículo, mais de 200 livros que já venderam mais de 12 milhões de exemplares



GLOSSÁRIO

Vetusta: antiga, velha

Jacarandá- árvore de madeira nobre

Unidade 2: Certa vez...

- Ó gente, num brinca assim que eu fico cum nojo, uai!

O velho bisavô Arquimedes ouvia, sorria, mostrando a dentadura.

Quando chegava o doce de leite, o queijinho, a goiabada e uma tal de sobremesa que tem o nome de "mineiro de botas", que tem queijo derretido, banana, canela, cravo, sei lá mais que gostosuras, o pessoal comia, comia. E depois de comer tanto doce, a sede vinha forte, e a chateação começava, ou recomeçava, ou não terminava.

- Tia Santinha, não beba do copo da dentadura do bisavô, cuidado! Tenho certeza de que a dentadura ficou no seu copo, de molho, a noite inteira!

O bisavô ouvia e ia mastigando, o olhinho malicioso, nem te ligo para a brincadeira, comendo a goiabadinha, o "mineiro de botas", o doce de leite, o queijinho... e mexendo a dentadura pra lá e prá cá, pois a gengiva era velha e a dentadura já estava sem apoio, Mas o bisavô tinha senso de humor... e falava pouco. O pessoal cochichava que ele era mais surdo do que uma porta. Bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...

Um dia, de repente, o bisavô apareceu sem a dentadura. E como todos perguntaram para ele o que tinha havido, o velho Arquimedes sorriu, um sorriso banguela dizendo:

- Ôces tavam perturbando demais, todos com nojo dela, resolvi não usar, uai!

Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura, que tudo fora brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.

- Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!

A família insistiu, pediu perdão, mas o bisavô botou fim à conversa, dizendo:

- Ocês num insista. Resolvi e tá resolvido. O dia que eu deixar de resolver, boto a dentadura outra vez!

E passaram-se vários dias. Ninguém mais fazia a brincadeira do copo. De vez em quando, o bisavô lembrava:

- Tô sentindo falta...

- Da dentadura, bisavô?

- Não, da traquinagem de ocês... ninguém tá com nojo de beber água no copo, né?

- Ora, o senhor não deve levar a mal, foi molecagem, a gente não faz mais, pode usar a dentadura, bisavô.

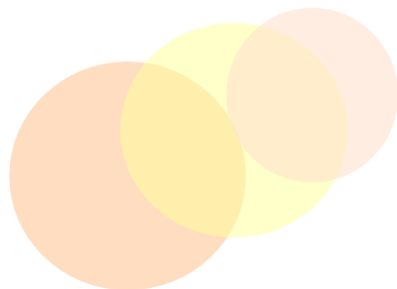
Um dia, de repente, o bisavô voltou a usar a dentadura. Todos na mesa se cutucaram e começaram a rir, muito disfarçado, quando bebiam água, pensando... sem dizer, pois haviam prometido.

Depois da sobremesa, boca pedindo água depois de tanto doce caseiro, o velho Arquimedes disse:

- Ôces tão bebendo tanta água, sem nojo...

- Bisavô, era brincadeira!

- Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei banguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do **FILTRO!**



ORTHOFF, Sylvia et al. **Quem conta um conto.** São Paulo, FTD, 2001, v. 2 p. 53-58

Unidade 3: Certa vez...



Que comparação podemos fazer entre o vídeo e o conto?

O que vocês acharam da história?

O Conto e o Causo

Qual é o causo?



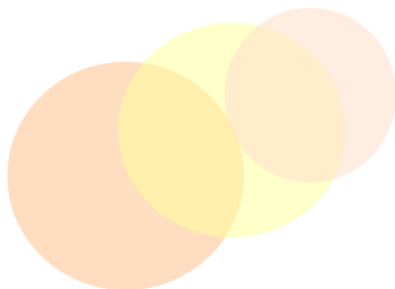
O conto que acabamos de ler possui uma linguagem simples e expressões típicas da região de Minas Gerais, em que encontramos muitos contadores de causos.

Os causos são histórias fantásticas que podem ser engraçadas ou assustadoras, mas que devem ser contadas obedecendo a algumas regrinhas: um causo, para ser bem contado, tem que conferir às palavras entonação, ritmo e até mesmo sotaque e expressões interioranas. Esses elementos são fundamentais para capturar a atenção de quem ouve e provocar as mais diferentes sensações. No Brasil temos contadores de causos famosos, como: Rolando Boldrin, Geraldinho Nogueira, João de Nucha, dentre outros.

E você, conhece alguém que conta causos? Ou conhece algum causo?



Em grupos pesquisem “causos” e tragam para a apresentação dos mesmos para toda a classe



Unidade 2: Certa vez ...



Vocês acreditam em bruxas?

O próximo conto que leremos chama-se “Bruxam não existem”.
Que história vocês imaginam que irá ser contada?

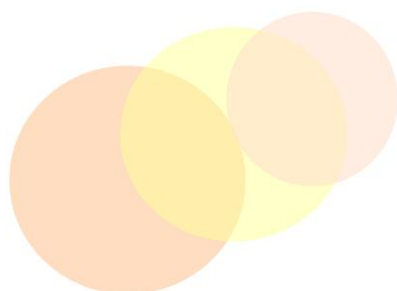


Antes de chegarmos ao conto assistam ao vídeo “A casa da bruxa do 71” do seriado Chaves.



Que lição o vídeo quer nos transmitir?

Alguém já viveu situação semelhante ?



Unidade 3: Uma Certa vez



Bruxas não existem



Fonte da imagem: Nova escola

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo **maquinando** coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caindo aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

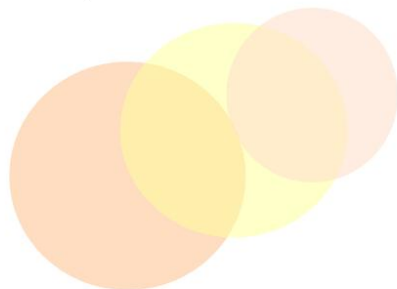
Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizessemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão. Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!"

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina

Moacyr Scliar

É um dos autores de maior sucesso da literatura contemporânea brasileira. Com uma extensa produção literária, o escritor gaúcho publicou contos, romances, crônicas e até textos para o público infanto-juvenil. Um dos seus livros mais lembrados atualmente é "Max e os Felinos", que voltou aos holofotes com o lançamento do livro "A Vida de Pi", de Yann Martel, que foi acusado de plagiar a ideia do autor gaúcho.

Com um texto leve e um toque de ironia, Moacyr conseguiu conquistar um público amplo e variado. Pelo sucesso de suas obras, o escritor ganhou vários prêmios, entre eles o Jabuti, que recebeu quatro vezes. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 31 a partir de 2003



Unidade 2: Certa vez...

- Vamos logo - gritava o João Pedro -, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua **fúria**.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

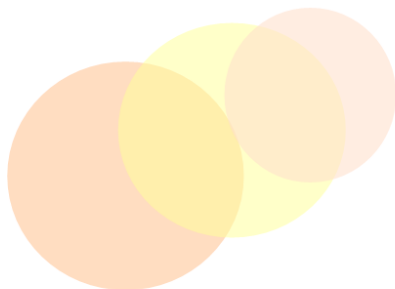
Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

SCLIAR, Moacyr. **Bruxas não existem**. Disponível em:<<https://novaescola.org.br/conteudo/4159/bruxas-nao-existem>> Acesso em: 08 jan. 2018.

GLOSSÁRIO:

Maquinando: tramando

Fúria: raiva, ódio



Unidade 2: Certa vez...



O caso do espelho

Ilustração: Alarcão



Ilustração: Alarcão

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata. Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

- Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?

- Isso é um espelho - explicou o dono da loja.

- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai. Os olhos do homem ficaram molhados.

- O senhor... conheceu meu pai? - perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

- É não! - respondeu o outro. - Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho. Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal da cruz tapando a

Ricardo Azevedo

Escritor e ilustrador paulista nascido em 1949, é autor de muitos livros para crianças e jovens, entre eles *Um homem no sótão* (Ática), *A casa do meu avô* (Ática), *Aula de carnaval e outros poemas* (Ática), *Trezentos parafusos a menos* (Moderna), etc.

Ganhou várias vezes o prêmio Jabuti com os livros *Alguma coisa* (FTD), *Maria Gomes* (Scipione), *Dezenove poemas desengonçados* (Ática), *A outra enciclopédia canina* (Companhia das Letrinhas), *Fragosas bre-nhas do mataréu* (Ática), entre outros prêmios como o APCA.

Tem livros publicados na Alemanha, Portugal, México, França e Holanda e textos em coletâneas publicados na Costa Rica.



Unidade 2: Certa vez ...



a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.
- Ah, meu Deus! — gritava ela desnorreada. - É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

- Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem a comida.

- Que foi isso, mulher?

- Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato?

- Que retrato? - perguntou o marido, surpreso.

- Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!

O homem não estava entendendo nada.

- Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

- Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

- Velho lazarento coisa nenhuma! - gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa.

- Que é isso, menina?

- Aquele cafajeste arranhou outra!

- Ela ficou maluca - berrou o homem, de cara amarrada.

- Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

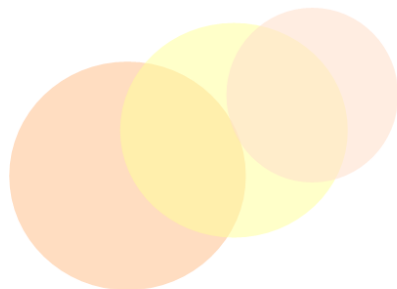
A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato. Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembrolhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

- Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou, feliz, abraçando a filha: - Fica tranquila. A bruca do retrato já está com os dois pés na cova!

AZEVEDO, Ricardo. **O caso do espelho**. Disponível em:

<<https://novaescola.org.br/conteudo/3164/o-caso-do-espelho>> Acesso em: 10 jan. 2018.



Unidade 2: Certa vez ...



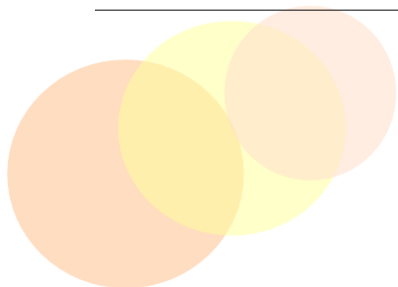
De que maneira você se vê?
Será que as pessoas te enxergam desse mesmo jeito?



O que causa o humor na narrativa?



Escreva um texto narrativo (em 3ª pessoa) contando sobre si mesmo.
Fale sobre suas características físicas e sobre seu jeito de ser, com defeitos e qualidades.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

DEVOLVA MINHA ALIANÇA

Rosa Amanda Strausz

Pedro e Antônio foram criados na mesma rua, ao fim da qual havia um pequeno cemitério. Pequeno mesmo, assim como a cidade, que não passava de mil habitantes.

Costumavam brincar por lá durante o dia, apesar das advertências das mães. Elas sabiam respeitar o campo santo e não gostavam nem um pouco de ver os meninos chegarem em casa carregando as flores que tinham surrupiado de um enterro.

Eles nem ligavam. À luz do dia, o cemitério parecia mais um parquinho cheio de cruzes

Quer dizer... não se aventuravam enquanto ainda tinham uns dez, onze anos. Assim que começaram a crescer um pouco mais, foi dando aquela vontade doida de experimentar coisas novas. E desafiar o medo é uma delas. Sentir até onde vai o próprio pavor, o coração disparado, a respiração acelerada até quase não caber mais nos pulmões, os olhos arregalados a ponto de pularem para fora, até dar uma vontade de rir e gritar ao mesmo tempo.

Aos poucos, começaram a explorar o cemitério ao anoitecer. Pedro, que sempre foi o mais medroso, mal conseguia permanecer ali dois minutos e já queria voltar. Tirando uma lâmpada meio mortiça pendurada acima do portão, não havia luz nenhuma lá dentro. Era preciso acostumar os olhos à escuridão. Só então, conseguiam enxergar alguma coisa, mesmo assim apenas sombras. Mas o pior era o silêncio absoluto, que fazia com que qualquer ruído parecesse imenso: mosquito zumbindo, rato passando, sapo coaxando, vento uivando, folhas de árvore farfalhando.

Antônio também morria de medo. Mas gostava da sensação. Um dia, tropeçou numa cruz que ainda não tinha tido tempo de ficar bem agarrada no chão. O pé dele enganchou na madeira e ele caiu de bruços na terra fofa e úmida, que tinha sido posta ali naquele dia. Pedro, tonto de pavor, tentou agarrar o amigo e, na escuridão, acabou cravando as unhas das mãos geladas em seu tornozelo.

Antônio nem teve tempo de pensar, foi no reflexo. No que sentiu a mão nervosa tentando agarrar seu pé, desferiu um coice de arrancar até defunto da cova. Acertou direto no queixo de Pedro.

Na escuridão e no susto, nenhum dos dois sabia direito o que estava acontecendo. Só que era preciso sair dali o mais rapidamente possível. O cheiro da terra revolvida parecia cada vez mais forte. Antes que mais alguma coisa acontecesse, conseguiram se levantar e correr. Só ao chegar à rua, puderam compreender o que tinha de fato acontecido. O queixo aberto de Pedro não deixava nenhuma dúvida com relação à assombração que tinha tentado agarrar o amigo.

O problema é que, a partir daquele dia, Antônio ficou impossível.

— Cara, você viu só? Meti o pé na cara da alma penada!

— Alma penada coisa nenhuma, idiota. Você deu um coice na minha cara — retrucava Pedro.

— Mas eu achava que era uma assombração, não achava? E se fosse tinha dado um coice nela do mesmo jeito.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Pronto. Ninguém segurava mais o convencimento do cara. Agora, já acreditava — e contava para quem quisesse ouvir — que foi mesmo a mão do defunto enterrado naquele dia que tinha agarrado seu pé. Desfilava pela escola, todo herói e, a cada relato, aumentava um pouco a história. Tinha dado até para ver um pouquinho da cara do morto, com os olhos já meio furados de vermes e os cantos da boca esverdeados. As unhas dele tinham crescido depois da morte e estavam mais compridas que as de uma mulher.

Pedro já estava cansado daquele falatório. Dias depois, estavam novamente os dois passando diante do cemitério por volta das onze horas da manhã. Chegava um enterro novo.

— Vamos lá ver? — chamou Antônio.

Pedro concordou. Era uma noiva, ainda vestida de branco. Tinha morrido no dia do casamento, antes de começar a cerimônia. Resolveram acompanhar o féretro, só por curiosidade e porque a falecida era linda.

O caixão já tinha baixado à sepultura, e o coveiro jogava terra por cima, quando um rapaz transtornado, provavelmente o noivo, deu um passo à frente e jogou a aliança dentro da cova.

Sem se importar com isso, o funcionário municipal continuou seu serviço. Pedro e Antônio ainda ficaram por ali um tempo, comentando o jeito das pessoas e fazendo piada até que todos se foram. Também já se preparavam para partir quando Pedro viu uma coisa brilhando ao pé da cruz branca. Chegou mais perto e constatou: era a aliança que tinha ficado ali, enterrada só pela metade.

Mais tarde, já na escola, Antônio sugeriu:

— Vamos voltar lá e pegar a aliança? Aquilo é ouro. Dá pra vender.

Mas Pedro, já cansado das exhibições do amigo, teve outra idéia.

— Hoje à noite, você vai buscar.

E completou:

— Sozinho.

— Que é isso, cara, tá brincando?

— Ué, você não é o herói que chutou a cara do defunto recém-enterrado?

Não é o destemido do pedaço? Pois vai lá à noite. Vou avisar o pessoal.

Dessa vez, você vai ter platéia de verdade.

Antônio ainda tentou escapar. Mas não teve jeito. Pedro já estava convocando a turma para o espetáculo.

Dez para a meia-noite, cinco colegas, Pedro entre eles, esperavam Antônio na porta do cemitério. O menino não se atrasou. Afinal, agora não podia voltar atrás. Além de mentiroso, ia ser chamado de covarde.

Passou pelo grupo com um olhar superior e mergulhou na escuridão, morto de medo.

Por sorte ou azar, a lua estava quase cheia. Não estava tão escuro como da outra vez. Era melhor para enxergar o caminho e chegar mais rapidamente

Rosa Amanda Srtauz

A jornalista Rosa Amanda Strausz nasceu no Rio de Janeiro, em 1959. Estreou na literatura com o premiado livro de contos *Mínimo Múltiplo Comum*, em 1991. Logo, porém, a carreira de escritora para adultos foi interrompida pela descoberta de um novo talento — a de escrever para jovens e crianças. Desde então, lançou mais de uma dezena de títulos infanto-juvenis, entre eles *Mamãe trouxe um lobo para casa*, *Deus me livre!*, *Alecrim*, *Uólace* e *João Vítor e Sete ossos e uma maldição*.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

luminosidade sobrenatural por cima dos túmulos e das cruzes brancas. E, desta vez, Antônio estava sozinho. Pedro tinha ficado com o grupo esperando por ele no portão do cemitério.

De onde estava, ainda podia ouvir ao longe as risadas dos companheiros. No entanto, com o vento e o silêncio da noite, as vozes lhe chegavam distorcidas, como se viessem mesmo de outro mundo.

Decidiu ser rápido e não desviar o pensamento do seu objetivo. Caminhou até a sepultura da noiva e logo viu o anel.

Seria impossível não vê-lo. Embora a luz da lua fosse pálida, a aliança brilhava como se refletisse o sol. Daria para encontrar o lugar guiado apenas pelo clarão. Sem nem pensar direito no que fazia, estendeu a mão e pegou a jóia.

O problema é que os meninos viam tudo de longe. E Mariana, uma das meninas do grupo, resolveu fazer uma gracinha. Engrossou a voz e disse:

— Antônio, me dá seu dedinho que vou pôr a aliança nele.

Era uma piada. Mas, com a distância, o silêncio e o vento leve da noite, o som chegou distorcido aos ouvidos de Antônio. Parecia mesmo que a noiva defunta falava com ele. Todo o pavor que tinha controlado até aquele momento eclodiu como uma bomba de adrenalina. Só não berrou porque a garganta estava tão contraída que nenhum som sairia dali. Mas correu, correu como se tivesse mil pernas e uma só mão — fechada com força sobre a prova de sua valentia.

Chegou ofegante ao portão, olhou para o grupo e estendeu a mão para exibir a comprovação de sua coragem. Mas a mão estava vazia.

Na correria, tinha perdido a aliança.

No fim das contas, o passeio macabro terminou em risada. Antônio sabia que seria o alvo de chacotas por algum tempo. Mas nem se importava tanto assim. Só queria chegar em casa, dormir e esquecer.

No começo, não pareceu tão difícil. Sua mãe já dormia, mas tinha deixado um lanche sobre o fogão. Aos poucos, a sensação do leite morno descendo pela garganta foi reduzindo a velocidade das batidas de seu coração e o sono foi chegando.

Teve a sensação de adormecer antes mesmo de botar a cabeça no travesseiro.

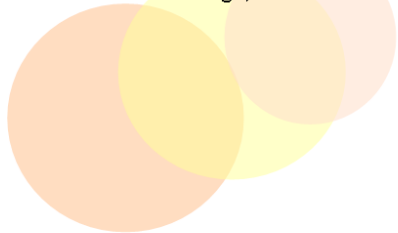
Subitamente, acordou no meio da noite, totalmente desperto. O quarto estava gelado, o que não era comum naquela época do ano. Não havia vento, a janela estava fechada. Ainda assim, a temperatura caía a cada minuto, a ponto de provocar calafrios.

Então, veio o medo. Veio concentrado, como se todo o pavor das aventuras da noite lhe chegasse de uma só vez. Sentiu-se observado e fechou os olhos com força. Sabia o que veria se os abrisse. Tinha certeza. Era ela, a noiva. Podia sentir sua presença, seus olhos vazios cravados nele, seu corpo imóvel de pé no quarto.

E, desta vez, não era uma brincadeira da Mariana. Era a voz da morta mesmo que se fazia bem audível.

— Devolva minha aliança.

Assim como chegou, a aparição partiu. No minuto seguinte, o quarto já recuperara sua temperatura e tudo parecia tão completamente normal que Antônio chegou a acreditar que tinha sonhado. Logo, seus olhos ficaram pesados e voltou a mergulhar no sono.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Procurou Pedro logo na manhã seguinte e contou-lhe tudo. O amigo não levou a história a sério.

— Você deve ter sonhado. Do jeito como saiu apavorado do cemitério...

— Pode ser. Mas eu preferia encontrar logo o tal do anel e devolver para a moça. Sabe como é...

Pedro riu. E, por via das dúvidas, resolveu acompanhar o amigo até o cemitério. Afinal, a manhã estava linda, ensolarada. E eles não tinham mesmo nada mais interessante para fazer.

O problema é que nem a luz do sol ajudava. A aliança tinha desaparecido. Vasculharam tudo, refizeram dez vezes o caminho que Antônio percorrera na noite anterior e nada. Nem sinal de anel.

À noite, Antônio estava inquieto. Tomou um chá de capim-cidreira para acalmar e foi para a cama. Assim como na noite anterior, dormiu rapidamente.

Mas, como na noite anterior, despertou antes da madrugada. O mesmo ar gelado em seu rosto, a mesma certeza de que havia uma presença em seu quarto, a mesma convicção de que era a noiva e a mesma voz.

— Devolva minha aliança!

Na manhã seguinte, acordou exausto. Pedro notou o abatimento do amigo.

— Aconteceu de novo, cara.

— Não é possível.

— É. E dessa vez não foi sonho. Foi a defunta mesmo.

Os dois voltaram ao cemitério e novamente perderam o dia tentando encontrar a aliança. Impossível. Parecia que ela havia sido tragada pela terra.

A aparição retornou por mais quatro noites seguidas. Sempre igual. Os mesmos olhos vazios, a mesma boca que não se mexia enquanto falava, as mesmas mãos caídas ao longo do corpo. Finalmente, na sexta-feira à noite, a noiva disse:

— Se você for até a minha cova amanhã à meia-noite e me pedir desculpas, prometo que não volto nunca mais. Mas vá sozinho.

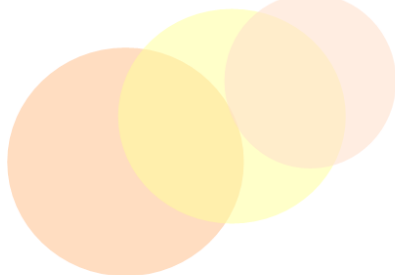
Desta vez, Antônio a viu desaparecer lentamente, enquanto o quarto retomava sua temperatura habitual. E decidiu ir.

Na noite seguinte, cumpriu o prometido. Dirigiu-se sozinho ao cemitério, enfrentou a escuridão e o pavor e chegou ao local do encontro marcado.

Realmente, pretendia pedir desculpas à noiva. Além disso, pensava em rezar também alguns padre-nossos e ave-marias como garantia. Mas, assim que se aproximou da sepultura, sentiu o já conhecido ar frio gelar sua espinha. Não teve coragem de olhar para trás. Sabia que ela estava ali e que não o deixaria fugir.

Queria rezar, queria pedir desculpas. Mas a garganta se apertava de tal modo que não permitia a passagem de som nenhum. Sufocava de pavor. Queria falar e não podia, queria gritar e não podia, queria respirar, mas até isso era impossível.

Então, correu. Correu de olhos fechados para não ver o que sabia que estava ali. Correu tropeçando, enlouquecido, estendendo os braços para a frente como se pudesse agarrar uma salvação. Correu sabendo que nunca mais conseguiria dormir.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Subitamente, sentiu que seu pé se prendia em alguma coisa e, no momento seguinte, seu rosto estava mergulhado num monte de terra recém-revolvida. O cheiro da morte entrou profundamente por suas narinas. Queria se levantar, mas o pavor o imobilizava. Dobrou os joelhos, tentando ficar de gatinhas, mas um puxão forte o derrubou novamente de bruços. Foi então que ouviu um baque surdo e sentiu uma dor terrível no dedo anular da mão esquerda. Em seguida, percebeu que a criatura tinha partido. Uma paz imensa tomava conta do ambiente. Os mortos dormiam seu sono infinito, e Antônio já conseguia se mover.

Levantou-se devagar e olhou para a mão esquerda. Seu dedo tinha sido decepado. Embrulhou a mão ensangüentada na camisa e foi andando lentamente para casa. Pela primeira vez em muitos dias, sentiu que dormiria sem sobressaltos. Deixou que sua mãe cuidasse do ferimento e lhe desse um copo de leite morno. Foi para a cama e logo adormeceu, exausto.

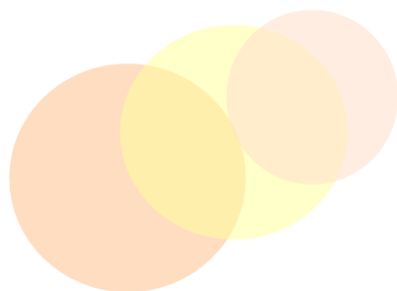
No meio da noite, no entanto, seus olhos se abriram como se alguém tivesse ordenado que fosse assim. A mulher estava parada à sua frente.

No entanto, agora, ela sorria. Um sorriso vazio, isolado do resto do rosto, que permanecia inexpressivo. E, desta vez, a mão esquerda não estava caída ao longo do corpo. Acenava para ele, como se desse um “tchauzinho” em câmera lenta.

Antônio não pôde deixar de notar: o dedo esquerdo da noiva exibia uma reluzente aliança de ouro.

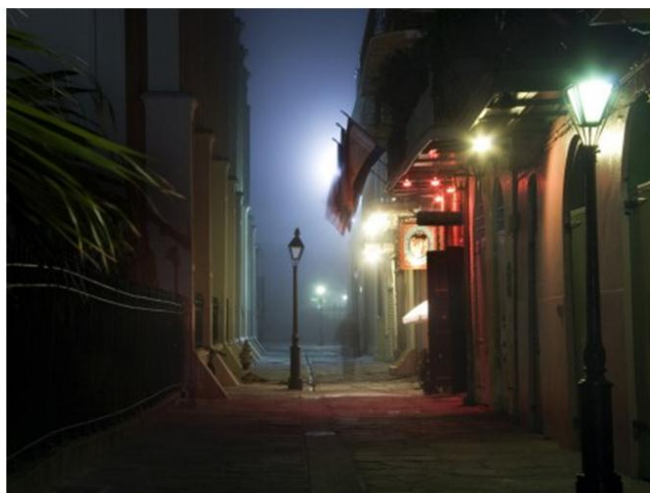


STRAUZ, Rosa Amanda. **Devolva minha aliança**. Disponível em: <https://encontos.webnode.com.br/products/devolva-minha-alian%C3%A7a/>. Acesso em: 4 jun. 2018.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

A PROCISSÃO



Eram quatro amigos, todos estavam na mesma rua deserta no meio da madrugada, mas foi só Adriano quem viu a procissão.

Nem Tomé, nem Carlos, nem Marita perceberam o motivo da perturbação do amigo, que parou, de repente, com os olhos arregalados na direção do fim da rua. Bem ali, na curva, ele viu surgir um estranho grupo de mulheres.

Elas vinham em passos lentos, com as cabeças cobertas por véus negros e círios acesos nas mãos. No entanto, ao contrário de uma procissão normal, não havia nenhum santo à frente do grupo. Nenhuma delas rezava ou carregava um terço. Simplesmente vinham descendo a rua, em silêncio absoluto, sem olhar para os lados ou desviar de seu caminho.

Ali, havia mulheres de todas as idades. Desde as muito idosas até meninas. Algumas eram mesmo extraordinariamente bonitas, com a pele cintilante sob a luz fraca da lua. Mas todas exibiam a mesma expressão oca, o mesmo rosto impassível, embora não desprovido de um toque de maldade.

Sim, porque o conjunto não despertava ternura ou compaixão, mas medo. Alguma coisa absolutamente ameaçadora emanava ali. Adriano sentiu um arrepio desagradável. Mas ainda não estava realmente assustado. Ainda não tinha percebido que só ele conseguia ver a horrível procissão.

_ Céus, o que será aquilo? _ perguntou ele em voz alta, crente que todos viam a mesma coisa.

Ninguém entendeu coisa nenhuma.

_ Aquilo o quê? _ perguntaram os amigos, olhando na mesma direção de Adriano, e vendo apenas a rua deserta.

Mas o menino mal conseguia falar. A lenta aproximação das mulheres o apavorava. Quanto mais elas chegavam perto, mais ele percebia detalhes que teria preferido ignorar. Agora, tinha certeza de que não se tratava de uma procissão comum. E também de que aquelas mulheres não estavam exatamente vivas. Não sabia exatamente o que era aquilo. Mas não eram pessoas de carne e osso.

Ficou ali, totalmente estatelado, quando o cortejo passava diante dele. De nada adiantaram os chamados dos amigos. Ele não conseguia falar nem explicar coisa alguma. Parecia hipnotizado.

Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Aos poucos, começou a distinguir alguns rostos conhecidos. Dona Dedé, uma mulher mal-humoradíssima que trabalhava no mercado. Mas também Altamira, a avó de uma amiga que havia morrido uns cinco anos antes. E Viviane, uma menina que tinha se mudado para uma cidade vizinha fazia tempo.

Aquilo não fazia o menor sentido!

Mas sua surpresa foi completa quando percebeu, já entre as últimas fileiras, a avó e a mãe de Marita. Pior, a própria Marita estava ali, com a expressão tão vazia e cruel quanto a das outras.

Não parecia a sua amiga, sempre tão sorridente e meiga. A Marita que desfilava sob o véu negro era evidentemente um ser maligno, embora parecesse tão etérea e flutuante no meio da procissão.

A Marita fantasma (pois àquela altura, ele não tinha explicação melhor para o fato), passou por Adriano e por si mesma, sem se dar o trabalho de desviar o olhar.

Completamente atordoado, o menino olhou para o lado. Ali estava Marita, em carne e osso, evidentemente preocupada com o nervosismo dele.

Voltou a olhar para a procissão. Ali estava Marita, feito um zumbi.

Mas as surpresas ainda não tinham terminado.

Na última fileira da procissão, duas mulheres seguravam pelas mãos o único menino do grupo, que as acompanhava sem demonstrar surpresa ou medo. Não demonstrava nada. Tinha a fisionomia tão apática quanto a das mulheres. A única coisa que chamava atenção em seu jeito era o modo de levar a mão ao pescoço a todo momento.

Só quando o cortejo já ia longe, Adriano conseguiu falar. Mesmo assim, não teve coragem de contar tudo. Não conseguiria contar para Marita que a tinha visto ali juntamente com a mãe e a avó.

Ainda assim, foi a ela que dirigiu a pergunta que o intrigava:

_ Você tem idéia do que possa ser isso?

Mas Marita parecia tão surpresa quanto ele.

_ E o menino, alguém que a gente conhece? _ quis saber Tomé.

_ O rosto não me era estranho _ disse Adriano. _ Parecia um menino da terceira série, um lourinho, magrelo, sabe qual é?

_ Acho que sei. Ele mora na minha rua _ disse Marita.

No dia seguinte, eles souberam tudo sobre o garoto. Chamava-se Nando, tinha dez anos, estava mesmo na terceira série, morava mesmo na rua de Marita.

E tinha sido encontrado morto pela manhã, em sua cama. Aparentemente, morrera engasgado durante a noite. O médico, chamado às pressas para tentar salvá-lo, encontrou um pequeno pedaço de osso preso em sua garganta.

Não é preciso dizer o quanto Adriano ficou assustado com a notícia. Mal tinha conseguido dormir depois de ter visto o cortejo macabro. Aquela notícia, logo pela manhã, só confirmava suas suspeitas: fosse o que fosse que tivesse visto na noite anterior, era maligno. E ele precisava descobrir sua origem.

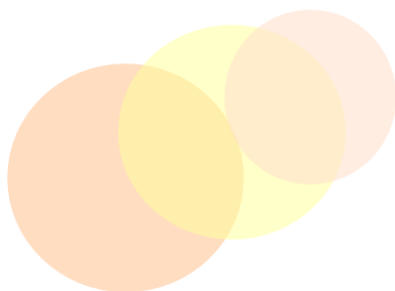
Nem Carlos, nem Tomé, nem Marita concordavam com ele. Na opinião dos três, melhor seria esquecer a estranha visão.

_ Não é bom se meter com essas coisas _ insistiu Carlos. _ Isso tem cara de magia negra.

_ Também acho _ apoiou Marita. _ Minha avó sempre me disse para ficar bem longe de bruxarias.

A menção à avó despertou a atenção de Adriano.

_ Ela costuma conversar essas coisas com você? Perguntou ele.



_ Minha avó vem de um lugar onde todo mundo acredita em assombração, bruxaria, essas coisas _ explicou Marita. _ Ela é cheia de superstições.

_ Mas ela entende disso? _ insistiu Adriano.

_ Entende um bocado _ afirmou a menina. _ Mas não em conta quase nada. Sempre que pergunto, ela diz que, quando chegar à idade certa, vou saber tudo o que preciso.

_ O que precisa saber para quê? _ perguntou Tomé.

_ Não sei, ela não diz.

Adriano ainda queria saber muitas coisas da amiga, principalmente se ela havia comentado alguma coisa com a avó a respeito da procissão da noite anterior. Mas, subitamente, a mãe de Marita apareceu e mandou a menina de volta para casa. Parecia zangada, como se não lhe agradasse ver a filha em companhia dos amigos. E Marita obedeceu muito rapidamente, meio assustada, como se soubesse muito bem que não deveria estar ali.

Adriano ficou cismado. Não gostou do jeito como a mãe de Marita o havia encarado. Era um olhar ruim. Foi para casa e tentou botar as idéias em ordem.

Não havia nenhuma dúvida: a avó, a mãe e Marita estavam na procissão. Mas a menina também estava ao lado dele. Eram, aquilo era um cortejo de almas, de almas de pessoas vivas, que continuava a cuidar de seus afazeres enquanto uma parte delas voava para longe. Mas para quê? Que sentido teria aquilo?

Depois de muito matutar, tomou uma decisão arriscada. Dirigiu-se à casa de Marita. Não sabia muito bem o que pretendia investigar, mas se havia uma resposta, só poderia ser encontrada na casa das três mulheres.

Marita morava com a avó, a mãe e um cachorro numa casa meio afastada, rodeada por uma cerca de tabique que ocultava o movimento interno de quem passasse pela rua. Não que precisasse. quase ninguém andava por ali.

Adriano nunca tinha passado do portão, que cedeu a um leve toque de sua mão, e surpreende-se com a pobreza e o desleixo do lugar. O pequeno pátio da frente estava tomado pelo mato alto e poças de lama. A pintura da parede estava descascada em muitos pontos e muito suja em toda sua extensão. Na parte lateral da casa, roupas velhas e encardidas balançavam-se num varal. Embora o sol estivesse a pino, o lugar dava arrepios.

Mal tinha dado dois passos, Adriano ouviu uma voz áspera e pouco hospitaleira:

_ O que você quer?

Era a avó.

_ Quería falar com Marita.

_ Ela não pode atender. Vá embora _ disse a velha, enquanto caminhava na direção dele.

Era a mesma da procissão, Adriano não tinha a menor dúvida. À luz do sol, reconheceu as unhas sujas e compridas, o cabelo desgrenhado preso na nuca, a pele enrugada e cheia de pêlos embaixo do nariz, feito um bigode.

Antes que pudesse pensar num pretexto para ficar mais um pouco e observar o lugar, sentiu que a mulher lhe cravava as unhas no braço e o conduzia até o portão.

_ Vá embora _ repetiu a mulher. _ Não gostamos de visitas.

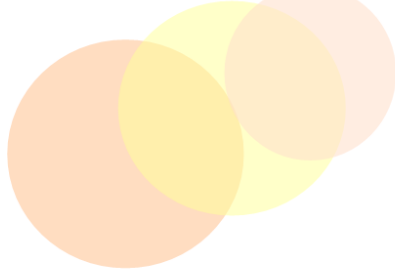
À tarde, na escola, Marita parecia assustada.

_ Por favor, não volte lá em casa _ pediu a ele. _ Minha avó fica muito brava.

_ Bom, ela não me faria nenhum mal, faria?

_ Não conte com isso _ respondeu a menina, com a voz ainda mais amedrontada.

Adriano fez a pergunta de propósito. Quería dar espaço para que a amiga se abrisse. Tinha certeza de que ela sabia de alguma coisa. Mas Marita trancou-se e não falou mais nada.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Ele estava se dirigindo à sala de aula, quando foi parado por uma antiga faxineira.

_ Fique longe dessa menina, meu filho _ aconselhou a mulher.

Intrigado, decidiu interrogar a senhora.

_ Mas o que há de errado com ela?

_ Você não sabe? _ perguntou a mulher, espantada, como se a resposta fosse óbvia. E, baixando a voz, quase sussurrando, e olhando muito para os lados como se temesse ser surpreendida por alguém, confidenciou:

_ Elas são matitas. Todas elas.

Adriano já tinha ouvido falar nas matitas pereiras, mas sempre julgara que fosse superstição do povo. Eram mulheres bruxas, com um incrível poder para praticar o mal. Até onde sabia, era uma espécie de maldição que passava de mãe para filha, mas, em algumas regiões do país, acreditava-se que podia também atingir os homens.

_ O que a senhora sabe sobre isso? _ perguntou, ansioso.

A velha afastou-se, resmungando.

_ Deixe de ser curioso e fique longe delas.

Mal conseguia se concentrar nas aulas. Volta e meia espiava Marita com o rabodo olho. Não parecia nada bruxa. Sempre tinha sido uma amiga leal e doce. Além disso, suas roupas limpas e sua aparência bem cuidada não combinavam nem um pouco com o ambiente desleixado que tinha visto em sua casa.

Alguma coisa lhe dizia que a amiga não participava do destino macabro de sua família. Ou, pelo menos, que se pudesse escolher, escaparia dele.

O problema era abordar o assunto com Marita, que sempre parecia tão assustada e fugidia quando ele tentava ir mais fundo.

Quando tocou o sinal do fim da aula, tentou falar novamente com a amiga. Mas ela novamente se esquivou. E dessa vez foi bastante clara.

_ Chega, Adriano! Esqueça isso, por favor.

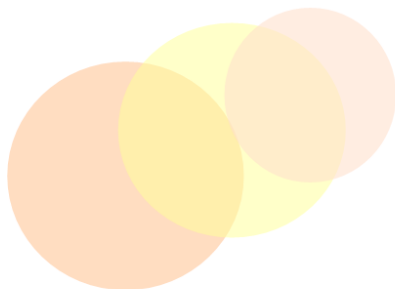
Como esquecer? Como apagar da memória a procissão, a casa decadente, a morte do menino, o contraste entre o ambiente lúgubre do casebre luminoso e o sorriso de Marita? Nada fechava, nada combinava com nada.

Algumas noites mais tarde, suas dúvidas ficaram ainda mais aguçadas. Estada andando por uma estrada próxima àquela onde tinha visto a procissão. Apesar da escuridão medonha, andava distraído e enfiado em seus pensamentos. Ia pelo meio da rua deserta, nenhum carro ou gente passava por ali àquela hora. Ia chutando pedrinhas, tão ocupado com suas perguntas sem respostas que nem se preocupou em olhar para a frente.

Quando percebeu, uma mulher passava a seu lado. Depois, outra. E mais outra. Todas tão silenciosas, nem mesmo seus passos faziam barulho. Continuou andando sem erguer os olhos, mas tinha certeza: estava caminhando pelo meio da procissão. Um arrepio desagradável percorreu sua pele. Detestava admitir, mas estava com medo. Sentia muitas pessoas cruzando seu caminho. Elas não desviavam. Nem ele. Cada mulher que passava, era como uma lufada de vento frio.

Eram muitas, muitas mais que na vez anterior. No entanto, quanto mais se aproximava do centro do grupo, o medo ia desaparecendo. Aos poucos, toda a emoção se dissipava. Nem medo, nem alegria, nem curiosidade. Só a vontade de continuar caminhando, sem parar, sem sentir, sem pensar.

Estar cercado pelas mulheres misteriosas era perigoso, bem que ele sabia. Mas não conseguia decidir-se a ir para a margem da estrada e deixá-las passar, como da última vez. Ali, no meio delas, percebia a terrível energia que emanava de suas almas. Era irresistível.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Depois de caminhar algumas dezenas de metros em meio às mulheres, toda a sua vontade havia desaparecido. Queria apenas continuar andando pelo meio do grupo sem pensar, sem sentir, simplesmente se deixando conduzir.

Se pudesse raciocinar com clareza, perceberia que ali estava uma pista para compreender o que ocorria com Marita. O fato é que estar no meio da procissão nada tinha de aterrorizante, pelo contrário. Seu corpo estava leve, sua cabeça não se preocupava com nada, nenhum pensamento o perturbava. Um estranho prazer tomava conta de Adriano. O prazer de não ter que decidir, de se diluir em nada em meio à multidão.

Talvez Marita não se opusesse à avó e à mãe porque secretamente gostasse dos passeios noturnos. Talvez soubesse que ali estava uma coisa terrivelmente maligna, mas não conseguisse resistir.

Adriano também não resistia. Deixava que os pensamentos deslizassem por sua mente sem se prender a nenhum deles.

Foi então que viu, já no fim da fila, Marita e sua mãe. Continuou andando na direção delas, na direção do fim da procissão. Passou pelas duas, que não lhe dirigiram sequer um olhar. Passou pelas últimas mulheres. E finalmente percebeu que já tinha atravessado toda a extensão do cortejo. Agora estava de novo sozinho na estrada.

Tivesse ainda juízo ou algum poder sobre sua própria vontade teria sumido dali o mais rapidamente possível. Mas estar novamente sozinho lhe deu uma angústia imensa e inexplicável. Queria voltar para o grupo. Queria dissolver-se no nada mais uma vez.

Por isso, no lugar de correr para longe das mulheres, voltou-se e foi atrás delas. Cada vez mais rápido e mais ansioso para chegar.

Não precisou se esforçar muito. O grupo parou, sem se virar, esperando por ele. Quando Adriano alcançou as últimas mulheres, sentiu mãos frias agarrarem seus braços com firmeza.

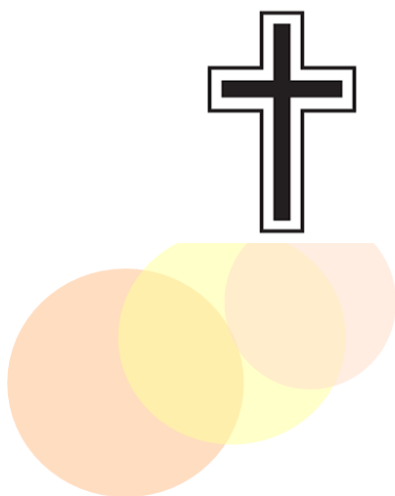
Retomou a caminhada, agora aliviado, leve, esvaziado de todo e qualquer sentimento. E não se impressionou nem mesmo quando viu, à margem da estrada, seu corpo caído no chão.

Uma estranha felicidade tomou conta de sua alma. Sabia muito bem que deveria lutar contra ela e correr o mais rápido que pudesse para ocupar novamente seu corpo.

Mas não resistiu.

Rosa Amanda Strausz

Disponível: <https://encontros.webnode.com.br/products/a-prociss%C3%A3o/> Acesso em: 02 jun. 2018.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Vovó Maria



Juro de dedo cruzado. Pode acreditar. Aconteceu de verdade. Foi numa noite fria pra danar. Eu tinha parado num bar para tomar um copo de café. Já passava das onze. Eu estava bem chumbado. Mas não queria dormir. Precisava chegar em Dracena, só faltavam uns cem quilômetros pra Junqueirópolis, a última cidade.

Sabe como é, mesmo pra quem está acostumado, às vezes, o medo bate forte. Tem dia, quer dizer, tem noite que não dá não. A estrada estava vazia. De vez em quando eu via um bicho, morcego, cachorro, passando na frente do caminhão. Liguei o rádio, cantei um pouco. Deu sono. Medo e sono, não tem coisa pior. Eu tinha um pressentimento...

De repente, vi um sujeito pedindo carona.

Gente na estrada, assim à noite, é perigo na certa. Mas quando bati o farol na cara dele, vi que era só um estudante. Um garotão. Parei e abri a porta. É bom ter com quem conversar:

- Pra onde você vai? – perguntei.
- Estou indo pra Sorocaba; minha família é de lá.
- E por que está pedindo carona?
- Eu vinha de ônibus. Deu pane no motor. Os caras estão lá atrás parados.

“Que estranho”, pensei eu, “será que eu tinha dormido na estrada?” Em todo caso, fiquei quieto. O menino continuou.

- Amanhã eu tenho que fazer uma entrevista. Não posso arriscar.
- Entrevista pra quê?
- Pra fazer um estágio numa fazenda – ele respondeu. – Eu estudo agronomia.

Fiquei satisfeito. O rapaz era boa pessoa. Assim meu sono passava, o medo então, bom, esse eu já tinha sumido. Ai se eu soubesse...

Bom, lá pelas tantas, quando a estrada estava completamente vazia, breu pra tudo quanto é lado, não é que o menino me pergunta assim:

- O senhor já ouviu falar da Vovó Maria?
- Como é que é?
- A Vovó Maria, a velha feiticeira.
- Cruz-credo, menino, o que é isso?
- É um fantasma das estradas.
- Ah, sai pra lá, eu não gosto dessas coisas, não.
- Me contaram que ela era uma velha danada de ruim. Fez tanto feitiço, tanta maldade, que quando morreu virou alma penada. Que ela anda pelas estradas assustando caminhoneiro.
- Tá louco, sô, para com isso – eu disse.
- Mas juro que é verdade! Já morreu muita gente por causa da velha. Ela é louca pra fazer mais crueldade.

Eu já estava ficando bravo com o menino.

- Escuta aqui, ô garoto, ou você cala já essa boca, ou vou ter que parar o caminhão e mandar você de volta pra estrada.

Unidade 3: Histórias de arrepiar!



O menino se assustou. Minha cara estava toda suada. Ele concordou:

- Tudo bem, tio, tudo bem, eu não fiz por mal.

Desviei o olho da estrada por um minuto pra ver se o moleque estava sendo sincero comigo.

Pronto.

Bastou um minuto.

- Tioooooo – o garoto gritou, quer dizer, berrou mesmo, se encolhendo todo, a cara ficando mais branca que farinha, a boca aberta rasgando as bochechas...

- O que é isso? – gritei.

A velha veio pra cima do caminhão. Abriu a boca. Não tinha nenhum dente. Pisei fundo no acelerador. Deu cavalo-de-pau.

O caminhão só parou quando entrou no barranco.

Olhei pro menino. Tinha desmaiado. Tomei o pulso. Tava vivo. Graças a Deus.

Olhei pra minha cara no espelho.

Horrível parecia assombração. Será que a gente tinha morrido? Será que eu já tinha passado dessa pra melhor? Belisquei o braço. Doeu. Eu estava vivo. E o caminhão? E a velha?

Respirei fundo.

Contei até dez.

Desci.

Voltei pro caminhão.

As pernas tremiam tanto que eu não conseguia andar.

“Mas você não é macho, sô? Onde já se viu? Tá parecendo mulherzinha?” Se bem que minha mãe é que era macha. Ai se ela me visse daquele jeito...tremendo feito bebê.

Respirei fundo.

Contei até trinta.

Desci.

Consegui andar.

Respirei de novo.

Estou vivo, mesmo.

Examinei o caminho tinha amassado os para-choques. Nada demais.

E a velha?

Ai, meu Deus, e a velha?

E se ela morreu?

E se a velha foi parar embaixo da roda?

Não, na roda, a velha não estava.

E se eu achar a velha morta, estendida no meio da estrada?

Caí no chão. De medo, pernas bambas de novo.

Respirei fundo.

Contei até trinta

Andei até a estrada.

Nada de velha.

- Tioooooooo!



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

O grito de novo! Fiquei de cabelo em pé. Pior que gato escaldado.

Era o menino.

Tinha acordado.

- Tioooo! Foi a velha! A fantasma! A gente tá morto!

Bom, uma coisa era certa, o menino estava pior que eu!

Quando a gente tem medo, só mais uma coisa resolve: outra pessoa com mais medo ainda. Resolvi ajudar o garoto.

- Calma, calma. Não aconteceu nada, não tinha velha nenhuma, foi só impressão.

- Foi não, tio, eu vi, o senhor viu, ela estava aí, no meio da encruzilhada.

Respirei fundo, aliviado. Dei partida.

- Foi só impressão, meu filho, descanse aí, quando der a gente pára num bar. Você se machucou?

- Não, não, tio, eu estou inteiro.

O menino ficou calado. Os olhos arregalados, colados na estrada. Liguei o rádio.

Ficamos um tempão sem dizer nada. Resolvi puxar uma prosa. Tava com pena do menino.

- Mas que susto, heim, meu filho...

- Tio?

- O que foi, menino?

- O senhor está ouvindo?

- Ouvindo o quê?

- Esse barulho.

- Que barulho é esse?

Tap, tap, tap, tap...

- Parece alguém batendo no vidro, tio.

- Não é nada, menino – respondi e afundei o pé no acelerador.

Tap, tap, tap, tap...

- Tio...

- O que foi, agora?

- Eu acho que o barulho piorou.

- Não tem barulho nenhum – respondi, com medo de olhar no espelho retrovisor.

- Tio...

- Diga aí.

- Eu estou com medo.

- Medo do quê?

- Medo de olhar pra trás.

- Por quê?

- Por causa do barulho.

- Que barulho, nada, você é que é um medroso.

- Então, tio, o senhor olha e me diz.

- Eu não vou olhar, não, eu tenho que ficar de olho na estrada.

- O tio também está com medo.

- Eu não tenho medo de nada.

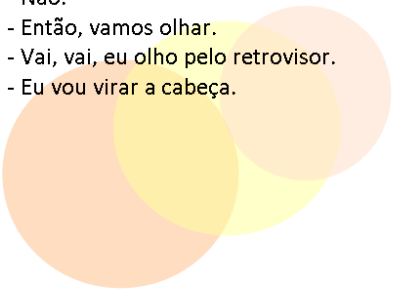
- Tem não?

- Não.

- Então, vamos olhar.

- Vai, vai, eu olho pelo retrovisor.

- Eu vou virar a cabeça.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

.Só que nenhum de nós virava. Nenhum de nós tinha coragem pra ver o que é que estava batendo no vidro de trás que dava pra caçamba do caminhão.

- Vamos contar até três – disse o menino.

Comecei:

- Um.

- Dois.

- Três.

- SOCORROOOO!

O negócio era tão feio que ficava difícil descrever.

Era a velha.

Horrível. Desdentada. Desgrenhada.

- Valha-me! Socorro! Alguém me ajude! – ela gritava.

Foi pé na tábua pra valer.

Rezei pra São Cristóvão. O menino só chorava.

- A gente vai morrer, tio, chegou nossa hora, tio.

Eu não dizia nada. O negócio era correr, correr, sem parar, até chegar a algum lugar.

Minhas mãos tremiam, as pernas bambas, o suor escorria feito um rio, meu cabelo já estava tão ensebado que nem arrepiava mais.

O menino se contorcia todo, foi ficando enroscado feito um caracol. Eu já nem ouvia direito o que ele falava. E a velha gritava, gritava, bem nos nossos ouvidos.

Até que vimos uma luz na escuridão.

Um posto de gasolina.

Do lado direito da estrada.

Comecei a rir feito um louco.

O menino então ria tanto que quando a gente estacionou do lado da bomba de gasolina o frentista perguntou assim:

- Vocês beberam? Vieram de alguma festa?

Quando recuperamos o fôlego, eu disse assim:

- Não. Eu só quero um favor. Faça o que eu peço. Eu lhe dou uma ótima gorjeta. Anda.

- Tudo bem - disse o frentista.

- Sobee na caçamba e vê se tem alguma assombração.

- Tá certo, eu subo, mas eu acho que o senhor está variando. Esse negócio está muito esquisito.

Fechei os olhos e fiquei à espera.

O menino voltou a enroscar o corpo.

Tap, tap, tap.

Um frio passou pela minha espinha.

Custei a abrir os olhos.

Mas era só o frentista.

E ele ria. Ria muito.

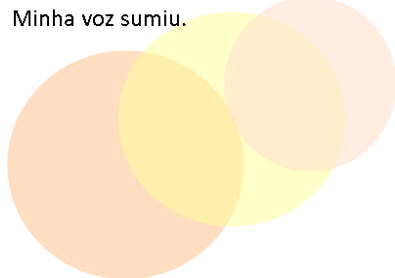
- O senhor deve estar feliz.

- Como é que é?

- Por causa dela.

Assim que disse essas palavras, o frentista trouxe a velha para perto do vidro da janela.

Minha voz sumiu.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Profletr@s
mestrado profissional UEMS



- O senhor deve estar feliz.
- Como é que é?
- Por causa dela.

Assim que disse essas palavras, o frentista trouxe a velha para per-
vidro da janela.

Minha voz sumiu.

- Ela disse que o senhor salvou a vida dela
- O quê? – perguntou o menino do meu lado.
- Ela disse que estava perdida e que o senhor a encontrou.
- Tá louco, sô! – exclamei. – Eu não quero saber dessa velha, não.

Nisso já estava juntando mais gente em torno do caminhão. Vi que um outro homem foi levando a velha
para dentro do bar.

- Eu nem percebi quando ela entrou no caminhão. De onde é que ela veio?
- Não sei, não - disse o frentista. – Mas ela falou que vai estar sempre perto do senhor e desse menino aí.
- Vai nada, vai nada – gritou o menino.
- Sei lá – comentou o frentista olhando para a velha que se sentava para comer -, eu não entendo por
que vocês estão com tanto medo. Ela é só uma velhinha, uma coitada.
- E como é que ela se chama, ela disse pra você? – perguntou o garoto
- Vovó Maria – respondeu o frentista – disse eu me lembro muito bem.

O menino e eu trocamos um olhar.

Eu paguei pelo combustível.

Recebi as chaves.

Dei partida.

Pé na tábuia.

Pra nunca mais voltar.

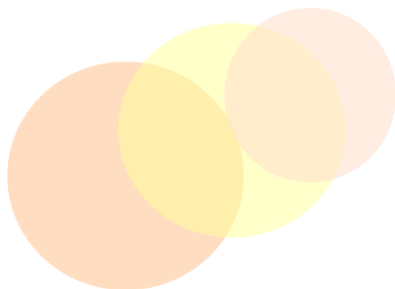
E a velha?

Você quer saber?

Eu não.

Não quero nem ouvir falar.

PRIETO, Heloísa. *A Loira do banheiro e outras histórias*. São Paulo: Ática, 2012.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Sete ossos e uma maldição (boneca espanhola)



Se não fosse pelos pesadelos que vinha tendo pelos últimos dias, Clara não acreditaria na orientação recebida da tia. Mas eles não falhavam. Toda noite, uma mulher surgia no meio de seus sonhos e sussurava: "Meus ossos!". Não conseguia ver o rosto da mulher nem mesmo suas roupas, só uma silhueta ameaçadora. E apavorante. Invariavelmente, acordava ensopada de suor frio.

Por isso, quando a tia, que era espírita, mandou que queimassem todos os móveis e objetos de seu quarto, não protestou.

Nem poderia, depois de ter visto o que viu: a velha em transe, olhos esbugalhados, a boca muito aberta, com uma voz embolada, ordenando a destruição de seu quarto. Era a primeira vez em que ia à uma sessão espírita que seus pais frequentavam. E eles só a tinham levado até lá depois que Clara relatava os estranhos sonhos que andavam assaltando. O vulto apavorante. A voz aflita, nervosa: MEUS OSSOS.

Foi a tia quem matou a charada, segundo ela, uma vizinha teria jogado sobre seu quarto uma mistura macabra feita de ossos pulverizados e ervas daninhas. Magia negra mesmo. Agora o jeito era jogar tudo fora, queimar bem queimado e defumar o quarto com as ervas que a vovó incorporada na tia indicava.

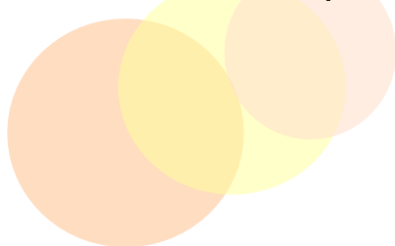
Ninguém na família ousava contestar as orientações que a tia recebia quando estava incorporada. Ela era como que a sacerdotisa que revelava mistérios para todos. Às vezes, recebia uma vovó, outras vezes, um caboclo, até mesmo um exú já tinha tomado seu corpo para dar um recado urgente.

Clara não reclamou de ver todos os seus brinquedos queimados. Para compensar a tristeza, ganhou um quarto novo. Seus livros em novas edições e suas bonecas, cada uma mais bonita do que a outra. Estava justamente arrumando a estante quando percebeu uma caixa fechada no chão do quarto. Com tantas novidades, provavelmente não tinha percebido o pacote.

Ao abri-lo, teve uma surpresa. Era mais uma boneca incrível e bonita. Grande, como um bebê de verdade, mas era uma mocinha, com trajes típicos de dançarina espanhola, um vestido de seda vermelho com rendas pretas e uma mantilha rendada também preta, a boca muito vermelha e uns olhos muito negros, brilhantes como estrelas cadentes. Deu-lhe o nome de Muriel.

Não ficava sentada como as outras, com as pernas duras esticadas para a frente. Um mecanismo de arame dava seu corpo muita flexibilidade.

Clara sentou-a entre as outras bonecas e um ursinho, com as pernas cruzadas numa pose sensual e as mãos nos cabelos, como se os ajeitasse para ir a uma festa.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!

Linda, linda.

Naquela noite, não teve a visão do vulto. Mas foi acordada por uma gargalhada estridente. Uma gargalhada de mulher. Sentou-se na cama, mas não havia nada no quarto. Confiante nos poderes da tia, voltou a dormir, pensando que talvez uma mulher bêbada tivesse feito barulho na rua.

Pela manhã, no entanto, ao lado de uma de suas bonecas novas havia um punhado de cabelo arrancados, cabelos de náilon. Após um exame rápido, verificou que Amelinha, uma boneca de ar meigo e vestido xadrezinho azul-claro, tinha o cabelo arrancado.

Chamou a mãe correndo, mas esta não lhe deu muita atenção. "Essas bonecas de hoje em dia são muito mal acabadas mesmo", resmungou, enquanto terminava de se arrumar para ir ao trabalho.

Sonhou novamente com as gargalhadas. E ao acordar, encontrou Dinda, uma de suas bonecas com um enorme profundo corte na garganta.

Neste dia, decidiu arrumar novamente as bonecas. Tirou todas da estante, arrumou seus cabelos, disfarçou a careca de Amelinha com um lenço, botou um laço de fita no pescoço de Dinda, passou um pano em cada uma para tirar a poeira, e voltou a colocá-las na estante.

Deu dois passos para trás para observar melhor o conjunto. Muriel voltou a chamar sua atenção. Sem dúvida, era a mais impressionante. Ao contrário das outras, possuía um olhar vívido e inquieto. Clara andou pelo quarto enquanto observava as bonecas. Parecia que só os olhos de Muriel a acompanhavam. E teve também a impressão de que o sorriso da espanhola estava mais aberto, como se fosse estourar numa gargalhada a qualquer momento.

"Que bobagem", pensou. "Ando impressionada demais com esses sonhos".

Mas, nos dias seguintes, a idéia começou a tomar forma em sua mente. A cada manhã, uma das bonecas aparecia maltratada. Era um dedo arrancado, um olho furado, a cabeça virada para trás, braços e pernas numa posição totalmente diferente daquela em que a menina havia colocado. Só Muriel parecia cada vez mais viçosa, em sua pose orgulhosa, soberana na estante, sorriso paralisado e os olhos que seguiam Clara por todo o quarto.

Então a menina resolve ir falar com a sua mãe sobre as bonecas, que a mãe consultou a tia, que consultou os espíritos.

Um dia ela foi chamada a sessão onde a tia reinava soberana. Ali estava novamente a velha, com o olhar esgazeado, a voz embotada e o pesado silêncio que impunha ao fim de cada frase.

__Qual o seu problema? _ perguntou o espírito incorporado na tia. Dessa vez não era a vovó que sempre lhe enviava orientações. Clara não conhecia a entidade. A voz era mais grossa, como a de uma mulher bêbada. E possuía sotaque espanhol. Nada agradável. Ainda assim, era a única pessoa a quem Clara poderia pedir ajuda.

__ Alguém ou alguma força maligna está maltratando minhas bonecas _ explicou a menina. E, antes que pudesse expor suas desconfianças com relação a Muriel, foi cortada pela voz grossa:

__ É você.

__ Como assim? _ Clara achou que não tinha compreendido a explicação.

__ A força maligna é você.

Subitamente, a entidade sorriu e seus olhos semicerrados brilharam na sala escura. Era o sorriso e o olhar de Muriel.

Clara recuou, assustada.

_ Quem é você? _ perguntou, quase gritando e recuando ainda mais. Foi contida pelos braços amorosos da mãe e dos outros participantes da sessão.

Ninguém ali acreditaria se ela dissesse que a entidade incorporada era um ser maligno. E foi esse mesmo ser quem falou, sem tirar o sorriso do rosto.

Unidade 3: Histórias de arrepiar!

- Esta menina está possuída.

Clara jamais esqueceria da expressão no rosto da mãe, uma mistura de horror e pena, mas jamais de dúvida. O que as entidades incorporadas na tia diziam era sempre a verdade absoluta.

Percebeu que não havia mais ninguém a quem pedir socorro.

Foi trancada no quarto. Ela e suas bonecas. Ela e Muriel, cujos os olhos negros faiscavam perigosamente. Mas Clara não teve medo. Encarou o pequeno ser que lhe sorria da estante e agarrou-a pelos cabelos.

Sem pestanejar, atirou a boneca contra a parede.

Nada aconteceu.

Muriel caiu no chão, com o seu jeito de boneca, sem alterar o sorriso nem seu olhar de carvão em brasa. Clara pegou então seu canivete suíço e cravou-o no coração da boneca. Já fora de si, foi rasgando a borracha macia que imitava pele, rasgando as roupas, o véu, raspando cabelos, furando a boneca, queria acabar com Muriel, eliminar sua força maligna.

Por fim, exausta, olhou para as tiras de borracha e tecido que se espalhavam pelo chão. Estava ali, ofegante, observando o estrago que tinha feito, quando um objeto branco chamou sua atenção. Estava embolado nas tiras de borracha. Aproximou-se e puxou-o com a ponta dos dedos: era um osso, um pequeno osso.

À medida que vasculhava os restos da boneca, descobria outros semelhantes. Absurdamente pequenos para serem de gente, mas com o formato exato de ossos humanos: dois fêmures, um crânio, caixa torácica, artelhos, bacia e uma omoplata.

Sete ossos recheavam a boneca.

De repente, abriram bruscamente a porta de seu quarto. Dali, a entidade de sotaque espanhol e sua mãe a observavam. Foi a coisa estranha quem disse:

_ Não falei? Foi ela quem destruiu as bonecas. Esta menina está possuída.

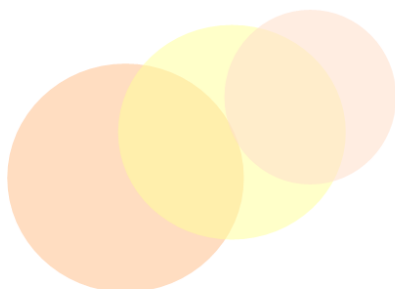
Clara nem gritou.

Sabia que não adiantaria.

Olhou para a entidade incorporada na tia e viu apenas seus olhos, negros e brilhantes como pequenas contas de carvão em brasa.

STRAUZ, Rosa Amanda. **Sete Ossos e uma maldição**. Disponível em:

<<https://encontos.webnode.com.br/products/seteossouseuma%C3%A7a/>>. Acesso em: 2 jun. 2018.



Unidade 3: Histórias de arrepiar!**INTERPRETANDO O TEXTO**

1. Como já vimos na unidade I o conto é composto por alguns elementos, com base no conto “Sete ossos e uma maldição (boneca espanhola)” preencha os espaços abaixo:

SITUAÇÃO INICIAL

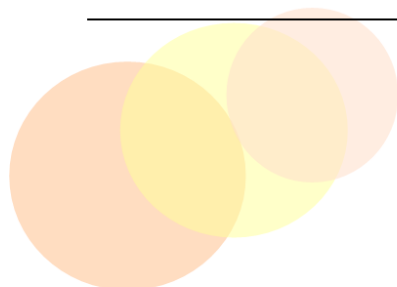
ESPAÇO

TEMPO

CLÍMAX

NARRADOR (1ª PESSOA OU 3ª PESSOA)

DESFECHO

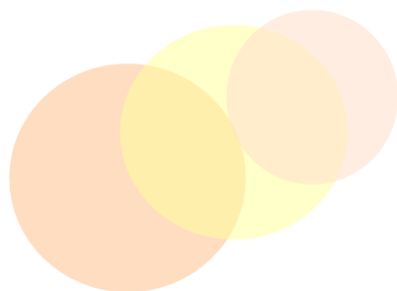


Unidade 3: Histórias de arrepiar!

2. Nessa passagem do conto “Clara nem gritou. Sabia que não adiantaria”. Por que a menina não pediu socorro a ninguém?

3. Em que momento do conto começamos a perceber que a tia de Clara não tinha a intenção de ajudá-la?

4. Você daria continuidade à história ? De que maneira?



Unidade 4 : Construindo um conto

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Escreva um conto (da temática que preferir) para apresentar oralmente em uma roda de leitura.

PLANEJE SEU TEXTO

Observe o quadro abaixo antes de escrever o seu texto:

	Para escrever o conto	
Qual é o público leitor do texto?		
Que linguagem empregar? Mais formal ou mais informal?		
Qual é a estrutura que o texto vai ter?		
Onde o texto vai circular?		

ORIENTAÇÕES PARA A PRODUÇÃO

1. Escreva no rascunho uma primeira versão do texto
2. Escolha o foco narrativo do conto: narrador-personagem (1ª pessoa) ou narrador em 3ª pessoa.
3. Escolha o tipo de discurso que irá utilizar: o discurso direto (com a fala das personagens) o discurso indireto (somente com a fala do narrador)
4. Imagine as personagens, ambiente, tempo e a duração da história.
5. Você já sabe que eu o conto é um texto breve, que condensa grande significado e profundidade.
6. Defina qual será o conflito principal da história, responsável por desencadear a sequência da narrativa e desenvolva o texto em torno desse conflito.
7. A solução e o desfecho do conto precisam estar de acordo com o restante das informações e só pode surgir quando o conflito estiver suficientemente desenvolvido.
8. O emprego de recursos para criar suspense, quando for o caso – pausas por meio de frases interrompidas, pontuação, frases curtas que não contenham todas as informações, etc.

AVALIAÇÃO E REESCRITA

1. O conto apresenta os elementos básicos de uma narrativa?
2. As personagens foram bem construídas? Suas características aparecem de forma marcante no texto?
3. As orações estão bem construídas ou estão incompletas, confusas truncadas?
4. O desfecho ocorre tendo como base uma solução consistente para o conflito?
5. Em sua opinião, o leitor ficaria envolvido ao ler o conto?
6. Faça uma revisão ortográfica e observe a pontuação. Depois, passe a narrativa a limpo na folha que será entregue pelo professor.

Unidade 4 Construindo depoimento



Nessa unidade aprenderemos o gênero depoimento.



Leremos abaixo o depoimento da escritora Lygia Bojunga, em que ela aborda a importância da leitura, do livro e da arte de escrever na sua vida.



A troca

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia, comia; e de barriga assim toda cheia, me levando pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que - no meu jeito de ver as coisas - é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisme um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra - em algum lugar - uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

BOJUNGA, Lygia. **Livro**: um encontro com Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Agir, 1998.



Lygia Bojunga (1932) é uma escritora brasileira de literatura infanto-juvenil. Foi a primeira autora fora do eixo Estados Unidos – Europa a receber o Prêmio Hans Christian Anderson, o mais importante prêmio literário da literatura infanto-juvenil.

A produção literária de Lygia Bojunga se caracteriza pela fantasia e pela realidade, onde aborda questões sociais com lirismo e humor. Entre suas publicações destacam-se: “Angélica” (1975), “A Bolsa Amarela” (1976), “A Casa da Madrinha” (1978) e “O Sofá Estampado” (1980).

Unidade 4: Construindo depoimento

O Gênero depoimento

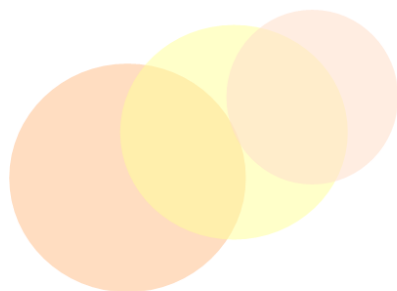


Depoimento é um texto que contém características sócio-comunicativas, que narra fatos reais vividos por uma pessoa. Esse formato textual apresenta os elementos básicos da narrativa: seqüências de fatos, pessoas, tempo e espaço. O narrador é sempre o protagonista.

- Objetivo: apresentar uma situação vivida.
- Enunciador: 1ª pessoa (autor contando a história)
- Objeto: experiência pessoal
- Destinatários: diferentes destinatários
- Texto predominantemente narrativos
- Estrutura internas: apresentação de uma experiência vivida, com marcas de autoria de (1ª pessoa); relato do acontecimento, pessoas envolvidas, períodos de realização, desenvolvimento, sensações, aprendizagens.
- Outras características: utilização de pronomes pessoais, formas de expressões pessoais, formas de expressões típicas e pessoais, adjetivos que aproximem o leitor, dialogo com outros sujeitos que participam direto ou indiretamente, verbos no passado e no presente.

Referências:

DEPOIMENTOS. Disponível em:
<http://julcirocha.wordpress.com/2008/04/17/generos-textuais/> . Acesso em 21 de julho de 2018



Unidade 4: Construindo depoimento



Quem nunca, quando criança, buscou um tesouro escondido?
Qual foi o maior tesouro da sua infância?
De que tesouro será que o texto está tratando?



Tesouro no quintal

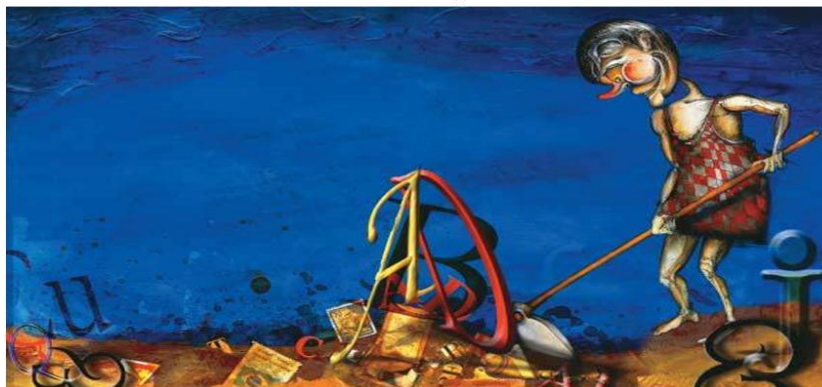


Ilustração: Alexandre Camanho

Era uma família grande, a nossa: pai, mãe, cinco filhos. Grande e pobre. Papai, pedreiro, mal conseguia nos sustentar. Mamãe ajudava como podia, fazendo faxinas e costurando para fora, mas mesmo assim a vida era bastante difícil. Papai vivia bolando formas de reforçar nosso orçamento doméstico ou de, pelo menos, diminuir as despesas. Foi assim que lhe ocorreu a idéia da horta.

Morávamos numa minúscula casa de subúrbio, não longe de uma bela praia, que, contudo, raramente freqüentávamos: era lugar de ricos. Casa pobre, a nossa, sem nenhum conforto. Mas, por alguma razão, tinha um quintal bastante grande. Do qual, para dizer a verdade, não cuidávamos. O capim ali crescia viçoso e no meio dele jaziam, abandonados, pneus velhos, latas, pedaços de tijolos e telhas. Papai olhava para aquilo, pesaroso: parecia-lhe um desperdício de espaço e de terra. Um dia chamou os dois filhos mais velhos, meu irmão Pedro e eu próprio, e anunciou: vamos fazer uma horta neste quintal.

Proposta mais do que adequada. Nós quase não comíamos legumes e verduras, porque eram muito caros. Mas, se plantássemos ali tomate, alface, agrião, cenoura, teríamos uma fonte extra de alimento – e o mais importante, sem custo.

Sem custo, mas não sem trabalho. Para começar, teríamos de capinar aquilo tudo e revirar a terra para depois plantar e colher. Meu pai não hesitou: vocês dois, que são os mais velhos, vão fazer isso

Não gostamos muito da determinação. Não éramos preguiçosos, mas preparar a terra para fazer uma horta não era bem o nosso sonho e representaria um grande esforço. Contudo, não tínhamos alternativa. Quando papai dava uma ordem, era para valer. E, no caso, ele tinha o decidido apoio da mãe, que era de uma família de agricultores e gostava de plantar.

Quem prepararia a terra? Foi a pergunta que fiz ao Pedro, que, além de mais velho, era o líder entre os irmãos. Pergunta para a qual ele já tinha a resposta:

– Isso é coisa para o Antônio.

Antônio era o irmão do meio. Com 9 anos, era um menino quieto, sonhador. Mas não era muito do batente, de modo que fiquei em dúvida: como convencê-lo a fazer o trabalho?

Unidade 4: Construindo depoimento

Eu estava junto, quando ele contou a tal história. Era uma boa história: segundo um famoso professor, séculos antes piratas franceses haviam andado pela nossa região e ali haviam enterrado um tesouro. Expulsos pelos portugueses, nunca mais tinham retornado, de modo que a arca com jóias e moedas de ouro ainda estava no mesmo lugar, que podia ser o pátio de nossa casa.

– O tesouro será a nossa salvação – concluiu Pedro, entusiasmado.

Antônio estava impressionado. Se havia coisa em que acreditava, era em histórias. Aliás, estava sempre lendo – era o maior freqüentador da biblioteca do colégio.

– Quem sabe procuramos esse tesouro? – perguntou ele.

Era exatamente o que Pedro queria ouvir.

– Se você está disposto, eu lhe arranjo uma enxada...

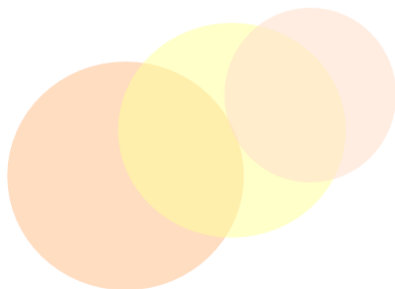
Antônio mostrava-se mais do que disposto. No dia seguinte, um feriado, lá estava ele, enxada em punho, cavando a terra, diante do olhar admirado da família. Papai até perguntou o que tinha acontecido.

– Ele se ofereceu para fazer o trabalho – disse Pedro, dando de ombros. Para encurtar a história: tesouro algum apareceu, mas, um mês depois, tínhamos uma horta no quintal. Antônio acabou descobrindo a trama de Pedro, mas não ficou zangado. Inspirado pelo acontecimento, escreveu uma história, com a qual ganhou um prêmio literário da prefeitura. Uma boa grana, que ele usou para comprar livros. Hoje é um conhecido jornalista e escritor. Acho que ele acabou, mesmo, encontrando o tesouro.

SCLIAR, Moacyr. **Tesouro no quintal**. Disponível em:

< <https://novaescola.org.br/conteudo/3235/o-tesouro-no-quintal> >

Acesso em 11 de janeiro de 2018.



ANEXOS

ANEXO A – Declaração do orientador



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**

Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte
Feira de Santana /BA - CEP 44.036-900
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br
www.profletrasuefs.wordpress.com



DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO

Eu, Flávia Aninger de Barros Rocha, docente plena da Universidade Estadual de Feira de Santana, confirmo orientação da aluna Graciele Simões Sampaio Dias, pesquisadora e estudante do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, a realizar a pesquisa intitulada **QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO**, a qual prevê uma intervenção em unidade escolar do sistema público estadual de ensino.

Saliento a relevância da orientação em uma pesquisa para estimular o espaço de interlocução entre professor e discente objetivando o acompanhamento acadêmico para a elaboração do trabalho no final do curso, com vistas a ampliar as concepções e os conhecimentos teóricos do orientando.

Declaro ainda conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12 e sua complementação CNS 510/16, ao tempo em que declaro estar ciente de minhas responsabilidades enquanto orientadora da pesquisa supracitada e, por isso mesmo, coparticipante das ações desenvolvidas ao longo da intervenção, e de nosso compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa.

Assino a presente declaração em 02 vias de igual teor e forma.

Feira de Santana, 20 de outubro de 2017.

Flávia Aninger de Barros Rocha
Orientadora Responsável
CPF: 546.602.896-72

ANEXO B - Autorização da direção da Escola lócus da pesquisa

**COLÉGIO ESTADUAL CÔNEGO CUPERTINO DE LACERDA**

Código SEC: 1160607 Código INEP: 29093341

Rua Sóstenes de Carvalho, S/N – Centro

Distrito: Bonfim de Feira

Município: Feira de Santana Estado: Bahia

Telefone: (75) 3204 – 8102

E-mail: colegiocupertino@hotmail.com**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO**

Eu, IVALNEIDE RODRIGUES SANTOS , gestora do Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda, localizado no distrito de Bonfim de Feira, em Conceição do Coité-BA, autorizo a realização da pesquisa de intervenção intitulada QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO que será desenvolvida com uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II: Informo estar ciente também de que a professora Graciele Simões Sampaio Dias, pesquisadora e aluna do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, poderá utilizar os espaços da escola para desenvolver a pesquisa, bem como os recursos audiovisuais, laboratório de informática, sala de leitura, consultar o projeto político pedagógico, as fichas de matrícula, de registros do desempenho acadêmico dos alunos.

Ressalto que reconheço a relevância da pesquisa para o aprimoramento da qualidade do processo ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa e tenho conhecimento dos objetivos e das atividades que serão desenvolvidas, uma vez que li, na íntegra, a proposta de intervenção a ser desenvolvida na instituição a qual represento, no primeiro semestre do ano letivo de 2018.

Declaro estar ciente de que a pesquisa de intervenção será realizada mediante parecer ético a ser emitido pelo CEP da instituição proponente, Universidade Estadual de Feira de Santana, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12 e 510/16. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades na condição de coparticipante da pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Feira de Santana, Bahia, _____, _____ 2017

Ivalneide Rodrigues Santos
Diretora

ANEXO C- Termo de Consentimento livre e Esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**

Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte –
Feira de Santana/BA - CEP 44.036-900
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 E N 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

(Se tiver dificuldade com leitura pode pedir a alguém de sua confiança para ler esse Termo)

Caro(a) Senhor(a) (ou responsável), seu filho (ou filha) está sendo convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa **QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO**, a ser desenvolvida no **Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda**, pela professora pesquisadora **Graciele Simões Sampaio Dias**, mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Feira de Santana. O objetivo desta pesquisa é melhorar o desempenho do aluno na leitura e na compreensão de textos literários por meio da prática de oficinas de leitura com o gênero textual conto. No decorrer da pesquisa, os alunos serão convidados a participar de algumas atividades como questionário do perfil socioeconômico, leitura de contos literários, discussões e produções de contos e resenhas sobre os contos lidos, trabalhos em grupo com apresentação dentro da sala de aula e para toda a escola (na culminância), que serão publicados num blog literário e no mural da escola. A professora pesquisadora também realizará uma campanha de doação de livros para a sala de leitura da escola, seu filho (ou filha) poderá ajudar na campanha, mas não é obrigado participar. Algumas atividades são comuns e estão presentes no dia-a-dia da escola, porém se não tiver sua autorização, seu filho (ou filha) não é obrigado a realizar essas atividades. Para participar desta pesquisa é necessário a autorização do (a) senhor (a) e de seu filho (ou filha) também. Ele (ou ela) também pode desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, mesmo se já tiver iniciado os trabalhos, a desistência não trará nenhum prejuízo de nota, pois é um direito do estudante. É bom registrar que, durante a aplicação da proposta de intervenção, algumas conversas, dinâmicas e ações serão desenvolvidas para que seja assegurado o respeito às diferenças e às opiniões dos outros; assim, haverá empenho pela manutenção do respeito à individualidade, aos desejos e aos limites dos estudantes participantes. Esta pesquisa será desenvolvida durante a II unidade do ano letivo de 2018, em forma de oficinas, totalizando 14 encontros. É importante informar que não haverá nenhum gasto ou pagamento para que o aluno participe deste estudo, sendo a pesquisadora responsável pelos custos do material didático usado nas atividades. Por meio deste documento, solicitamos a participação de seu filho (ou filha) nas atividades propostas, bem como a publicação de seus textos num blog, divulgação de suas fotografias (tiradas do decorrer das atividades propostas) na culminância do projeto e publicação dos resultados da referida pesquisa. Torna-se necessário esclarecer que, ao aceitar a participação de seu filho (ou filha) nesta proposta de intervenção, o(a) senhor(a) estará colaborando para melhorar ao desempenho de leitura dele(a). Se houver necessidade de ressarcimento, a professora pesquisadora se responsabilizará por fazê-lo. E ainda, há direito à indenização, caso seu filho (ou filha) sofra algum prejuízo causado por este estudo. Os resultados desta pesquisa serão publicados na escola, em forma de panfletos, todavia os nomes dos participantes não serão revelados. As informações colhidas ficarão guardadas com a professora pesquisadora por um período de cinco anos, depois serão destruídas. Quaisquer dúvidas que o(a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora **Graciele Simões Sampaio Dias**, que poderá ser encontrada no Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda, localizado na Rua Sóstenes de Carvalho, SN, no distrito de Bonfim de Feira, Feira de Santana- Ba, telefone (75) 3204 8102; Uma vez esclarecidos os objetivos, as coisas ruins (como constrangimento nas apresentações e na resposta do questionário) e boas que podem acontecer e entendendo que a participação não é obrigatória, é importante reforçar a possibilidade de desistência em qualquer momento do processo. Para tentar impedir que as coisas ruins citadas aconteçam a professora pesquisadora se compromete a respeitar a privacidade e os limites dos estudantes durante as oficinas de leitura, estando a mesma atenta a qualquer sinal de que o (a) aluno (a) esteja

desconfortável ou constrangido. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato da pesquisadora, para que faça seus esclarecimentos agora ou a qualquer período da proposta de intervenção. Em caso de dúvidas relacionadas às questões éticas ou em caso de reclamação ou qualquer denúncia sobre este projeto de pesquisa poderá entrar em contato com o Conselho de Ética da UEFS (CEP/UEFS) pelo telefone (75) 3161-8067 ou pelo e-mail para cep@uefs.br.

Feira de Santana - BA, _____ de _____ de _____

Assinatura do Responsável pelo participante da pesquisa

Graciele Simões Sampaio Dias – Professora pesquisadora

Profa. Dra. Flávia Aninger de Barros Rocha – Orientadora

ANEXO D- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do Menor – TALE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO MENOR
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 E 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

(Se tiver dificuldade com leitura pode pedir a alguém de sua confiança para ler esse Termo)

Caro aluno (ou aluna), você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa **QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO**, a ser desenvolvida no **Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda**, sob a responsabilidade da professora pesquisadora **Graciele Simões Sampaio Dias**, mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Essa pesquisa pretende trabalhar com oficina de leitura de contos literários, tornando as aulas de Língua Portuguesa mais dinâmicas. Seu objetivo é melhorar o desempenho do aluno na leitura e na compreensão de textos literários por meio da prática de oficinas de leitura com o gênero textual conto. Como está matriculado (a) no 8º ano do ensino fundamental II desta escola é importante conhecer mais profundamente o gênero conto e discutir sobre assuntos diversos contidos nas leituras. Você e seus colegas foram escolhidos (as) para participar deste projeto de pesquisa. Caso não tenha interesse neste estudo, você não será obrigado (a), pois é um direito que lhe cabe. Não haverá perda de aprendizagem ou prejuízo de nota, você só participa se quiser e se seu pai, mãe ou responsável legal também autorizar. Caso aceite participar, você terá a oportunidade, durante o projeto, de desenvolver, juntamente com seus colegas, algumas atividades como questionários, leitura de contos, dinâmicas, apresentações em grupo, produção de conto e de resenhas para serem expostas no mural da escola e no blog literário. A professora pesquisadora também realizará uma campanha de doação de livros para a sala de leitura da escola, você poderá ajudar na campanha, mas não é obrigado participar dessa atividade. É comum que alguns adolescentes se sintam envergonhados ou desconfortáveis para expor suas opiniões ou para apresentar trabalhos. Caso isso aconteça, a professora lhe procurará para uma conversa e encontrará outra maneira para que você participe do estudo, superando suas dificuldades. Sua participação nesta proposta de intervenção pode lhe ajudar a desenvolver o gosto pela literatura e melhorar seu desempenho na leitura na interpretação, e na escrita de textos. É bom informar que, durante a aplicação desta pesquisa, algumas conversas, dinâmicas e ações serão desenvolvidas para que você e seus colegas reflitam sobre questões éticas e sobre o respeito às diferenças e às opiniões dos outros. É importante destacar que você não terá nenhum gasto nem receberá pagamento para participar dessa pesquisa, todo material utilizado nas aulas será de responsabilidade da pesquisadora; entretanto, se houver algum prejuízo durante a proposta de intervenção você será reembolsado ou indenizado pela pesquisadora. Por meio deste documento, solicitamos sua participação nas atividades propostas, bem como a publicação de seus textos num blog e a divulgação de suas fotografias (tiradas do decorrer das atividades propostas) na culminância do projeto. Haverá publicação dos resultados da referida pesquisa, mas não se preocupe, o seu nome e o nome de seus colegas não serão revelados. Você poderá ter acesso aos resultados, assim que o material for publicado, pois uma cópia da dissertação ficará disponível na escola. As informações colhidas ficarão guardadas com a professora pesquisadora por um período de cinco anos, depois serão destruídas. Você receberá uma cópia deste termo e, se tiver algo que não tenha entendido, pode pedir explicação. Quaisquer dúvidas poderão ser esclarecidas pela pesquisadora **Graciele Simões Sampaio Dias**, que pode lhe atender na própria escola ou no Colegiado do Profletras situado na Av. Transnordestina, S/N – Bairro Novo Horizonte UEFS – Módulo 2, Prédio da Pós Graduação. Em caso de reclamação sobre questões éticas ou qualquer denúncia sobre este projeto de pesquisa poderá procurar o Conselho de Ética da UEFS (CEP/UEFS) pelo telefone (75) 3161-8067 ou pelo e-mail cep@uefs.br.

Feira de Santana - BA, _____ de _____ de _____

Assinatura do Aluno

Graciele Simões Sampaio Dias – Professora pesquisadora

Profa. Dra. Flávia Aninger de Barros Rocha – Orientadora

ANEXO E - Termo de compromisso do pesquisador



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS

Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte

Feira de Santana /BA - CEP 44.036-900

Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br

www.profletrasuefs.wordpress.com

Profletras
mestrado profissional

TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA

Eu, Graciele Simões Sampaio Dias, pesquisadora e aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, responsável pelo estudo intervencionista intitulado **QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA O ESPANTO**, sob a orientação da Profa. Dra. Flávia Aninger de Barros Rocha (UEFS), comprometo-me a observar e cumprir as normas da Resolução CNS nº 466/2012 e sua complementação nº 510/2016 em todas as fases da pesquisa.

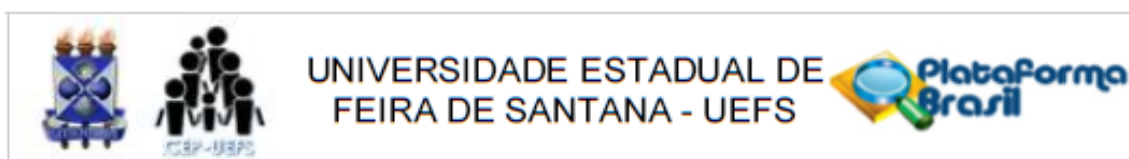
Feira de Santana, _____ de _____ de 2017.

Graciele Simões Sampaio Dias

Pesquisadora Responsável

CPF: 014.410.325-76

ANEXO F – Parecer do Comitê de Ética- página 1



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Quem conta um conto aumenta o encanto

Pesquisador: GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 79259217.2.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.498.748

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para avaliação da disciplina Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional, do Programa Nacional de Mestrado em Letras, do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, da mestranda Graciele Simões Sampaio Dias, sob orientação da Professora Doutora Flávia Aninger.

A pesquisa de intervenção segue a linha Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes e terá como tema o Letramento Literário, através da utilização do gênero Conto. A partir de oficinas de leitura, com atividades lúdicas diversas, pretende-se problematizar, analisar, intervir e avaliar a competência leitora de 20 alunos do 8º ano do ensino fundamental, do Colégio Estadual Cônego Cupertino de Lacerda" (Informações Básicas/Plataforma Brasil, p. 02).

"Metodologia Proposta: O método para a realização desse trabalho encontra-se sob a perspectiva de uma pesquisa de intervenção. A sequência didática desse projeto será detalhada da seguinte forma: a) Reunião com a turma, objeto da pesquisa, para a apresentação da proposta de estudo e debate a cerca das melhores formas de trabalharmos o gênero conto. b) Conversa com os alunos sobre as experiências que eles já tiveram com o gênero. c) A partir de informações colhidas nas etapas anteriores, apresenta-se com mais detalhe a forma do projeto, seus objetivos e sua metodologia. d) Estudo mais detalhado de todos os elementos que compõem o gênero conto. e)

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

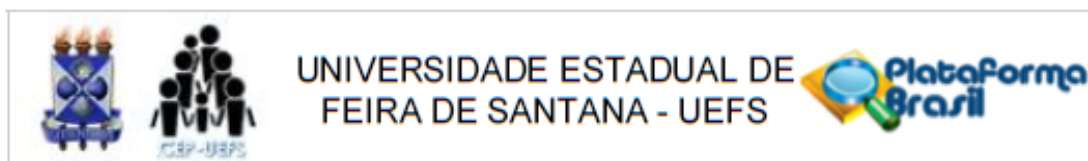
UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8067

E-mail: cep@uefs.br

ANEXO G – Parecer do Comitê de Ética- página 2



Continuação do Parecer: 2.498.748

Primeira produção dos alunos, em que eles receberão um conto sem o final da história, a tarefa deles será criar um final para o texto. f) Estudo mais aprofundado do gênero narrativo conto. Introdução aos módulos. g) Produção de um conto, que será veiculado em um suporte virtual (blog da disciplina) e produção de um mural (que será exposto na escola) com os contos produzidos e resenhas dos contos prediletos estudados na SD. h) Culminância - Entrega dos livros doados para a sala de leitura da escola e apresentação dos contos produzidos por alunos. Antes de chegarmos ao momento da SD, realizaremos previamente uma pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes, com o objetivo de conhecer mais profundamente sobre seus hábitos, crenças, projetos e histórico familiar. Dessa maneira, será possível selecionar textos narrativos mais interessantes para a discussão e problematização em classe; Nossa unidade escolar não possui biblioteca; contamos apenas com uma pequena sala de leitura, com algumas prateleiras de livros paradidáticos. O espaço físico não comporta um número significativo de estudantes, impossibilitando a frequência completa das turmas de ensino médio (em que há cerca de quarenta alunos por turma) e de algumas turmas do ensino fundamental. Nesse contexto, nosso projeto também organizará uma campanha de doação de livros, que mobilize professores e comunidade local, aumentando o acervo da escola, estimulando, dessa maneira, o encontro com a leitura" (Informações Básicas do Projeto pag. 02 e 03).

Apresenta cronograma com coleta de dados prevista entre março e maio de 2018 e orçamento estimado em R\$ 7.630,00, com contrapartida da instituição proponente: "Como contrapartida da Universidade Estadual de Feira de Santana o projeto conta com professor orientador, sala para encontros de orientação e acervo da biblioteca" (ofício; orçamento).

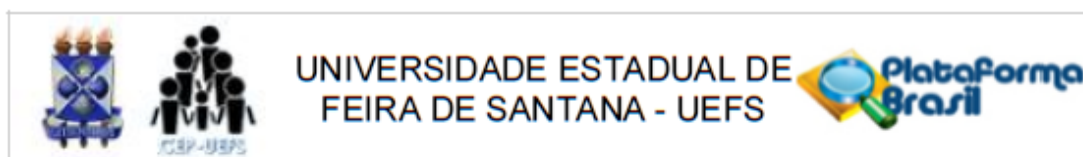
Objetivo da Pesquisa:

PRIMÁRIO: Favorecer o desenvolvimento da competência leitora por meio da prática de oficinas de letramento literário com o gênero textual conto (Informações básica/Plataforma Brasil, p. 02; Projeto completo; p. 08).

SECUNDÁRIOS: Ampliar o conhecimento do aluno a respeito das características básicas (conteúdo, composição e estilo) do gênero textual conto. Realizar atividades de produção escrita do gênero conto. Oportunizar ao aluno o contato com o texto literário do gênero conto, favorecendo a ampliação de seu conhecimento de mundo e sua capacidade interpretativa (Informações básica/Plataforma Brasil, p. 02; Projeto completo; p. 08).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br

ANEXO H – Parecer do Comitê de Ética- página 3



Continuação do Parecer: 2.498.748

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS: "O projeto será realizado exclusivamente no âmbito escolar, nos horários normais de aula, por isso os riscos são mínimos, mas existem. Como se trata de uma intervenção através de oficinas, será sugerido aos alunos a produção final de um conto (a ser exibido em um suporte virtual), apresentações em grupo. Esse tipo de exposição que poderá acarretar em constrangimento, que pode causar danos morais, psíquicos ou afetivos" (Informações básica/Plataforma Brasil, p. 03).

"Uma vez esclarecidos os objetivos, as coisas ruins (como constrangimento nas apresentações e na resposta do questionário) e boas que podem acontecer e entendendo que a participação não é obrigatória, é importante reforçar a possibilidade de desistência em qualquer momento do processo. Para tentar impedir que as coisas ruins citadas aconteçam a professora pesquisadora se compromete a respeitar a privacidade e os limites dos estudantes durante as oficinas de leitura, estando a mesma atenta a qualquer sinal de que o (a) aluno (a) esteja desconfortável ou constrangido" (TCLE).

"É comum que alguns adolescentes se sintam envergonhados ou desconfortáveis para expor suas opiniões ou para apresentar trabalhos. Caso isso aconteça, a professora lhe procurará para uma conversa e encontrará outra maneira para que você participe do estudo, superando suas dificuldades" (TALE)

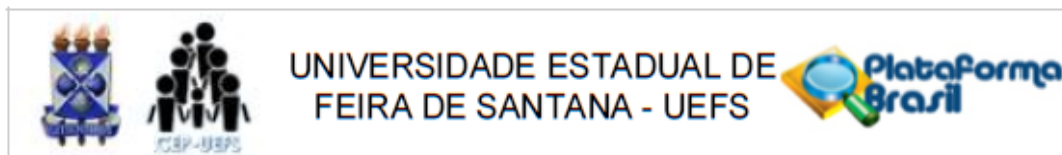
BENEFÍCIOS: "Oportunizar ao aluno o encontro com o texto literário, ampliando sua competência leitora e seu conhecimento de mundo" (Informações básica/Plataforma Brasil, p. 03).

"Torna-se necessário esclarecer que, ao aceitar a participação de seu filho (ou filha) nesta proposta de intervenção, o(a) senhor(a) estará colaborando para melhorar ao desempenho de leitura dele(a)" (TCLE).

"Sua participação nesta proposta de intervenção pode lhe ajudar a desenvolver o gosto pela literatura e melhorar seu desempenho na leitura na interpretação, e na escrita de textos. É bom informar que, durante a aplicação desta pesquisa, algumas conversas, dinâmicas e ações serão desenvolvidas para que você e seus colegas reflitam sobre questões éticas e sobre o respeito às diferenças e às opiniões dos outros" (TALE).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br

ANEXO I – Parecer do Comitê de Ética- página 4



Continuação do Parecer: 2.498.748

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa intervenção de caráter relevante, viável no que refere aos aspectos éticos da pesquisa, atendendo às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16.

Além da validade social e científica, o projeto possui suporte bibliográfico adequado, há relação entre o tema e a formação do Pesquisador Responsável, possui viabilidade técnica.

Considerações sobre os Temos de apresentação obrigatoria:

Protocolo completo, atendendo às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16. Foram anexados os seguintes documentos:

- 1) Folha de rosto com carimbo da responsável pela assinatura, sinalizando o cargo/função que exerce na instituição proponente;
- 2) Projeto completo;
- 3) Anuência da escola onde será realizada a pesquisa;
- 4) Declaração da pesquisadora colaboradora se comprometendo em observar as Resoluções 466/12 e 510/16;
- 5) Formulário de entrevista;
- 6) Fichas de avaliação;
- 7) Cronograma;
- 8) Orçamento;
- 9) TCLE;
- 10) TALE.

Recomendações:

Recomenda-se remover o cabeçalho e ajustar o tamanho da fonte da letra do TCLE e do TALE para tornar a leitura confortável.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

PROJETO APROVADO

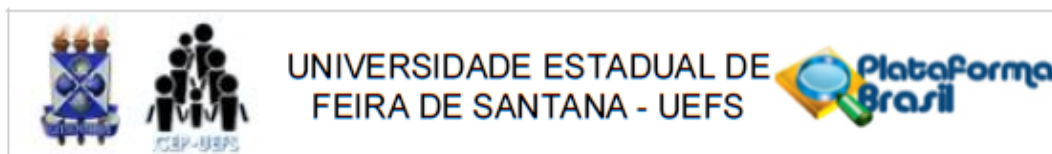
Após o atendimento das pendências, o projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 e a Resolução nº 510/16 (CNS).

Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res.

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br

ANEXO J – Parecer do Comitê de Ética- página 5



Continuação do Parecer: 2.498.748

466/12 e da Res. 510/16. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e a Res. 510/10, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1016223.pdf	05/01/2018 20:14:32		Aceito
Outros	oficio.docx	05/01/2018 20:12:22	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de pesquisa modificado.doc	05/01/2018 16:13:38	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	05/01/2018 16:12:35	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE novo.docx	05/01/2018 16:11:25	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE novo.docx	05/01/2018 16:10:51	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA novo.docx	05/01/2018 16:10:12	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
Folha de Rosto	folha de rosto nova.pdf	05/01/2018 16:09:24	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
Outros	fICHA_AVALIACAO.docx	24/10/2017 09:53:44	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Outros	questionario.docx	24/10/2017 09:53:24	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_diretor.pdf	24/10/2017 09:52:42	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao de orientacao.pdf	24/10/2017 09:52:18	LAURA BARRETO MIRANDA CAMPOS	Aceito
Declaração de	Declaracao Pesquisador.pdf	22/10/2017	GRACIELE SIMOES	Aceito

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

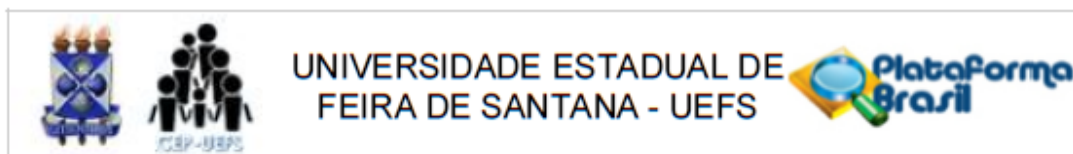
Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460

UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8067

E-mail: cep@uefs.br

ANEXO K – Parecer do Comitê de Ética- página 6



Continuação do Parecer: 2.498.748

Pesquisadores	DeclaracaoPesquisador.pdf	15:10:16	SAMPAIO DIAS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	22/10/2017 15:05:19	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	22/10/2017 15:04:46	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	22/10/2017 15:04:02	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisa.doc	22/10/2017 15:02:51	GRACIELE SIMOES SAMPAIO DIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 19 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
JEAN MARCEL OLIVEIRA ARAUJO
(Coordenador)

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8067 **E-mail:** cep@uefs.br